



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO – PRPG
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL – PPGHB

SIMONE FERREIRA DE ALBUQUERQUE

ENTRE POSES E IMAGENS:

**A MODA DA ELITE FEMININA EM TERESINA NA PRIMEIRA METADE DO
SÉCULO XX**

TERESINA
2016

SIMONE FERREIRA DE ALBUQUERQUE

ENTRE POSES E IMAGENS:

**A MODA DA ELITE FEMININA EM TERESINA NA PRIMEIRA METADE DO
SÉCULO XX**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, do Centro de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Piauí (UFPI), como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em História do Brasil.

Orientador: Prof^o. Dr^o. Manoel Ricardo Arraes Filho

TERESINA
2016

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco
Serviço de Processamento Técnico

A345e Albuquerque, Simone Ferreira de.
Entre poses e imagens: a moda da elite feminina em
Teresina na primeira metade do século XX / Simone
Ferreira de Albuquerque. – 2016.
114 f. : il.
Dissertação (Mestrado em História do Brasil) –
Universidade Federal do Piauí, 2016.
Orientação: Prof. Dr. Manoel Ricardo Arraes Filho.
1. Moda. 2. Mulher. 3. Teresina. 4. Modernidade. 5.
Sociabilidade. I. Título.

CDD 301.009

SIMONE FERREIRA DE ALBUQUERQUE

ENTRE POSES E IMAGENS:

**A MODA DA ELITE FEMININA EM TERESINA NA PRIMEIRA METADE DO
SÉCULO XX**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, do Centro de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Piauí (UFPI), como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em História do Brasil.

Orientador: Prof^o. Dr^o. Manoel Ricardo Arraes Filho

Aprovada em 31 de agosto de 2016.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^o. Dr^o. Manoel Ricardo Arraes Filho (Orientador)
Universidade Federal do Piauí – UFPI

Prof^a. Dr^a Antônia Valtéria Melo Alvarenga (Examinador Externo)
Universidade Estadual do Piauí – UESPI

Prof^o. Dr^o. Pedro Vilarinho Castelo Branco (Examinador Interno)
Universidade Federal do Piauí - UFPI.

Prof^a. Dr^a. Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz (Suplente)
Universidade Federal do Piauí - UFPI.

Teresina
2016

Aos amigos (as), familiares, colegas de trabalho e de mestrado, professores (as) e todos aqueles (as) que fizeram parte da minha vida durante esse processo, participando, contribuindo e estimulando de alguma forma, sua construção e concretização

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente a Deus, pelo dom da minha vida;

A todos os professores do PPGHB que compartilharam comigo seus conhecimentos e que me permitiram experienciar o mundo dos historiadores;

Aos meus colegas do PPGHB, Turmas 10 e 11 pelo auxílio e incentivo nas atividades desenvolvidas durante o mestrado; pela amizade e pelos bons momentos;

A Sr^a. Eliete de B. Araújo e Floriano e a Rairana Moreira M. Mousinho pelas informações prestadas, pela disponibilidade em esclarecer minhas dúvidas e especialmente pelo incentivo durante o processo de seleção para o mestrado;

Aos colegas do Curso de Bacharelado Moda, Design e Estilismo da Universidade Federal do Piauí - UFPI pelo apoio;

Às Profs. Elisângela Cardoso e Teresinha Queiroz pela valorosa contribuição ao meu texto de qualificação;

Ao Prof. Ricardo Arraes, pelas contribuições;

Ao meu esposo Antônio Luís C. Vasconcelos Junior e a minha filha Beatriz de Albuquerque Vasconcelos pelo apoio e compreensão durante toda essa trajetória, por entenderem a minha ausência devido a minha necessidade de estudar e de escrever;

A todos aqueles que contribuíram comigo, cedendo gentilmente seus tesouros mais valiosos, lembranças de família guardadas para além do tempo, as fotografias;

Aos meus pais, por tudo.

RESUMO

O presente trabalho é um estudo de natureza histórico-documental que objetiva determinar como a moda difundida nos grandes centros do mundo na primeira metade do século XX, período marcado por ideias de urbanização, modernização, sociabilidade e civilidade, chega à Teresina. Enfim como essa moda se difundia e, como ela era absorvida pelas mulheres da elite local. Utilizamos como fontes primárias de investigação jornais e periódicos além de fotografias. Como suporte teórico do trabalho nos baseamos nos conceitos de modernização e modernidade de Marshall Bergman (1996), nas ideias de sociabilidade de Jean Baechler (1996), nas noções de civilidade de Norbert Elias (2001, 2011) e nos conceitos de moda de Lipovetsky (2009). Também foram referência os estudos de Queiroz (2006) e Tajra (2014) sobre a economia e comércio local além dos trabalhos de Castelo Branco (1994, 2002, 2006, 2013), Cardoso (2010, 2012), Costa (2009), Britto (1977), Monteiro (2015) e tantos outros acerca da cidade. A pesquisa foi proposta como forma de contar a história da cidade e das mulheres através da moda uma vez que não há disponível estudos sobre o tema em Teresina neste período. Assim, procuramos contribuir para a construção de um acervo histórico, iconográfico e sociológico sobre a moda no estado que possa despertar o interesse de estudantes, pesquisadores e da sociedade em geral. A conclusão é de que a moda difundida nos grandes centros que chegava à Teresina por meio do cinema, de revistas e até mesmo através das crônicas e das propagandas de moda existentes nos jornais locais, era logo aceita pelas mulheres da elite local, embora tenha sido observada de forma mais característica nas décadas de 1920 e 1940.

Palavras-chave: Moda. Mulher. Teresina. Modernidade. Sociabilidade.

ABSTRACT

This paper is a study of historical-documentary nature that aims to determine how the fashion that was spread in the world's great fashion centers in the first half of the twentieth century, a period marked by several changes in major Brazilian cities, ideas such as urbanization, modernization, sociability and civility first came to Teresina, the way that trend was spreading around and how it was seen and absorbed by the women of the local elite. Newspapers and periodicals as well as photographs were used as primary sources of research, and to give theoretical support to the work we relied it on the concepts of modernization and modernity, Marshall Bergman (1996), the sociability of ideas of Jean Baechler (1996), the Norbert Elias civility notions (2011) and the Lipovetsky concept of fashion, making use of these concepts for the construction of the conception of this tripod that permeates throughout the paper. It was also used as a reference the studies by Queiroz (2006) and Tajra (2014) on the economy and Teresina trade beyond the Castelo Branco works (1994, 2002, 2006, 2013), Cardoso (2010, 2012), Costa (2009) Britto (1977), Monteiro (2015) and many others about the city. The research was proposed as a way to tell the story of the city and women through fashion since there are few studies about fashion in Teresina. this period contributing to the construction of a historical and sociological collection on the fashion of the state, which will ignite the interest of students, researchers and society in general, to recognize that in fashion, the relationships extend beyond the clothes, reaching the conclusion that fashion, widespread in large cities, arrived in Teresina through cinema, magazines and even through chronic and in fashion advertisements, local newspapers and that it was quickly accepted by the local women from the elite, although it has been observed more characteristically in the 1920's and 1940's.

Keywords: Fashion. Woman. Teresina. Modernity. Sociability.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1- Caminhão da limpeza municipal, funcionários e o chefe de serviço.....	14
FIGURA 2- Usina Elétrica em 1914.....	16
FIGURA 3- Anúncio da loja.....	17
FIGURA 4- Anúncio da loja.....	17
FIGURA 5- Primeiro ônibus de Teresina.....	19
FIGURA 6- Um dos primeiros bondes a motor de Teresina, final da década de 1920.....	19
FIGURA 7- Primeiro bonde que circulou em Teresina, em 1927.....	20
FIGURA 8- Loja Centro Elegante – Comércio de Therezina de 1918-1919.....	24
FIGURA 9- LojasVenesiana.....	25
FIGURA 10- Fachada do estabelecimento comercial do <i>Au Bon Marché</i>	26
FIGURA 11- Loja Londres na América.....	26
FIGURA 12- Companhia de Fiação e Tecidos Piauyense (1918-1919).....	27
FIGURA 13- Anúncios de serviço de alfaiate.....	28
FIGURA 14- Anúncios de serviço de alfaiate.....	28
FIGURA 15- Anúncios de prestadores de serviços	28
FIGURA 16- Anúncios de prestadores de serviços.....	28
FIGURA 17- Anúncios de máquinas de costura nova e usada.....	29
FIGURA 18- Anúncios de máquinas de costura nova e usada.....	29
FIGURA 19- Anúncio de máquina de costura Singer.....	29
FIGURA 20- Família Campos em viagem a Araxá, em 1942.....	30
FIGURA 21- Rapazes do Colégio Diocesano em Teresina com um exemplar da Revista <i>O Cruzeiro</i> , provavelmente na década de 1920.....	33
FIGURA 22- <i>Jornal das Moças</i> , nº 538 de 1925.....	34
FIGURA 23- Páginas do <i>Jornal das Moças</i> nº 1021 de 1935.....	35
FIGURA 24- Revista <i>Fon Fon</i> de 1935.....	36
FIGURA 25-Revista <i>Fon Fon</i> de 1935.....	36
FIGURA 26- Encarte da Revista <i>Fon Fon</i>	36
FIGURA 27- Imagens da Revista <i>Fon Fon</i>;	37
FIGURA 28- Imagens da Revista <i>Fon Fon</i>	37
FIGURA 29- Engenheiro Alfredo Modrach e família.....	39
FIGURA 30- Jeremias e Eulina Area Leão com sua família.....	42
FIGURA 31- Antônia de Area Leão, <i>Miss Piauí</i> em 1929.....	43
FIGURA 32- Antônia de Area Leão no Rio de Janeiro.....	44
FIGURA 33- Dóca Castelo Branco.....	45
FIGURA 34- Alunas em Teresina na prática de esportes.....	46
FIGURA 35- Família de Eurípedes de Aguiar.....	47
FIGURA 36- Professoras e alunos no pátio da Escola Normal no ano de 1935.....	50
FIGURA 37- Zoraide Batista Mendonça em 1947.....	53
FIGURA 38- Anúncios com oferta de trabalho.....	54
FIGURA 39- Anúncios com oferta de trabalho.....	54
FIGURA 40- Jardins da Praça Rio Branco em 1918.....	57
FIGURA 41- Praça Rio Branco nos anos de 1950.....	57
FIGURA 42- Anúncio do Café Internacional.....	60
FIGURA 43- Chá dançante no Clube dos Diários em 1924.....	61
FIGURA 44- Anúncio da divulgação de Baile em noite de Réveillon no Clube dos Diários.....	62

FIGURA 45- Francisco Alves de Paiva e Alípa Alves de Paiva - século XIX.....	66
FIGURA 46- Grupo de mulheres em Teresina no século XIX.....	67
FIGURA 47- Casal Tajra em 1910 em Teresina.....	68
FIGURA 48- Urbana Pereira Leite na década de 1910.....	71
FIGURA 49- Manchete do Jornal <i>O Arrebol</i> de 1925.....	73
FIGURA 50- Senhorita Hortelina de Sousa Lira.....	74
FIGURA 51- Senhorita desconhecida, Teresina na década de 1920.....	74
FIGURA 52- Senhorita Didizinha Castelo Branco.....	74
FIGURA 53- Senhorita Ruth Castelo Branco.....	74
FIGURA 54- Almofadinhas e melindrosas nas ruas de Teresina nos anos de 1920.....	75
FIGURA 55- Da Costa e Silva, esposa e amigos.....	76
FIGURA 56- Senhoras da sociedade Teresinense com o governador do Maranhão.....	77
FIGURA 57- Antônia Area Leão.....	78
FIGURA 58- Antônia Area Leão.....	78
FIGURA 59- Senhoritas da Família Couto na década de 1920.....	79
FIGURA 60- Capa do <i>Jornal das Moças</i> , edição 1018 de 1934.....	81
FIGURA 61- Alunas com uniforme de Educação Física.....	82
FIGURA 62- Excursão teresinense à Parnaíba.....	83
FIGURA 63- Família de imigrantes em Teresina na década de 1930.....	84
FIGURA 64- Irmãs Aretuza e Olga Fortes.....	84
FIGURA 65- Elaine Fortes.....	84
FIGURA 66- Elisa Silveira, <i>Miss Piauí</i> na década de 1930.....	85
FIGURA 67- Teresinenses no aeroporto de Teresina em 1939.....	86
FIGURA 68- <i>Miss Piauí</i> na década de 1930.....	87
FIGURA 69- Senhoritas teresinenses em 1939.....	88
FIGURA 70- Anúncio indicando uma das justificativas da estagnação da moda na década de 1940 em Teresina.....	89
FIGURA 71- Moças teresinenses frequentando as praças na década de 1930.....	90
FIGURA 73- Genu Moraes, na década de 1930.....	91
FIGURA 74- Lísia e Lhis Cruz com seu cachorro Tupi exibindo roupas com estilo militar.....	93
FIGURA 75- Lhis Cruz e familiares.....	94
FIGURA 76- Lísia Cruz.....	94
FIGURA 77- Anfrísio Lobão, Alzira, Amalita e uma amiga, em 1944.....	94
FIGURA 78- Genu Moraes e amigas na Praça Pedro II em 1946.....	95
FIGURA 79- Maria Heloísa Lobão em 1941.....	96
FIGURA 80- Genu Moraes.....	97

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	6
1 A CIDADE DE TERESINA E A MODA	12
1.1 Modernização da cidade	12
1.2 Moda: comércio, consumo e difusão	21
2 FEMINILIDADE, SOCIABILIDADES E CIVILIDADES NA TERESINA MODERNA	39
2.1 A Moda na produção da Feminilidade	39
2.2 Escolaridade e Mercado de Trabalho	49
2.3 Cidade, Moda, Sociabilidade e Civilidade	55
3 VESTUÁRIO DA MULHER DA ELITE EM TERESINA	67
3.1 Transformações e permanências no vestuário: o consumo dos novos padrões	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
REFERÊNCIAS	104
FONTES	108
Instituições de Pesquisa	108
Jornais Consultados	108

APRESENTAÇÃO

Sabe-se que no período de transição do século XIX para o XX tivemos no Brasil uma época caracterizada por reformas nas principais cidades brasileiras, que procuraram acompanhar os avanços que ocorriam na Europa e nos Estados Unidos, na área de urbanismo. As ideias do novo, do moderno e do civilizado que se difundiam pelo ocidente, também contribuíram para marcar os traços da urbanização das cidades brasileiras com a criação de novos espaços e instituição de novos hábitos, costumes, formas de se vestir e de se relacionar com a moda. Foi uma época em que se deviam evidenciar os bons costumes e a beleza.

Teresina, embora não fosse ainda uma grande cidade, também recebeu, incorporou e adaptou as ideias de urbanização, modernização, sociabilidade e civilidade então difundidas alhures. Embora isso tenha ocorrido de forma lenta, por meio de alguns setores das elites teresinenses, a saber: os recém-formados, os bacharéis, os médicos e os intelectuais de forma geral. Estes segmentos uniram-se aos aparelhos do Estado por uma modernização efetiva dos espaços da cidade.

Buscando compreender melhor esse período, foi que propomos a pesquisa que deu ensejo ao texto desta dissertação. Dispomo-nos a contribuir com a história da cidade e com a história das mulheres de Teresina na passagem na primeira metade do século XX. Embora sobre essas temáticas já exista razoável produção historiográfica, justificamos a necessidade da pesquisa pelo fato de incluir, nesse debate, o fenômeno da moda, analisando a dinâmica histórica vivida por Teresina da primeira metade do século XX, através de um aspecto pouco explorado pela historiografia local. A partir dessa constatação, procurou-se relacionar a moda com a cidade, com a civilidade, com a modernidade e com a sociabilidade através dos discursos produzidos por cronistas e também das imagens e fotografias da época.

Outro aspecto a justificar a escolha do tema é a contribuição para a construção de um acervo histórico e sociológico sobre a moda da cidade, que venha a despertar o interesse de estudantes, pesquisadores e da sociedade em geral sobre o tema, de forma que lhes permitam enxergarem nos domínios da moda, relações que se estendem para além das roupas. A moda, para esse estudo, abrange o vestuário, os hábitos, os costumes por se entender que todos esses aspectos constituem-se como meios universais de comunicação, por ser uma importante área de produção e expressão da cultura contemporânea, estando diretamente ligada aos usos e costumes do cotidiano.

Portanto, objetiva-se poder oferecer com o conhecimento aqui produzido, suporte ao ensino e ao estudo da moda nos diversos cursos de Moda e Design existentes nesta capital,

que surgiram a partir da necessidade de abastecer com mão de obra qualificada o mercado da indústria de confecção no Estado, atualmente em ascensão e, ainda, aos que nos campos da história, da sociologia ou de outras áreas do saber se interessem por esse fenômeno bastante difundido na modernidade.

Como já dito em linhas anteriores, a proposta desse trabalho foi analisar como a moda difundida nos grandes centros chegava à Teresina e como esta se difundia entre os estratos sociais de elite, como passava a integrar o modo de vida das pessoas: sua sociabilidade, a forma de morar, de vestir, de se relacionar com os novos hábitos e costumes, com o comércio e a economia da cidade. Como a moda era vista e absorvida pelas mulheres da elite em um cenário marcado pelo desejo do moderno e do civilizado.

Mais especificamente, tomou-se como objeto de estudo a moda das mulheres da elite de Teresina na primeira metade do século XX, procurando identificar nesse fenômeno, reflexo das mudanças vividas pelas mulheres no período. Optou-se pelas mulheres de elite, visto ser essa a parcela da população que detinha maior interesse e poderio econômico para adquirir e acompanhar a moda ditada pelos grandes centros do país e do mundo.

No que tange ao recorte espacial e temporal, escolhemos Teresina visando contribuir para o conhecimento de nossa história na primeira metade do século XX, quando ocorreram complexas transformações no modo de pensar e vivenciar a moda. Costa (2009) nos diz que, naquele período, Teresina passava por um processo modernizador onde se propagava o embelezamento da cidade através da urbanização, da arborização e do embelezamento da população através da moda.

Para a construção do referencial teórico, baseamo-nos nos conceitos de modernização e modernidade de Marshall Bergman¹, nos conceitos de moda de Lipovetsky (2009), nas ideias de sociabilidade de Jean Baechler² e nas noções de civilidade presentes na obra de Norbert Elias (2001, 2011)³. Também foram referências os estudos de Queiroz (2006) e Tajra (2014) sobre a economia e comércio de Teresina, além dos trabalhos de Castelo Branco (1994, 2002, 2006, 2013); Cardoso (2010, 2012); Costa (2009); Nascimento (2002); Britto (1977); Monteiro (2015) e outros acerca dos aspectos sociais e culturais da cidade de

¹Marshall Bergman caracteriza modernização como todo e qualquer tipo de mudança estrutural ou tecnológica na cidade diferentemente de modernidade que se refere ao experienciar das sensações advindas com a modernização pela população.

²Usando o termo sociabilidade, mas se referindo à civilidade de Norbert Elias temos Jean Baechler, referindo-se às diferentes formas de se relacionar nos espaços públicos com o intuito de firmar laços através do convívio social.

³O termo civilidade traz para Norbert Elias a noção de futuro, de progresso e se opõe ao passado, ao atraso e a barbárie, referindo-se a tudo o que é novo: o desenvolvimento científico e tecnológico, as ideias religiosas, os modos de comer ou mesmo de se relacionar.

Teresina. E, finalmente, como fontes primárias para a pesquisa, utilizamos um vasto acervo de fotografias cedidas por famílias da elite teresinense e outras obtidas por meios eletrônicos, bem como os jornais que circulavam na cidade à época.

A escolha das referidas fontes deu-se por estarem ao nosso alcance e nos possibilitar a coleta de dados e informações necessárias acerca do vestir na capital ou sobre aspectos do processo de modernização da cidade. Ademais, acreditamos que no âmbito do estudo da moda, as vestimentas produzidas a partir de material têxtil, que são fonte ideal para a pesquisa, em raras condições, consegue sobreviver ao desgaste do tempo e das intempéries como deixa claro Peter Burke (2004) ao nos informar que as roupas são especialmente valiosas na reconstrução da cultura cotidiana de pessoas comuns, mas que são construídas com materiais que não são destinados a durar.

Metodologicamente, este estudo concretizou-se pela interlocução com os diversos autores que compuseram o referencial teórico da pesquisa, para, em seguida, realizarmos a análise das fontes – jornais, revistas, fotografias, etc. Os jornais utilizados na pesquisa foram disponibilizados, em forma digital, em *Portable Document Format* (PDF), pelo Arquivo Público do Piauí - Casa Anísio Brito, Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e pelo NUJOC – Núcleo de Jornalismo e Comunicação da Universidade Federal do Piauí. De posse desse material, realizou-se um agrupamento cronológico desses jornais, separando-os por décadas, constituindo-se então em cinco grupos que correspondiam aos períodos compreendidos entre 1901 e 1910; 1911 e 1920; 1921 e 1930; 1931 e 1940; 1941 e 1950. Os jornais foram lidos e as notícias selecionadas, tomando por base a pertinência das crônicas e das propagandas veiculadas com o tema estudado. Concluído o processo de seleção, foi realizada a análise dos dados e o material resultante da pesquisa foi utilizado como complementação para as fontes escritas de pesquisa já existentes.

Na segunda fase, procedeu-se com a exploração dos conteúdos fornecidos pelas fotografias seguindo os itens a serem analisados de acordo com a análise de conteúdo de Laurence Bardin (1977) e Roque Moraes (1999), finalmente, com o apoio dos resultados brutos, procuramos torná-los significativos e válidos. Utilizando técnicas quantitativas e qualitativas, os resultados foram condensados para chegar-se a algumas possíveis conclusões da pesquisa proposta.

O texto resultante dessa pesquisa apresenta-se então estruturado em três capítulos. No capítulo 1, analisou-se a modernização de Teresina na primeira metade do século XX, a partir dos relatos dos cronistas, em sua maioria, letrados, originários da elite urbana, constituídos, principalmente, de bacharéis de direito, médicos e engenheiros, cujas falas estão presentes em

jornais da época. Da mesma forma, utilizamos textos de autores como Castelo Branco, Queiroz, Costa, Britto que discutem sobre a vida social, cultural e econômica da cidade nesse período. A construção desse capítulo obteve suporte nos conceitos de modernização e de modernidade de Marshall Berman (1996) que entende a modernização como uma série de mudanças tecnológicas e estruturais que implicam em novas configurações sociais. Amparou-se, também, nos conceitos de sociabilidade de Jean Baechler e nos conceitos de civilidade de Norbert Elias.

Iniciamos o referido capítulo analisando a economia piauiense, com a dinâmica do extrativismo vegetal, que afetou não só a estrutura urbana da cidade, mas também, deu nova vida ao comércio local, promovendo ao Estado do Piauí uma conexão nacional e internacional que possibilitou o acesso à moda. Procurou-se, então, perceber não só a estrutura urbana da cidade, como também a influência da modernização na sociabilidade da população e no seu modo de se vestir. Estes aspectos contribuíram diretamente para a instauração de um novo tipo de comércio na capital: o comércio das novas modas.

Seguimos então com as mudanças estruturais que ocorreram na cidade de Teresina, isto é, na parte física da cidade, a exemplo da energia elétrica, da água encanada, da telefonia, das ruas calçadas, da implantação do bonde, da construção de praças, do surgimento dos cinemas, dos bares, dos restaurantes, etc., que se constituíam então em espaços que privilegiavam o novo, as alterações de hábitos, como também a moda e as mudanças na vida e no comportamento da população levando-a a novas sociabilidades, a sociabilidade de Jean Baechler.

A moda que se refletiu na vida e no comportamento das mulheres. Aquela que possibilitou que a mulher deixasse o espaço do lar para inserir-se em outros ambientes, a ir às compras, frequentar as praças, os cinemas, os restaurantes, entre outros. Enfim, a se sociabilizar. Não só a mulher, mas a população de uma forma geral, nesse momento, cria novos hábitos. Além desses, outros hábitos são criados: os hábitos civilizatórios de Norbert Elias, os novos hábitos de sentar-se à mesa, de comer, de higiene, de se vestir, de caminhar, etc. E assim surge a modernidade, segundo Marshall Bergman (1996), um experimentar das sensações que os novos aparatos técnicos puderam proporcionar a população como o cinema, o automóvel e o bonde, os eletrodomésticos, entre outros.

No capítulo 2, analisamos o debate que havia na imprensa, por meio dos cronistas, em torno da relação entre moda e feminilidade. Tanto aqui como em todo o trabalho ao nos referirmos à moda estamos tratando de roupa, calçados e acessórios, nos referimos também aos hábitos, costumes, jeitos de ser... Para tratar de moda nos reportamos aos conceitos de

Lipovetsky (2009). De acordo com o autor, a moda é um sistema cíclico ou helicoidal de mudanças. É temporal e efêmera, dada sua variabilidade e mutabilidade no tempo. Sua dinâmica de funcionamento é pautada em uma obsolescência programada, pela inovação constante de seus objetos, contudo, se relaciona também com os sujeitos, seus modos de interação e sociabilidade, às noções de individualismo e coletividade. Ou seja, utilizaremos o termo *moda* para indicar que as mulheres da sociedade teresinense estavam aderindo a um determinado padrão de roupas, sapatos e acessórios para se diferenciarem de uma determinada parcela da população, ao mesmo tempo em que, tentavam se igualar e também se destacar da outra parte da população, aquela onde estavam seus pares, reconhecendo-se.

Utilizamos-nos das crônicas para problematizar a atitude das mulheres em relação às novas modas, especialmente aquelas presentes na década de 1920. Em seguida, focalizamos o processo de escolarização feminina, evidenciando a articulação dessa escolaridade com a expectativa de trabalho e sua relação com a circulação feminina no espaço público e no consumo de moda. Salientamos ainda, a importância da transmissão dos saberes de agulha no período. Na sequência, discorremos sobre a inserção feminina no mercado de trabalho, cujas categorias profissionais mais significativas eram as de professoras, enfermeiras, visitadoras sanitárias, funcionárias públicas e costureiras.

Ainda no segundo capítulo, destacamos a moda como um fator de sociabilidade e de civilidade que marcam a movimentação feminina pela cidade. As mulheres passaram a desfrutar do espaço público. Ampliaram-se os espaços de sociabilidade na cidade e, conseqüentemente, a presença feminina nos espaços urbanos, momento em que se passa a perceber a adaptação do vestuário feminino à nova realidade da mulher.

No capítulo 3, intitulado *Vestuário da mulher da elite em Teresina* focamos nas transformações ocorridas no campo do vestuário e no consumo dos novos padrões por meio de uma descrição detalhada das vestes, dos calçados e dos acessórios difundidos nos grandes centros do mundo que fizeram parte de cada década, associando essas transformações ao contexto histórico que levava a necessidade de uma mudança real nas formas das vestes para que as mulheres pudessem desempenhar um determinado papel e/ou função. Demonstramos, por meio dos resultados obtidos com a pesquisa e a coleta de dados, a moda em uso naquele período, a aceitação pelas mulheres da elite teresinense dos novos padrões, como também apontamos a crítica/recepção à moda pela população geral, o mal-estar diante da sedução que a moda exercia sobre as mulheres e, para finalizar, destacamos as transformações e as permanências que essas mudanças trouxeram.

E, finalmente, concluimos que tanto a moda como os novos hábitos e comportamentos difundidos pelos grandes centros produtores mundiais chegavam à Teresina e eram logo absorvidos pela elite feminina. Esta elite consumia e exigia do comércio local os artigos de moda e, este fato, ficou claro durante toda a primeira metade do século, principalmente, nas décadas de 1920 e 1940.

1 A CIDADE DE TERESINA E A MODA

1.1 Modernização da cidade

A primeira metade do século XX foi um período marcado por guerras, revoluções e reformas sociais e econômicas nas principais cidades da Europa, dos Estados Unidos, como também nas grandes cidades brasileiras. Tais acontecimentos foram fundamentais para o estabelecimento de uma nova ordem econômica, social, política e cultural, tendo como uma de suas consequências, alterações na arquitetura e urbanização das cidades, que intensificaram o processo de modernização.

A transformação que acontecia nas cidades brasileiras era fruto do desejo das elites que queriam se inserir no cenário de modernidade difundidos no mundo e, para tanto, uma das exigências era a remodelação na estrutura física das cidades e nos hábitos da população (FEIJÃO, 2011). Foi nesse momento que se observou uma relação da sociedade moderna com a moda do vestuário se consolidando (POLLINI, 2007).

Teresina, capital do Estado do Piauí, situada no centro-norte do Brasil, distante geograficamente das grandes capitais brasileiras, não apresentou a mesma dinâmica de desenvolvimento urbano que se viu nestas outras cidades. Sua inclusão no mundo moderno foi lenta, em decorrência de vários fatores: falta de investimentos público e privado, baixa inserção da cidade no processo capitalista, além do que as novas tecnologias chegavam quase sempre de forma tardia a esta capital.

Porém, o desejo de modernização contagiava o mundo, e apesar de não poder ser definida como uma experiência moderna típica, a elite teresinense não deixava de acompanhar as mudanças que aconteciam na estrutura das outras grandes cidades, nos hábitos e nos comportamentos, agora mais refinados e civilizados, e ansiava por absorver as novidades que estavam revolucionando o mundo, especialmente a Europa. Almejava, portanto, um projeto modernizador que eliminasse o velho e o tradicional da cidade e que disciplinasse os espaços e seus moradores (NUNES, 2013).

Os jornais locais, a exemplo dos jornais *O Arrebol* e *Gazeta* das décadas de 1910 e 1920, deixaram evidente que a elite intelectual teresinense estava insatisfeita com a direção que estava tomando a capital do Piauí. Seus representantes, bacharéis, médicos e recém-formados, reivindicavam melhorias gerais para o município, principalmente, as relacionadas à infraestrutura básica. Aos poucos, a cidade foi recebendo uma arquitetura com traços relativamente modernos.

As mudanças estruturais ocorridas na cidade levaram algum tempo até se concretizarem, embora se possa observar que, desde sua fundação, em 1852, seus idealizadores tenham desejado que Teresina se caracterizasse como uma cidade moderna. Esse crescimento foi estimulado pelo afloramento dos terrenos localizados em ruas planejadas, no centro da cidade. Muitas famílias receberam lotes com área de uma quadra inteira para suas residências (LIMA, 2002).

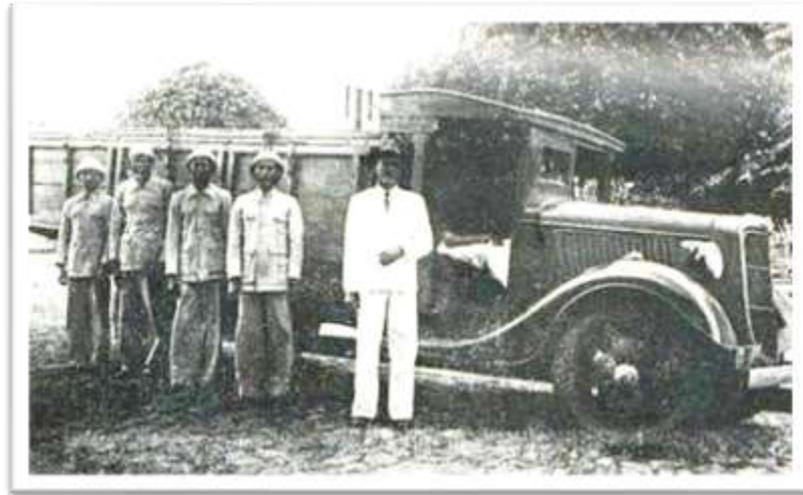
Teresina, no início do século XX, ainda era uma cidade provinciana, mas já se percebia que se instaurava um processo de mudança. Em 1902, Antonino Freire, engenheiro formado pela escola técnica da Bahia, foi nomeado diretor de Obras Públicas, Terras e Colonização e produziu algumas modificações na fisionomia de diversas edificações da cidade, tanto públicas quanto privadas.

Em 1905, foi reinaugurado o prédio da Delegacia que ganhara novas feições. Em 1908, iniciou-se a construção do prédio do Asylo de Alienados, na Praça de Marte, e do novo edifício da Assembleia Legislativa, na Praça Deodoro (KRUEL, 2015). Entre 1905 e 1908, deu-se início ao processo mais intenso de urbanização da cidade e higienização das ruas, resultando em diversas reformas na região central. No centro da cidade, predominavam as casas de palha ou de pau-a-pique, mas que já se exigia a construção de casas de alvenaria. Os serviços básicos de energia, saneamento básico, água encanada, telefonia e coleta de lixo já eram reivindicados (NASCIMENTO, 2002; MONTEIRO, 1987).

Em 1909, foi implantado o abastecimento de água e telefonia. Em 1910, foi lançado um novo código de postura (o segundo), que proibia a criação de animais como porcos e galinhas nos quintais, hábito comum em Teresina. Também na mesma data foi inaugurado o novo matadouro público, o mercado público e os serviços de iluminação elétrica, considerado um dos maiores símbolos da modernização e do progresso de Teresina, pois permitia que se prolongasse o tempo de trabalho, da rua, da vida urbana. Em 1911, a capital adquiriu seu primeiro veículo para a coleta de lixo (TITO FILHO, 1986).

Na *Figura 01*, pode-se visualizar o primeiro caminhão da cidade de Teresina para a coleta de lixo. Observa-se também, inclusive, o emprego de uniformes para os funcionários que realizavam esse trabalho. A vestimenta de um deles destaca-se nitidamente daquela dos demais, configurando-se em uma roupa mais formal, sendo composta por calça comprida, camisa, terno, gravata e, ainda, sapato social, tratando-se, talvez, de chefe do serviço.

Figura 01: Caminhão da limpeza municipal, funcionários e o chefe do serviço.



Fonte: Acervo de Eliane Aragão ⁴

Com o crescimento das indústrias automobilística e elétrica na Europa, nas duas primeiras décadas do século XX, que permitiu a valorização dos produtos oriundos do extrativismo vegetal, o Piauí iniciou o comércio de produtos extrativistas, passando a negociar a borracha da maniçoba, a cera de carnaúba e o babaçu, com cidades de Estados vizinhos como Pernambuco, Maranhão, Ceará e Bahia e também com países como Alemanha, Inglaterra, Estados Unidos e França, tornando o extrativismo principal alicerce econômico do Estado (QUEIROZ, 2006).

Essa mudança na economia do Estado possibilitou a integração comercial de Teresina e as primeiras mudanças urbanas reais na cidade, configurando-se, então, em um processo de modernização em efetivação. Dessa forma, impulsionado pelo ciclo da maniçoba, o extrativismo foi o fator determinante do progresso de várias cidades do Piauí nas décadas de 1920, 1930 e 1940, fazendo surgir novos grupos sociais e novos padrões de riqueza (QUEIROZ, 2006).

A cera de carnaúba assumia, a partir de 1914, destaque nas finanças, juntamente com o algodão, que já era exportado, e o babaçu, tornaram-se o principal produto de exportação do Piauí. Sua exportação, a partir de então, só cresceu, tendo como principais destinos Inglaterra, Estados Unidos, França e Alemanha. Esse comércio permitiu a Parnaíba e Teresina, maiores centros econômicos e comerciais do Estado, também tornarem-se centros de consumo de moda.

⁴Cf. <https://www.facebook.com/272388342841711/photos/pb.272388342841711.-2207520000.1456690633>. Acesso em outubro de 2014.

Acreditamos que essas cidades também se mantiveram integradas ao chamado sistema de moda internacional, pois o comércio de moda dessas cidades já contava com um variado número de artigos de vestuário de luxo que vinham dos principais centros difusores da moda. Já se divulgava nos jornais locais⁵ inúmeros anúncios de artigos de moda e de lojas que comercializavam tais produtos.

O aumento provocado pelos produtos do extrativismo na receita do Estado possibilitou as primeiras mudanças urbanas na infraestrutura básica da cidade. Há muito eram solicitadas pela população, que chegaram efetivamente em 1915, como a instalação e a melhoria de alguns serviços públicos: luz elétrica, sistemas de esgoto, água, etc. Algumas mudanças estruturais estavam se concretizando. Essas se intensificavam com o avanço da economia e com o crescimento do comércio local que se consolidava com as relações sociais que se estabeleciam (QUEIROZ, 2006).

Com a urbanização e a iluminação elétrica, Teresina ganhou um local apropriado para o passeio público: a Praça Rio Branco, localizada em um ponto central da cidade, tendo como referência a Igreja do Amparo. O local tornou-se um novo espaço para a sociabilidade e para a exibição dos costumes e dos produtos da moda. Essas melhorias e transformações urbanísticas trouxeram em seu *casting* novos hábitos, novas formas de pensar e novos espaços de sociabilidades (BRITTO, 1977; MONTEIRO, 2015).

Nessa mesma praça e também em seu entorno, encontravam-se também outros pontos de lazer como, por exemplo, o Café Avenida e o Bar Carvalho. O funcionamento desses estabelecimentos, bem como a frequência à praça, estavam condicionados ao período em que o sistema de iluminação elétrica permanecia ligado. As vinte e duas horas era tocado o apito da Usina Elétrica⁶ ou o toque da corneta da Polícia Militar, avisando que daquele momento a poucos instantes, o sistema de iluminação seria desligado. Os frequentadores ao ouvirem a sirene deixavam a praça, ficando apenas alguns boêmios, em busca de outros locais de entretenimento, as “casas de vida fácil” da Rua Paissandu.

A Praça Rio Branco caracterizava-se também como ponto de encontro, para que a partir dali, as pessoas se dirigissem aos cinemas da capital. Estes espaços eram considerados o centro de diversões predileto da sociedade teresinense, local em que as pessoas apreciavam as fitas em exibição. Do mesmo modo, os teatros, cafés e bares, eram os outros espaços de sociabilidade em Teresina (COSTA, 2009; BRITTO, 1977).

⁵O *Arrebol*, *Gazeta*, *O Comércio*, *Diário do Piauí*.

⁶Primeira usina elétrica do Estado do Piauí: a termelétrica a lenha denominada Usina Elétrica de Teresina localizada às margens do rio Parnaíba, com potência instalada inicial de 224 kW.

A imagem da *Figura 02*, logo abaixo, data de 1914. Nela pode-se ver o prédio da Usina Elétrica, na Avenida Maranhão, onde hoje funciona o prédio da Eletrobrás, entre as Ruas Joaquim Ribeiro e Santa Luzia.

Figura 02: Usina Elétrica em 1914.



Fonte: <http://www.piracuruca.com>⁷

Ao tempo em que crescia a economia da cidade com o extrativismo vegetal, o governo federal facilitava e até financiava a imigração, pois necessitava de mão de obra para ocupar os postos de trabalho disponíveis, principalmente, no campo. Vinham para o Brasil, então, italianos, alemães, japoneses, polacos, e muitos outros, para assumir os diversos postos de trabalho disponíveis e, junto com eles, chegaram, também, os sírios e os libaneses, que dominados pelo Império Turco, partiram de seus países para fugir da guerra em busca de uma vida melhor, mas estes últimos não queriam trabalhar no campo e sim no comércio (TAJRA, 2014).

A facilidade que o governo brasileiro oferecia, juntamente com o contato que os imigrantes sírios e libaneses já exerciam com alguns de seus compatriotas estabelecidos na América, e particularmente, no Brasil, contribuíram para que deixassem sua terra em busca de novas oportunidades. Deixavam suas cidades de origem por diversas razões, mas o objetivo era sempre o mesmo: migravam em busca de melhores condições de vida nas cidades que cresciam, e, no Brasil, tinham preferência por cidades produtoras de café e de borracha (PIMENTEL, 1986).

⁷Cf. <http://www.piracuruca.com/index.php/historia-iluminacao-eletrica-em-teresina>. Acesso em outubro de 2014.

A Livraria Econômica, por exemplo, vendia num mesmo estabelecimento coques enfeitados para senhoras, gravatas e colarinhos bordados, leques com plumas, botinas cano alto, chapéus para homens e senhoras, lãs de boas qualidade, vinhos, licores, doces, biscoitos, passas, queijos além dos produtos de um estabelecimento como uma livraria: livros, papéis, pastas e outros artigos do gênero (TAJRA, 2014).

Havia uma única casa comercial especializada em um único produto, trabalhando apenas com tecidos. Era a Loja Paulista que recebeu esse nome porque o proprietário era oriundo da cidade de Paulista em Pernambuco. Vendia especialmente os tecidos da Fábrica Lundgren que ficava localizada na Rua São José (atual Félix Pacheco) de frente para o Rio Parnaíba, mas, em 1924, em decorrência de uma enchente, mudou-se para a Praça Rio Branco. Em 1932, teve seu nome mudado para Casas Pernambucanas (MONTEIRO, 1987).

O comércio de Teresina foi crescendo e se intensificando e as lojas iam deixando de ser empórios. Separava-se o armazém de produtos de exportação do grossista. As lojas passam a se especializar em determinados segmentos, contribuindo para essa nova fase de organização do comércio. Os imigrantes sírios e libaneses que se estabeleciam com casas de artigos de moda, localizavam inicialmente nas imediações do mercado central (TAJRA, 2014; MONTEIRO, 2015).

A cidade chega então, já na década de 1920, com 30 ruas e 10 praças. Em sua arquitetura já se faziam presentes algumas casas de alvenaria construídas dentro das normas técnicas da engenharia, embora ainda fosse possível encontrar muitas casas com cobertura de palha. Sua área edificada podia ser estimada em apenas três quilômetros quadrados e, a partir de então, foi se expandindo formando-se os bairros (BRITTO, 1977).

Nesta mesma década, também surgia o primeiro serviço de auto-ônibus para o transporte de passageiros entre diversos pontos da cidade. Em 1921, foi fundada a primeira agência do Banco do Brasil e, em 1922, o primeiro clube social de Teresina, que se tornaria referência, sendo o ponto de encontro de pessoas com maior poder aquisitivo: o Clube dos Diários.

Figura 05: Primeiro ônibus de Teresina.

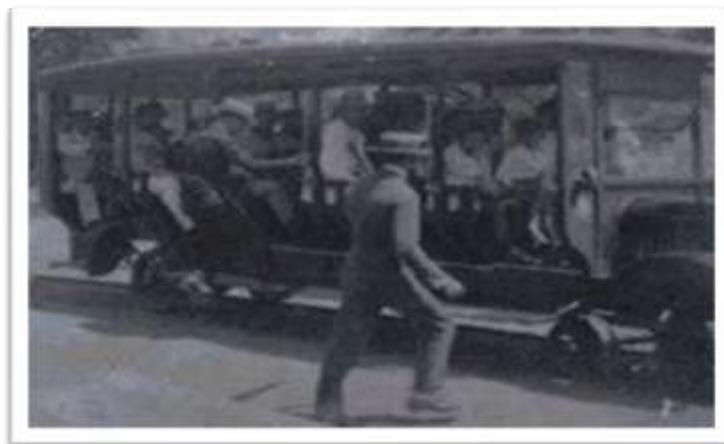


Fonte: acervo da APL, supostamente o primeiro ônibus de Teresina.

Nessa década, mais precisamente em 1927, foi inaugurado o serviço de bonde para o transporte de passageiros, utilizado também como lazer para jovens e crianças nos finais de semana. O bonde em Teresina funcionava em cima dos trilhos, mas com um motor de caminhão (MONTEIRO, 2015).

Esse transporte passou a fazer parte do cotidiano do teresinense e a ser objeto de disputa entre as diferentes classes sociais onde a elite queria manter-se afastada dos menos favorecidos economicamente. Foi dividido então em duas áreas, o “bonde de primeira” e o “bonde de segunda”. Neste último, andavam todos os indivíduos considerados desqualificados pela sociedade: os malvestidos, sem higiene adequada do corpo e os de pés-descalços (BRITTO, 1977; MONTEIRO, 1987).

Figura 06: Um dos primeiros bondes a motor de Teresina, final da década de 1920.



Fonte: Eliane Aragão¹⁰

¹⁰Cf. <https://www.facebook.com/272388342841711/photos/pb.272388342841711.-2207520000.1456690633>. Acesso em outubro de 2014.

Exigiam-se regras para andar no transporte da primeira classe, como o traje completo, por exemplo. Homens e mulheres deveriam vestir-se e portar-se dentro dos rigores dos novos padrões: os homens deveriam estar com gravata e bengala; as mulheres, de sapatos, saias compridas, chapéus e vestidos elegantes e decentes. Já as crianças, deveriam estar acompanhadas e socialmente bem vestidas e calçadas como podemos observar através das imagens presentes nas *Figuras 06 e 07*. O sucesso inicial causado pelo bonde foi declinando lentamente em consequência da falta de incentivos, de limpeza e manutenção, chegando a ser desativado em 1930 (MONTEIRO, 2015).

Figura 07: Primeiro bonde que circulou em Teresina, em 1927.



Fonte: Eliane Aragão¹¹

A vestimenta sempre foi um diferenciador de classes e, em Teresina, além de contribuir no processo de segregação entre os mais abastados e os mais pobres e de favorecer o surgimento de espaços onde os mais ricos pudessem dispor desses instrumentos e conviverem entre si, evitando o contato com aqueles vistos como “escória”, serviu também como elemento que refletia status e prestígio dentro de uma mesma classe, da elite (MONTEIRO, 1987). A elite teresinense competia entre si. A roupa da moda, o comportamento refinado e a boa educação constituíam-se em itens formadores de opinião acerca do valor do indivíduo, sendo requisitos essenciais para expressar “hierarquia” dentro da sociedade.

Do ponto de vista econômico, a década de 1930 é tida como um marco divisor da história do nosso comércio. Nessa época, começava a construção das primeiras rodovias pelo

¹¹Cf. <https://www.facebook.com/272388342841711/photos/pb.272388342841711.-2207520000.1456690633>. Acesso em outubro de 2014.

governo federal, chegando a alterar a fisionomia econômica do estado e, conseqüentemente, de sua capital, intensificando a vida comercial que modificaram tanto a cidade como a moda adotada pela população. Foi o período em que o transporte de cargas se efetivou de fato em Teresina e as tropas de mulas, os carros de boi e até o transporte fluvial foram cedendo lugar ao caminhão e ao transporte rodoviário e ferroviário e, assim, continuou por toda a década de 1940.

Na década de 1940, o preço da cera de carnaúba voltou a subir pela valorização do produto no comércio exterior em decorrência de outra guerra que se instaurava, a Segunda Guerra Mundial, chegando a ser um dos produtos mais valorizados do mundo, dando mais um impulso ao crescimento do comércio em Teresina (QUEIROZ, 2006).

Mas foi mesmo nas décadas de 1940 e 1950 que Teresina viveu seu grande surto de modernidade, havendo muito investimento para a modernização da cidade. As principais praças receberam reformas. A Praça da Bandeira foi transformada num parque ambiental, as ruas foram alargadas para que os carros pudessem passar, o espaço urbano foi se modificando, as ruas de piçarra foram substituídas por calçamentos, códigos de posturas foram publicados para coibir a criação de animais e de seu trânsito pela cidade, leis de higiene também vieram contribuir para a diminuição das epidemias, as principais ruas receberam arborização com Oitizeiros, um hospital começou a ser construído e inaugurado ainda na década de 1940, o Hospital Getúlio Vargas, uma maternidade, a Maternidade São Vicente de Paula, o Hotel Piauí, o prédio dos Correios e Telégrafos. Foram também construídos nestas décadas os prédios do Arquivo Público e o Quartel da Polícia (MONTEIRO, 2015).

1.2 Moda: comércio, consumo e difusão

A chegada dos imigrantes sírios e libaneses, exímios comerciantes, à Teresina ocorre em um momento bastante propício. Estes encontraram as condições ideais para se estabelecerem no ramo comercial, pois o comércio era pouco explorado, mas já dava sinais de algum desenvolvimento. Como a cidade passava por modificações estruturais e econômicas, eles viram em Teresina algumas oportunidades. Eram dotados de grandes habilidades como comerciantes e tinham uma forte tendência e preferência para o comércio especializado em artigos de moda: tecidos, fantasia e, posteriormente, aviamentos, calçados, perfumes, entre outros, que ainda não existiam na capital. Inicialmente, trabalhavam como mascates ou eram proprietários de pequenos bazares (TAJRA, 2014).

Aqueles que trabalhavam mascateando, saíam às ruas, de porta em porta, oferecendo suas mercadorias. Vendiam o que tinham trazido de suas viagens e logo viajavam novamente para adquirir novos produtos a fim de renovar seus estoques. As novas mercadorias eram obtidas com parentes que comercializavam em outras cidades brasileiras como São Luís, Rio de Janeiro e São Paulo. Os mascates usavam a matraca, um instrumento barulhento, para anunciar sua passagem pelas ruas da cidade. Eles sabiam negociar. Tinham uma forma diferenciada de lidar com os clientes. Deste modo, os artigos de moda, novidade na cidade, foram logo aceitos pelos teresinenses (TAJRA, 2014).

As mercadorias desses comerciantes eram transportadas dentro de malas, sacolas, caixas ou de baús. Vendiam pentes, agulhas, novelos de linha, travessas para cabelo, botões, rendas, bicos, rococós, chapéus, relógios, etc., que chagavam então facilmente nas mãos dos consumidores, ávidos por adquirir mercadorias diferenciadas e nos requintes da moda difundida na capital brasileira (TAJRA, 2014).

De mascates, muitos evoluíram para donos de estabelecimentos especializados, instalando-se nas ruas centrais da cidade, que eram mais cuidadas e até possuidoras de calçamentos como as Ruas Paissandu (antiga Rua Piquizeiros), Teodoro Pacheco (antiga Rua Bela) e Rui Barbosa (antiga Rua Imperatriz). Algumas dessas lojas funcionavam em suas próprias casas, ficando a loja no térreo e a residência no andar de cima, geralmente de uma só porta, sozinhos ou em sociedade com parentes. Ali havia produtos mais sofisticados: sedas, veludo, perfumaria, ceroulas de linho, escarradeiras para residências e até queijo flamengo. Seus produtos destinavam-se a uma freguesia mais exigente, a elite teresinense, provocando uma transformação na economia local e na vida de uma parcela da população que almejava seguir a moda de Paris, principalmente a feminina (TAJRA, 2014).

Assim, o comércio local foi tomando novas formas e uma nova dinâmica. Observou-se a introdução de uma mercadoria mais rica e sofisticada e de um estoque mais variado. Concomitantemente, as novidades iam se propagando nas páginas dos periódicos que circulavam pela cidade, vindos de fora e, também, pelos anúncios distribuídos nos jornais de circulação local que davam destaque aos produtos, incitando àqueles que possuíam recursos financeiros, ao consumo.

Iniciaram-se os crediários da forma como conhecemos hoje, surgindo a venda pelo sistema de prestações. Nas lojas, surgiram também vendedores com novos perfis, com habilidades e comportamentos direcionados para vendas e atendimento ao cliente, conheciam os produtos que vendiam, diferentemente daqueles encontrados até então, sem conhecimento

sobre o que vendiam e sem autonomia para lidar com descontos ou vendas à prestação (VILHENA, 2001).

Outra grande novidade foi quando surgiu a utilização de manequins nas vitrinas das lojas que trouxeram espanto e admiração. Instalavam-se nas vitrinas bonecos em tamanho natural, vestidos como se fossem gente. Eles tornaram-se à época grande atração para a cidade. Com as novidades em artigos de moda que traziam a cada retorno de viagem os imigrantes iam mudando a paisagem do comércio de Teresina no início do século XX. Vale ressaltar que esta realidade também acontecia no restante do país, com a presença maciça dos imigrantes árabes em todo o Brasil (MONTEIRO, 2015).

Na década de 1930, segundo autores como Tajra (2014), Rego (2010) e Monteiro (2015), Teresina já apresentava então um varejo de moda variado e sortido. Tajra (2014) afirma que nessa década houve uma transformação na economia de Teresina, por meio do comércio especializado e variado de mercadorias. Rego (2010) complementa dizendo que a importação desses produtos era bastante comum desde o período oitocentista. Monteiro (2015) conclui afirmando que as lojas davam destaque às novidades dos artigos de moda que comercializavam, vindos da Europa. Afirma ainda, que o crescimento do comércio fez aparecer, com o tempo, uma elite de comerciantes e de consumidores de artigos finos e raros como chapéus de palha, espelhos, bengalas, mantilhas de seda e de linho, sedinhas, golas e colarinhos modernos, luvas de seda, gravatas, veludos, cetins, joias, sapatos, plumas brancas e coloridas, meias de cores para homens e senhoras, alpacas pretas e de cores, perfumarias finas e tudo o mais que divulgavam nos jornais e nas fitas de cinema exibidas na época.

Dentre essas lojas, podemos elencar algumas que costumeiramente anunciavam seus produtos em jornais locais: **Centro elegante** – loja de modas que comercializava fazendas em geral, louças, perfumaria, máquinas de costura e seus acessórios, armarinho, etc.; **Casa Progresso** – vendia além de tecidos toda espécie de miudezas e perfumes; **A Samaritana** - vendia produtos de alta qualidade, como tecidos em seda, *voiles* lisos e estampados, calçados, chapéus e perfumaria francesa, inglesa e nacional, sombrinhas para senhoras e crianças, além de artigos de armarinho; **Casa Síria** - vendia tecidos, perfumaria e artigos de armarinho. Foi o primeiro estabelecimento a usar manequins em vitrinas iluminadas causando grande sucesso na cidade, sendo logo copiado por outros comerciantes (MONTEIRO 1987; TAJRA, 2014; *Jornal A Luz*¹², *Jornal A Pátria*¹³, *Jornal Gazeta*¹⁴, *Jornal O Comércio*¹⁵).

¹²Jornal *A Luz*, Teresina, 1939,n.1, 3 e 5.

¹³Jornal *A Pátria*, Teresina, 1902, n. 9.

¹⁴Jornal *Gazeta*, Teresina,1943, n 1294, 1370. *Jornal Gazeta*, Teresina, 1944, n. 1494.

Figura 08: Loja Centro Elegante - Comércio de Therezina de 1918-1919.



Fonte: <https://www.teresinameuamor.com>¹⁶

A Mariposa - vendia tecidos finos, rendas francesas e outros artigos mais refinados; **Casa Centenária** - vendia sedas, tricolines, brins e outras variedades de tecidos, além de perfumaria e calçados; **A Imperatriz** - loja de tecidos no varejo, especializada em linho, importava o linho belga e o holandês. Era a única loja na cidade que vendia linho puro, mas oferecia também outros tipos de tecidos, assim como artigos de armarinho; **Casa Carvalho** - vendia artigos para costura, perfumaria, armas e canetas; **Loja Venesiana** – localizada na Rua Senador Pacheco. Comercializava perfumes franceses, ingleses, americanos, alemães e nacionais, além de fazendas finas, produtos de moda para homens e senhoras e outros produtos. Além de tecidos, havia uma sessão de toalhas, meias e camisas e enxoval para noivas. Na sessão de sapataria, havia calçados, bolsas, carteiras, cintos, chapéus, etc. (MONTEIRO, 1987; TAJRA, 2014; *Jornal A Luz*¹⁷, *Jornal A Pátria*¹⁸, *Jornal Gazeta*¹⁹, *Jornal O Comércio*²⁰).

¹⁵*Jornal O Comércio*, Teresina, 1907, n. 71.

¹⁶Cf. <https://www.teresinameuamor.com/272388342841711/photos/pb.272388342841711.-2207520000.1456690633>. Acesso em outubro de 2014.

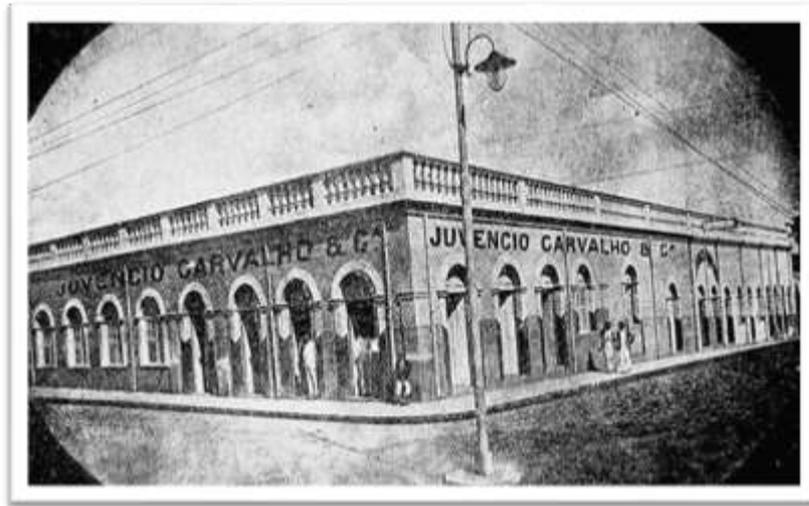
¹⁷*Jornal A Luz*, Teresina, 1939, n. 1, 3 e 5.

¹⁸*Jornal A Pátria*, Teresina, 1902, n. 9.

¹⁹*Jornal Gazeta*, Teresina, 1943, n. 1294 e 1370; *Jornal Gazeta*, Teresina, 1944, n. 1494.

²⁰*Jornal O Comércio*, Teresina, 1907, n. 71.

Figura 09: Lojas Venesiana.



Fonte: <https://www.teresinameuamor.com>²¹.

As **Lojas Rianil** que vendia tecidos tinha um prédio de dois pavimentos, inaugurado em 1944, na Praça Rio Branco, considerada à época as lojas mais modernas no gênero; **Sapataria Elite** – grande sortimento em calçados masculinos, femininos e infantis; **Casa Paulista** – vendia tecidos nacionais e importados; **Bazar da Moda** – especialista em chapéus, tecidos finos para roupa de senhoras, perfumes, calçados; **Casa Centenário** – especialista em miudezas, calçados, chapéus, perfumes, tecidos; **Loja Brasileira** – vendia cetins, setinetas, gases de seda, casimiras, gregas²², espartilhos, meias, etc.; **Casa Alves** – comercializava tecidos, calçados e miudezas; **Casa Santanna** – sua especialidade eram as fazendas, além de perfumaria, chapéus e roupas feitas; **Au Bon Marchée** - vendia tecidos no varejo e no atacado; (MONTEIRO 1987; TAJRA, 2014; Jornal *A Luz*²³, Jornal *A Pátria*,²⁴ Jornal *Gazeta*²⁵ Jornal *O Comércio*²⁶).

²¹Cf. <https://www.teresinameuamor.com/272388342841711/photos/pb.272388342841711.-2207520000.1456690633>. Acesso em outubro de 2014

²²Cercadura decorativa colocada em roupas, normalmente bordada e com bastante cores. Galão.

²³Jornal *A Luz*, Teresina, 1939, n.1, 3 e 5.

²⁴Jornal *A Pátria*, Teresina, 1902, n. 9.

²⁵Jornal *Gazeta*, Teresina, 1943, n. 1294, 1370. Jornal *Gazeta*, Teresina, 1944, n.1494.

²⁶Jornal *O Comércio*, Teresina, 1907, n. 71.

Figura 10: Fachada do estabelecimento comercial do *Au Bon Marché*.



Fonte: <https://www.teresinameuamor.com>²⁷

A Vencedora - anunciava produtos para a elite, ao rigor da moda; **Casa Barateira** - comercializava artigos mais sofisticados, para os apreciadores da moda; **A Bela Aurora** – trabalhava com joias em geral, pulseiras, brincos, colares, anéis, de formatura, inclusive; medalhas, broches e relógios. Atendia a clientela masculina, feminina e infantil; Loja **Londres na América** constituía-se em uma das lojas mais sortidas em produtos de moda. (MONTEIRO 1987; TAJRA, 2014; *Jornal A Luz*, nº 1, 3 e 5 de 1939; *Jornal A Pátria*, nº 9 de 1902; *Jornal Gazeta* nº 1294, 1370 de 1943, nº 1494 de 1944; *Jornal O Comércio*, nº 71 de 1907).

Figura 11: Loja Londres na América.

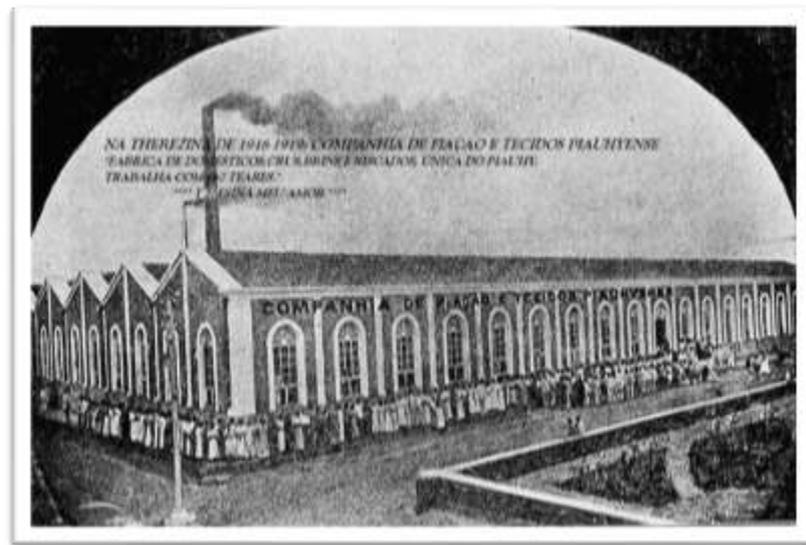


Fonte: <https://www.teresinameuamor.com>²⁸.

²⁷Cf. <https://www.teresinameuamor.com/272388342841711/photos/pb.272388342841711.-2207520000.1456690633>. Acesso em outubro de 2014.

Teresina tinha também a Companhia de Fiação Piauiense que difundia a moda e forçava a cidade a crescer. Nesse período, inclusive, funcionava com toda sua capacidade produtiva, produzindo brins, crus e riscados, empregando diversas mulheres das classes menos favorecidas chamadas as pipiras, mulheres operárias da fábrica de fiação, que receberam esta denominação por andarem tagarelando pela cidade nas suas idas e vindas ao trabalho.

Figura 12: Companhia de Fiação e Tecidos Piauiense (1918-1919).



Fonte: <https://teresinameuamor.com>²⁹

Ao redor do comércio de luxo, surgiam e se difundiam, paralelamente, os prestadores de pequenos serviços, que se relacionavam com a nova vida da cidade e diretamente com a moda: sapateiros, vendedores especializados, cabelereiros (Barbearia Elegante), alfaiates e costureiras.

Nas *Figuras 13, 14, 15 e 16* aparecem anúncios de alfaiatarias: Alfaiataria Carvalho, que ficava situada na Rua Barbosa, conhecida por produzir ternos elegantes; Alfaiataria Santos, Alfaiataria Andrade, Alfaiataria *Smart* e Alfaiataria Moderna.

²⁸Cf. <https://www.teresinameuamor.com/272388342841711/photos/pb.272388342841711.-2207520000.1456690633>. Acesso em outubro de 2014.

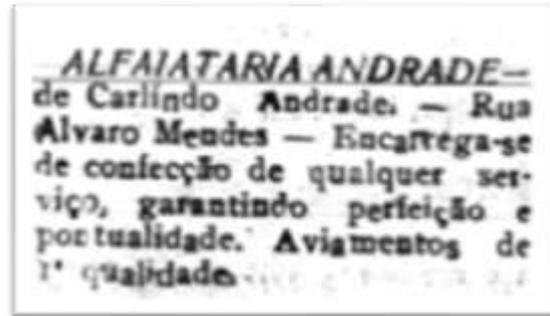
²⁹Cf. <https://www.teresinameuamor.com/272388342841711/photos/pb.272388342841711.-2207520000.1456690633>. Acesso em outubro de 2014

Figura 13:
Anúncios de serviço de alfaiate



Fonte: Jornal *O Arrebol*³⁰.

Figura 14:
Anúncios de serviço de alfaiate



Fonte: Jornal *O Arrebol*³¹

Figura 15
Anúncios de prestadores de serviços



Fonte: Jornal *O Comércio*³²

Figura 16
Anúncios de prestadores de serviços



Fonte: Jornal *O Comércio*³³

Nas lojas, ainda não se encontravam com facilidade as roupas prontas para uso (*ready to wear*). Apenas durante os anos de 1950 é que começa a chegar em Teresina o comércio de roupas prontas, mas com um custo ainda muito elevado, o que fazia com que se mantivesse a tradição de comprar o tecido, escolher o modelo e mandar confeccionar.

As roupas produzidas eram inspiradas em imagens oriundas de revistas ou das fitas de cinema onde as celebridades *hollywoodianas* ditavam a tendência do que era chique e moderno. Eram confeccionadas, em sua grande maioria, por costureiras ou modistas em ateliês domésticos ou mesmo em casa pelas próprias donas de casa. Eram peças feitas sob medida. O mais comum era que as mulheres costuravam suas próprias roupas e de suas filhas como Dona Gracy Aguiar, ilustríssima senhora da elite teresinense, esposa do governador Eurípedes Aguiar, mãe de Genu Moraes e Lidya Lina de Aguiar (KRUEL, 2015).

³⁰Jornal *O Arrebol*, Teresina, 1925, n. 84.

³¹Jornal *O Arrebol*, Teresina, 1925, n. 84.

³²Jornal *O Comércio*, Teresina, 1906, n. 22.

³³Jornal *O Comércio*, Teresina, 1907, n. 77.

Em Teresina, a grande maioria das mulheres dominava o ofício da costura. Desse modo, era comum a disponibilidade para venda de máquinas de costura no comércio, inclusive de máquinas usadas. Assim, tornara-se costume possuir uma máquina de costura. A esse respeito, Nascimento (2002) afirma que na ocorrência de incêndios, muito comum em Teresina à época, um dos primeiros bens a serem salvos eram as máquinas de costura. Os anúncios dos jornais da época, também fortalecem a afirmação. Podemos encontrar anúncios oferecendo as máquinas novas e usadas, como podemos observar nas *Figuras 17, 18 e 19*: Anúncios do jornal *O Comércio* e do jornal *Gazeta*.

Figura 17

Anúncio de máquinas de costura nova e usada



Fonte: Jornal *O Comércio*³⁴

Figura 18

Anúncio de máquinas de costura nova e usada



Jornal *Gazeta*³⁵

Figura 19: Anúncio de Máquina de Costura Singer.



Fonte: jornal *O Comércio*³⁶

³⁴Jornal *O Comércio*, Teresina, 1907, n. 74.

³⁵Jornal *Gazeta*, Teresina, 1943, n. 1342.

³⁶Jornal *O Comércio*, Teresina, 1907, n. 77.

Os comerciantes se utilizavam dos jornais locais para difundir a tendência da moda. Os anunciantes informavam que traziam as novidades das grandes cidades brasileiras e as recebiam inclusive por meio de telegramas, que faziam a conexão entre Teresina e tudo o que acontecia no exterior, Europa e América do Norte.

As novidades também chegavam por meio das viagens que as famílias faziam para as grandes capitais brasileiras e para a Europa como podemos observar na imagem da *Figura 20* da família Campos, que esteve em Araxá na década de 1940. Era comum, desde a década de 1910, piauienses viajarem para variados lugares, devido a estudos, a trabalho, e nas décadas mais próximas à metade do século, para o lazer. Dessas viagens traziam as novidades da moda que estavam em evidência durante os passeios e nas festas que passaram a acontecer com maior frequência na cidade (KRUEL, 2015; QUEIROZ, 2008).

Figura 20: Família Campos em viagem a Araxá, em 1942.



Fonte: Acervo de Juliana Castelo Branco Noronha Campos.

O cinema também foi um dos grandes propagadores da moda, se não o maior deles. Influenciou sobremaneira na divulgação das roupas, dos penteados, das maquiagens e do próprio estilo de vida das pessoas. É possível afirmar que foi, dentre as diversões do início do século XX, a que teve enorme força na construção de uma civilização. No espaço local, ele afastava a população teresinense de uma tradição que lembrava um passado arcaico trazendo, inclusive, os novos modismos para a cidade. O lazer em Teresina esteve permeado de um discurso civilizador, a partir do qual os cronistas procuravam corrigir os atos denominados de “incivilizados” da população como observamos nas crônicas dos periódicos analisados.

No início, as projeções cinematográficas, além de terem sido consideradas como as primeiras diversões públicas de Teresina, foram também o meio mais eficaz para a difusão da moda na cidade. As primeiras projeções teriam ocorrido em Teresina por volta de 1901 ou 1902 (ainda há controvérsias nas referências), era o cinema mudo. Em 1908, a cidade recebeu a primeira empresa com cinematógrafo falante (consistia em uma exibição de imagens possuidora de um fundo musical e de legenda) a Fontenele & Cia, vinda de Paris, que contava com estoque de 500 fitas. As projeções com falas só chegam à capital do Piauí na década de 1930, sendo exibidas no Teatro 4 de Setembro (FONTINELES FILHO, 2008; QUEIROZ, 1998, 2008).

Nos anos de 1920, a cidade ganhava três cinemas diários: Cine América, Éden Cinema e Teatro-Cinema *Palace*. Os atores e atrizes em destaque nas películas serviam de referência para o público – principalmente o feminino. As novidades influenciavam as mulheres, ditavam modas de toaletes e introduziam novos hábitos civilizados, de comportamentos e costumes, novos modos de sentar, de olhar, de fumar, de dançar, flertar e, principalmente, de se vestir, que foram logo assimilados. Eram os novos modismos que chegavam em Teresina.

Todos esses fatos foram registrados pelos periódicos da época, que, muitas vezes, exibiam críticas à maneira “leviana e frívola” sobre a forma como as mulheres se vestiam e se comportavam. A moda, de um modo geral, contribuiu para a ruptura com o mundo tradicional, na medida em que as novidades funcionavam como modelo para o presente, e dessa forma, funcionava como uma negação do passado (FONTINELES FILHO, 2008).

Essa nova forma de entretenimento se sobressaiu como uma das diversões mais procuradas em Teresina. Desse modo, o cinematógrafo também conquistou rapidamente o gosto popular e tornou-se um dos veículos divulgadores do progresso, da mudança de costumes e da elegância. A divulgação da moda tornou-se mais rápida e, com isso, as roupas em voga eram substituídas cada vez mais rapidamente.

Os filmes estimulavam o consumo das novidades ali disseminadas, ditando o que deveria ser usado para manter-se elegante, constituindo-se como o grande referencial da propagação dos novos costumes. O público julgava-se obrigado a seguir aqueles estilos. O cinema proporcionou novos horizontes para a vida das pessoas. Influenciou diretamente os costumes da cidade. As mulheres podiam desfilarem sua elegância nos cinemas, nos salões e nas praças.

Os modelos de roupa, chapéus, sapatos e acessórios que eram exibidos pelas atrizes nos filmes eram desejados e logo copiados pelas teresinenses. Eram modelos americanos e europeus, principalmente, franceses, que passaram a determinar o que se considerava como

bom gosto, chique e elegante no vestir. Mudou também o imaginário feminino de então. As mulheres passaram a sonhar com os famosos atores dos filmes, homens românticos, bem vestidos, elegantes e diferentes dos homens com os quais elas conviviam, estando estes também em busca de novas formas de se vestir: ternos, fraques, camisas, chapéus e sapatos como aqueles ditados pela moda masculina em voga.

O cinema ligou Teresina aos modelos de vida europeu e americano, como também intensificou a integração da cidade ao capitalismo mundial, difundindo os novos produtos e as novas modas que exigiam a presença desses produtos no comércio local. “O cinema influenciava não só os padrões de beleza e vestuário das mulheres, mas também o imaginário feminino ligado às relações amorosas” (CASTELO BRANCO, 2013, p. 65).

Alguns cronistas relatam ter sido o cinema uma ferramenta bastante eficaz na formação da cidade moderna a qual ansiavam, consideravam-no como um importante meio de comunicação para constituir uma sociedade de bons hábitos e costumes. Outros, porém, consideravam que ele tinha efeitos maléficos na sociedade, pois deteriorava os padrões morais, manipulavam as massas e ditavam regras e posturas que não eram condizentes com a pobreza da população.

Outra forma de difusão dos elementos de moda era as revistas de figurinos de moda franceses e nacionais que iam surgindo em Teresina, algumas encontradas em livrarias, outras em lojas de artigos de moda como o *Jornal das Moças*. Outras ainda circulavam de mão em mão trazidas pelas senhoras e senhoritas de suas viagens ou enviadas pelos correios por parentes que residiam em grandes capitais do Brasil, como a Revista *O Cruzeiro* e a *Fon Fon*. A fotografia substituiu as ilustrações, as tendências da alta costura foram divulgadas pela mídia para o mercado de massa.

Das revistas que circulavam pela cidade destacamos a Revista *A Cigarra* e *O Jornal das Moças*, ambas editadas no Rio de Janeiro. Além delas, outras revistas circulavam em Teresina vindas da Europa, principalmente, de Paris, divulgando as novidades da moda do vestuário: *Elite*, *Parisiana*, *Le Chapeus*, *Bleuses de Le Saison*, *Album Parisiana*, *Façon Falleur*, *Le Chic* e uma revista que propagava a moda infantil, *a Modes d' Enfants*.

Algumas traziam imagens de croquis³⁷, fotos ou até mesmo os moldes³⁸ em tamanho original, além dos jornais. Por meio desse material, a população ficava informada dos tecidos

³⁷Croqui Proveniente do francês *crow-kee*, que significa rascunho, esboço. Os croquis são originalmente desenhos artísticos rápidos de um modelo vivo. Podem ser usados também como bases para trabalhos posteriores. Fonte: <http://glossario.usefashion.com>

³⁸Molde - Peça de papel desenhada sob medida ou em tamanho padrão, segundo a qual se corta e se confecciona. JONES, Sue Jenkyn. *Fashion Design - Manual do Estilista*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

mais usados e das roupas da moda (CARDOSO, 2010). A imagem presente na *Figura 21* nos permite concluir que até os homens tinham interesse pela moda.

Figura 21: Rapazes internos do Colégio Diocesano em Teresina com um exemplar da Revista *O Cruzeiro*, provavelmente na década de 1930.



Fonte: Acervo da família Marwell³⁹.

No decorrer da década de 1920, era grande a circulação desse tipo de revista. Circulavam por Teresina e difundiam-se os mais variados produtos, buscando ampliar o mercado consumidor e a promoção de utensílios modernos como os eletrodomésticos, novos modelos de roupas, tecidos, artigos para casa, além de moda. Traziam também assuntos como beleza, decoração e muitos outros que faziam parte do cotidiano das mulheres.

Os títulos dos periódicos indicam que a moda francesa alimentava o ideal de modernidade esboçado no vestuário e em novas formas de sociabilidade, pois exibiam por meio de imagens não só os novos modelos de roupa, mas, traziam também, as novas formas de viver, os novos locais de sociabilidade, exibiam de certa forma os novos hábitos e os novos comportamentos. As revistas mostravam modelos ousados de vivência da juventude, parcela mais aberta às novidades, ficando relativamente explícita a relação entre a juventude e a ideia de transgressão de valores tradicionais.

³⁹Cf. <https://www.cidadeverde.com/272388342841711/photos/pb.2723883428417112207520000.1456690633./983587718388433/?type=3&theater>. Acesso em outubro de 2014.

Em Teresina, os criadores do periódico *Chapada do Corisco* consideravam-no como uma revista para mulheres, visto que o periódico difundia diversos anúncios de especialidade na área da moda. Difundiam as lojas do ramo e os produtos que ali eram comercializados⁴⁰. Tinham seu conteúdo voltado para o público feminino, literatura, sonetos, poesia, cantigas, notas sociais e novidades em geral.

Destaque se dá ao periódico que circulou no Brasil entre os anos de 1914 e 1965, intitulado de *Jornal das Moças*. Era publicado na cidade do Rio de Janeiro e se anunciava como uma Revista Semanal Ilustrada. Era distribuído nas capitais de todo o país, inclusive em Teresina, bem como nas principais cidades do interior. Possuía, em média, 75 páginas com textos e ilustrações e o seu conteúdo era inspirado nos magazines ilustrados ou revistas de variedades do século XIX, abordando assuntos, à época, de interesse da esfera feminina.

Figura 22: *Jornal das Moças* Número 538 de 1925.



Fonte: Biblioteca Nacional ⁴¹

Com essa proposta, apresentava comentários sobre a moda, oferecia também conselhos de economia doméstica, contos, poemas, piadas, notícias de cinema, curiosidades,

⁴⁰ *Chapada do Corisco*, Teresina, 1918, n.1, p.1.

⁴¹ Cf. http://bndigital.bn.br/hemeroteca/memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=111031_03&pasta=ano%20193&pesq=. Acesso em julho de 2016.

receitas culinárias, moldes de roupas da estação, fotos da sociedade fluminense, anúncios de cosméticos, de medicamentos, de lojas especializadas em artigos femininos e infantis, partituras musicais, resenhas de filmes e sugestões de leitura. A *Figura de nº 23* nos mostra páginas do *Jornal das Moças*, onde podemos visualizar diversos tipos de anúncios de produtos e equipamentos do interesse das mulheres.

Figura 23: Páginas do *Jornal das Moças* Número 1021 de 1935.



Fonte: Biblioteca Nacional⁴²

Também destacamos a Revista *Fon Fon* que recebeu esse nome em referência ao barulho proporcionado pela buzina dos automóveis, algo considerado como moderno na época. A revista circulou por um longo período no Brasil, e também, em Teresina, onde demorou a ser comercializada em lojas e livrarias. Inicialmente circulavam nas mãos de amigas que viajavam e traziam exemplares das revistas ou que recebiam pelos correios, de parentes que viviam em outros estados, compartilhando-as umas com as outras. A revista

⁴²Cf. http://bndigital.bn.br/hemeroteca/memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=111031_03&pasta=ano%20193&pesq=. Acesso em julho de 2016.

continha sessenta páginas e havia edições que se divulgava, também, a moda para o público infantil, como a edição de 1947, que pode ser visualizada por meio da *Figuras25*.

Figura 24: Revista *Fon Fon* de 1935.

Figura 25: Revista *Fon Fon* de 1935



Fonte: Biblioteca Nacional⁴³

Essa revista incluía, em algumas edições, o molde da roupa em tamanho real o que facilitava na hora da confecção da peça. Na *Figura 26*, observamos um encarte da *Revista Fon Fon* que anuncia a disponibilização dos moldes para a confecção das roupas.

⁴³Cf. <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=259063&pasta=ano%20193&pesq=>. Acesso em julho de 2016.

Figura 26: Encarte da Revista *FonFon*.



Fonte: <http://maisoumenosnostalgia.blogspot.com.br>⁴⁴

O conteúdo da revista era variado e trazia reportagens sobre moda, estilos, comportamentos, hábitos modernos, tais quais: viajar, praticar esportes e vestir-se à moda. A *Revista Fon Fon* focava na vida social carioca, difundindo o que existia de moderno, dando destaque especial à moda, trazendo diversos modelos femininos e infantis. Dentre esses diversos assuntos, a Revista continha ainda outras formas de entretenimento como palavras cruzadas, receitas de bolo e dava um panorama geral das notícias do Brasil e do mundo.

⁴⁴Cf. http://maisoumenosnostalgia.blogspot.com.br/2008_05_01_archive.html. Acesso em dezembro de 2014.

Figura 27: Imagem da Revista *Fon Fon*



Figura 28: Imagem da Revista *Fon Fon*



Fonte: <http://objdigital.bn.br>⁴⁵

As mudanças urbanas e arquitetônicas na cidade de Teresina aconteciam de forma lenta e demorada. No entanto, a assimilação de hábitos e de costumes advindos com a modernidade foram logo assimilados e trabalhados pela população, principalmente, pela elite. Estavam sempre acompanhando as novidades através dos jornais, das revistas e do cinema, exigindo do comércio local artigos que estivessem em sintonia com as novidades lançadas nos grandes centros nacionais e mundiais.

⁴⁵Cf. http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/fonfon/fonfon_anos.htm. Acesso em dezembro de 2014

2 Feminilidade, Sociabilidades e Civilidades na Teresina Moderna

2.1 A Moda na produção da Feminilidade

O início da primeira década do século XX em Teresina foi um período em que as pessoas ainda conviviam com os costumes e valores do século XIX: o homem exercia seu papel no lar, como pai, e, no espaço público, como provedor da família, sendo reconhecido por sua inteligência, força, disciplina, civilidade, autoridade, ousadia e poder; e a mulher, deveria ter o padrão de beleza vigente, ser virgem, dócil, delicada, frágil, obediente, dependente e resignada, sendo-lhe reservados os afazeres domésticos, o matrimônio, na grande maioria das vezes, arranjado e imposto pelas famílias, e a maternidade. O lar era seu espaço de atuação.

Nesse contexto, as roupas femininas tinham o papel fundamental de destacar a feminilidade, a incapacidade e o dever da maternidade para a mulher. Demonstravam, também, o poderio econômico do esposo, pai e/ou irmãos. Quanto mais adornada estivesse a mulher e, quanto mais limitados fossem seus movimentos, maior era a demonstração da capacidade do homem como provedor daquela família. Funcionava como forma de expressão e comunicação.

As roupas destacavam os contornos arredondados do corpo, tinham as cinturas bem marcadas e davam um foco especial ao busto, conferindo às mulheres feminilidade. As saias amplas e volumosas, confeccionadas a partir de muitos metros de tecido, juntamente com os saltos altos dos sapatos, tinham a função de ressaltar a fragilidade, a delicadeza, a feminilidade e, principalmente, a limitação feminina, tornando-se um obstáculo à expressão igualitária, a agilidade física e/ou a integração social. Em geral, admirava-se um “físico fraco” e se condenava um aspecto saudável (STREY, 2000).

A mulher era criada para o casamento e a jovem ideal, escolhida para casar, era aquela prezada, possuidora de aptidões para os serviços do lar, que soubesse costurar, bordar, cozinhar e cuidar bem da casa, dos filhos e do marido. Essa concepção começou a dar sinais de mudanças, entre o final do século XIX e meados da década de 1930, com a modernização e urbanização das cidades, a incorporação dos novos valores e a divulgação dos ideais feministas (CARDOSO, 2010).

A grande maioria das mulheres, devido a sua própria formação para ser mãe, esposa e dona de casa, dominava o ofício da costura e dos trabalhos de agulha de forma geral. Desta

forma, muitas delas, inclusive as pertencentes a elite teresinense, confeccionavam suas próprias vestes. Outras porém, utilizavam os serviços de costura das mulheres das classes média e baixa que trabalhavam em suas próprias casas.

Na *Figura 31*, temos o Engenheiro Alfredo Modrach e sua família. Ele projetou, em 1876, na cidade de Campos – Piauí, a Fábrica de Laticínios de Campos, uma das grandes Fábricas de Laticínios do Nordeste. A Figura nos permite perceber as roupas típicas do século XIX: saias volumosas, pesadas, devido a grande quantidade de tecido, e compridas, cinturas bem marcadas, blusas compostas, com decote raso e mangas compridas, não deixando ver o colo nem os braços. Há presença abundante de babados e rendas tanto nas saias quanto nas blusas e os cabelos encontram-se presos em coque.

Figura 29: Engenheiro Alfredo Modrach e família.



Fonte: <https://www.cidadeverde.com>⁴⁶.

Apesar das mudanças que se processavam, ainda se esperava que as jovens se portassem e se vestissem corretamente, dentro dos padrões estabelecidos pela sociedade, de modo a preservar o nome da família. Elas tinham que manter o comportamento recatado e eram aconselhadas, principalmente, pela igreja e pelos intelectuais mais tradicionalistas, como os presentes nos jornais *O Arrebol* e *Gazeta*, a comportarem-se de acordo com os princípios morais adotados pela sociedade e pelos preceitos religiosos⁴⁷.

⁴⁶Cf. <https://www.cidadeverde.com/272388342841711/photos/a.1039351946145343.1073741876.272388342841711/1041245245956013/?type=3&theater> Acesso em outubro de 2014.

⁴⁷Jornal *Gazeta*, Teresina, 1925, n. 77.

Silenciosa, caminhando vagarosamente, passa mademoiselle [...] Nos seus olhos, deve estar esculpida uma tristeza aniquiladora. O seu temperamento vive em desacordo com as modernices da época atual. Vestidos curtos, colados no corpo, cabelos a *La Garçonne*, decotes são futilidades que vivem em completo desacordo com as suas ideias. E é na doce ilusão de que a moda antiga volte que vive mademoiselle⁴⁸

Após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), mais precisamente na década de 1920, o feminismo surge com força total, sendo difundido pelos periódicos, gerando incerteza e medo na parcela da população mais tradicionalista, inscrevendo uma nova posição para a mulher na sociedade e outra forma de lidar com a aparência física, marcada pela crescente exposição do corpo feminino no âmbito público.

Os novos costumes e a moda iam mudando a relação das mulheres com a família, com o lar, com o marido e também com o vestuário e instituindo o consumo do luxo. As jovens se vestiam com os últimos modelos da moda, totalmente diferente daqueles difundidos, até então, para se exibirem nos cinemas, no teatro e nas festas públicas e privadas. Era também uma forma de garantir um bom casamento, um casamento com um rapaz de família rica⁴⁹.

Tudo era registrado com frequência pelo rádio e pelos periódicos da época, jornais e revistas. Nos discursos de vários intelectuais, bacharéis, médicos, e recém-formados, nos jornais, percebe-se que muitos iam contra os novos preceitos difundidos, principalmente, no que se refere às novas modas. Segundo a interpretação feita por Elisângela Cardoso (2010), ao pensamento dos intelectuais, eles difundiam a emancipação feminina desde que acontecessem dentro dos moldes da sociedade patriarcal, mantendo-se a diferença entre homens e mulheres, no que diz respeito às aparências e aos papéis sociais.

A arquitetura das construções na cidade, a decoração e os móveis das casas, a linguagem e os modos, o corpo e o modo de se vestir, iam sendo alterados de forma a se tornar mais compatível com os novos ideais que eram difundidos na Europa, na América e nos grandes centros brasileiros e repassados constantemente pelos periódicos locais.

O interesse pela moda se intensificava com o surgimento dos novos espaços de sociabilidade. A população feminina, especialmente aquela mais abastada, a elite, consumia as novidades que chegavam em Teresina. Foi um período caracterizado pelo consumo de novidades e de novos hábitos. Diversas foram as novidades e as modas que surgiram, principalmente na década de 1920, e que deram às mulheres, principalmente, novas

⁴⁸Vida Social, Teresina, 1926, p.04.

⁴⁹Jornal *O Arrebol*, Teresina, 1924, n. 68.

vestimentas, novas aparências e novas formas de ver a vida. É claro, essas novidades foram condenadas e criticadas por muitos tradicionalistas.

Todas essas novidades que chegavam em Teresina afetavam muito o imaginário feminino, alterando a maneira como se viam, como viam os homens, as relações amorosas e o espaço doméstico. “O feminismo começa a ganhar um contorno mais definido e, pela voz das próprias mulheres e mesmo de alguns homens, começa-se a colocar em discussão o lugar da mulher na sociedade” (QUEIROZ, 1998, p. 47).

Os periódicos locais exibiam artigos com inúmeras críticas aos novos comportamentos e as novas modas seguidas pelas mulheres que estavam se emancipando, no que se refere ao vestuário e, principalmente, ao corte de cabelo, que deixava a nuca à mostra. Na época, década de 1920, era considerada uma parte sensual do corpo feminino, e por isso, deveria manter-se escondida, assim como também deveriam manter-se escondidos os tornozelos⁵⁰.

A mulher, actualmente raspa a nuca com a mesma facilidade que o homem faz o seu bigode. Hoje, são as senhoritas as frequentadoras mais assíduas dos salões de barbearias. Sempre elegantes, bonitas, gentil, a mulher brasileira julga-se uma deusa, tirando do seu próprio corpo um dos mais elegantes atributos de sua beleza. Vivendo assim a sociedade actual não é mais a sociedade de hontem. A moça transforma-se dentro de seu bataclanismo, enquanto a sua beleza, a sua graça vai sendo depreciada pelos bem entendidos no assumpto⁵¹.

Bárbara Nunes (2014, p. 169) diz em seu trabalho que “as críticas aos deslumbramentos e exageros da moda, se tornaram temas de uma série de artigos de jornais, que não pouparam palavras para denominá-los de mundanos, luxuriosos, mesquinhos, fúteis e indisciplinados” e continua informando que os discursos dos adeptos aos modismos entravam em conflito com as propostas dos pensadores mais conservadores, como daqueles ligados à igreja, e da população em geral, que pregavam como ideais homens e mulheres mais comedidos, resguardados, disciplinados e retraídos, principalmente, as mulheres. Para os pensadores mais conservadores, a concepção de feminilidade era:

uma mulher de coração modesto com sentimentos de esposa fiel, alma recatada, alva, de aspecto angelical, mãos pequeninas, lábios rubros, olhos meigos e doces, perfil mignon, sorriso gracioso, gesto meigo, expressões fugidias, inocência original, andar delicado e miúdo. Devia ser possuidora de vestes singelas e com formas simples que realçariam a formosura corporal⁵²

⁵⁰Jornal *O Arrebol*, Teresina, 1924, n. 68; Jornal *O Arrebol*, Teresina, 1925, n. 70.

⁵¹*Ibidem*, 1925, n. 70, p.2.

⁵²*Ibidem*, 1925, n. 70, p.3.

Esse período, década de 1920, propõe uma mudança radical no conceito de feminilidade. Feminina era a mulher que acompanhava a moda. A parcela mais tradicionalista da população condenava os cabelos cortados, pois consideravam “uma moda sem arte e sem gosto, que deformavam a feminilidade”⁵³. “É uma senhora distintíssima, tão distinta que não usa cabelos cortados”⁵⁴. Outra parte, no entanto, aquela mais aberta às novidades, afirmava que os cabelos curtos conferiam um ar de inocência à fisionomia, além do que eram mais aconselháveis devido à higiene e à saúde, porém concordavam que estavam curtos em demasiado.

Na *Figura 30*, da família Area Leão, em 1929, uma das famílias mais tradicionais do estado, podemos observar que tanto as jovens quanto a matriarca da família exibem a moda dos cortes *a La Garçonne*. Com relação às vestes, no entanto, vemos mangas e saias que exibem um comprimento diferente para as mais jovens, uma postura diferenciada e recatada para as senhoras casadas.

Figura 30: Jeremias e Eulina Area Leão com sua família.



Fonte: <https://www.cidadeverde.com>⁵⁶.

Na *Figura 31*, temos Antônia Area Leão, primeira *Miss Piauí*, em 1929. A senhorita nasceu na localidade Taboca, berço da família Area Leão, mas vivia em Teresina. Segundo

⁵³Jornal *O Arrebol*, Teresina, 1924, n. 68, p.2.

⁵⁴*Ibidem*, 1925, n.70, p.3

⁵⁵Cf. <https://www.cidadeverde.com/272388342841711/photos/pb.272388342841711.-2207520000.1456690633>. Acesso em outubro de 2014.

⁵⁶Cf. <https://www.cidadeverde.com/272388342841711/photos/pb.272388342841711.-2207520000.1456690633>. Acesso em outubro de 2014.

achados da pesquisa, era considerada uma moça bonita e educada. As notícias nos jornais locais, como as contidas no jornal *O Arrebol*, dizem ainda que, tinha tudo para ter sido eleita *Miss Brasil*, não fora um erro na rota que tomou e, com isso, chegou ao Rio de Janeiro no dia seguinte ao dia da realização do concurso.

Figura 31: Antônia de Área Leão, *Miss Piauí* eleita em 1929.



Fonte: <https://www.cidadeverde.com>⁵⁷

Podemos observar por meio da imagem, pelas roupas de Antonina, como era conhecida, que as mulheres piauienses modernas seguiram as modas ditadas pelos grandes centros produtores. O cabelo tipicamente à *La Garçonne*, um pouco mais curto que o disseminado, deixando realmente a nuca excessivamente à mostra, parte das pernas de fora e o corpo sob uma transparência considerada excessiva para o período. Observamos ainda saltos altos, muita maquiagem, ausência de mangas deixando os braços totalmente à mostra, decote suficientemente acentuado para deixar o pescoço e o colo bem visíveis.

Na *Figura 32*, vemos novamente Antonina, então, no Rio de Janeiro, com um grupo de brasileiras, provavelmente, dentre elas, muitas *misses*. Podemos, em um comparativo das roupas de Antonina com as roupas das demais jovens, concluir que Antonina seguia os mesmos rigores da moda das demais jovens brasileiras, o típico estilo melindrosa dos anos de

⁵⁷Cf. <https://www.cidadeverde.com/272388342841711/photos/pb.2723883428417112207520000.1456690633./983587718388433/?type=3&theater>. Acesso em outubro de 2014.

1920. Segundo informações no verso da fotografia, as duas jovens sentadas são a *Miss Rio Grande do Sul*, trajando roupa escura, e a *Miss Piauí*, Antonina, usando roupa clara.

Figura 32: Antonina de Area Leão no Rio de Janeiro.



Fonte: <http://www.piracuruca.com>⁵⁸

No Jornal *O Arrebol*⁵⁹, o cronista faz um comparativo entre Teresina e Paris. Ele diz que nem em Paris existe o exagero que existe na moda em Teresina. Continua afirmando que em Teresina, as mulheres frequentam de forma demasiada os salões de barbearia, até mais que os próprios homens, e que exibem de forma exagerada as novas modas:

as pernas sempre à mostra, um exagero nos saltos altos, vestidos sem mangas, roupas justas demais, chapéus de veludo, cartolinhas, decotes acentuados, pescoço exposto, brincos grandes, excesso de pulseiras em um braço, maquiagem frequente, fala adocicada, e grande requebra nos bailes quando dançam os novos estilos de música, o hábito de beijarem-se quando se encontravam – considerado forçado e ridículo..

Algumas das características descritas pelo cronista no referido jornal também podem ser observadas na *Figura 33*, que contém a imagem de Dóca Castelo Branco, em 1925: vestidos que deixam os braços à mostra, decotes acentuados, pescoço exposto, brincos grandes, pulseiras apenas em um braço, maquiagem e corte à *La Garçonne*.

⁵⁸Cf. <http://www.piracuruca.com/index.php/imagens-comentadas/105-antonia-area-leao-a-primeira-miss-piaui>

⁵⁹Jornal *O Arrebol*, Teresina, 1925, n. 70, p.3.

Figura 33: Dóca Castelo Branco, 1925.



Fonte: Acervo particular de Pedro Vilarinho Castelo Branco

Segundo os cronistas, as mulheres teresinenses aceitavam todas as modas que vinham do exterior, tudo que fosse de fabricação inglesa e francesa, até mesmo aquelas consideradas exóticas e inadaptáveis. Consideravam esta atitude uma verdadeira anomalia. Afirmavam que “a sociedade estava bataclanizada pelo ridículo de uma moda exagerada e cretina, que não havia mais a nobreza de espírito e a atração espiritual”⁶⁰. Para eles, todas essas novas modas corrompiam os costumes e atraíam olhares libidinosos e concupiscentes. Enfim, a moda importada era um símbolo da degenerescência moral da sociedade: “Sempre elegante, bonita, gentil, a mulher brasileira, julga-se uma deusa, tirando do seu próprio corpo um dos mais elegantes atributos de sua beleza, os cabelos”⁶¹.

Um grande hábito que se instalou em Teresina, na década de 1920, como uma prática feminina moderna, foi a prática de esportes, tornando-se, inclusive, exigência nas escolas. Elas se exercitavam no *football*, no *rugby*, na ginástica, e em diversos outros esportes. Muitos criticavam essas novas práticas, achavam que esporte eram coisas de homem e diziam até que as moças criariam bigodes de tanto se exercitarem⁶².

⁶⁰Jornal *Gazeta* n. 68 de 1924.

⁶¹Jornal *Gazeta* n. 68 de 1924.

⁶²Jornal *O Arrebol*, Teresina, 1925, n.70.

Na *Figura 34*, observamos jovens da elite teresinense em uma aula de educação física na escola, pois a disciplina já era obrigatória no currículo escolar. Observamos a presença de roupas e calçados específicos para a prática dos esportes: shorts e tênis.

Figura 34: Alunas em Teresina na prática de esportes.



Fonte: IPHAN

Com as novas modas e modos, as jovens de família rica da cidade viviam sob a vigilância constante da família e da sociedade, como uma forma de manter a moral e os chamados “bons costumes”. Nesse sentido, o vestuário passa a ser um dos elementos utilizados por setores da sociedade para se identificar uma “mulher de bem”, aquela que vivia dentro dos preceitos morais da sociedade. Roupas mais ousadas, ou seja, diferentes dos padrões tradicionais da época, podiam caracterizar uma jovem como “moça leviana”, de má conduta. Em relação às casadas os códigos para as vestimentas eram ainda mais rígidos.

Na *Figura 35*, observa-se a família de Eurípedes de Aguiar⁶³ na década de 1930. Na imagem, observamos Eurípedes de Aguiar, sua esposa Maria da Graça Lopes Aguiar (Gracy Lopes) e filhos. Podemos perceber que as mulheres da família acompanhavam as novas modas. Ainda exibindo cabelos curtos, reflexo da década de 1920, e as roupas já acompanham as novas tendências de Paris e não mais o estilo melindrosa.

⁶³Eurípedes de Aguiar era filho do desembargador Helvídio Clementino de Aguiar e de Genoveva Nogueira Lobão de Aguiar. Pertencente a uma das famílias mais ilustres do Piauí. Formou-se em medicina pela Universidade Federal de Medicina e Farmácia da Bahia com doutorado em Paris, mas foi também político, poeta e jornalista. Ingressou na política como intendente da cidade de Floriano e, em 1916, foi eleito governador do Piauí e, em seguida, deputado estadual (1920-1923) e senador (1924-1930) durante a República Velha.

Figura 35: Família de Eurípedes de Aguiar.



Fonte: acervo Genu Morais⁶⁴

Nos anos de 1940, a moda feminina se aproximou, de certa forma, da masculina, com formas retas, simples e até mesmo incorporando itens do vestuário masculino, reflexo do novo estilo de vida feminino. Um estilo de vida mais livre, momento em que a mulher já frequentava os espaços da cidade, estudava e trabalhava. Usava os modelos de roupa divulgados nos principais centros produtores de moda da Europa. Roupas menos elaboradas, mais condizentes com os novos papéis da mulher na sociedade.

A imagem feminina passava por um processo de transformação, com mudanças no comportamento, no vestuário, no penteado, na maquiagem e na forma de apresentar-se perante a sociedade. As mulheres começam a se perceberem de outra forma, passando a reivindicar a igualdade entre os sexos e o reconhecimento intelectual e, ainda, a questionar os tradicionais papéis de mãe, esposa e dona de casa, passando a exercer funções até então pouco comuns ao sexo feminino.

Desejavam vestir-se conforme a moda, parecerem modernas, sedutoras e atraentes, como as mulheres das revistas e das fitas do cinema. Essa era uma das formas de se tentar eliminar o modelo de mulher confinada ao espaço doméstico, no cuidado dos filhos e marido, e as costuras em geral.

Na década seguinte, década de 1950, a tendência era buscar transmitir as características da feminilidade, quais sejam, a delicadeza, fragilidade e, conseqüentemente,

⁶⁴Cf. <https://www.cidadeverde.com/272388342841711/photos/pb.2723883428417112207520000.1456690633./983587718388433/?type=3&theater>. Acesso em outubro de 2014.

dependência e necessidade de proteção da mulher por parte do homem, contradizendo, de certa forma, a liberdade conquistada pelas mulheres nas décadas iniciais do século XX, principalmente na década de 1920. Isso se deu em decorrência do clima pós-guerra. A vontade era de aproveitar da melhor forma possível tudo o que a vida oferecia de bom, na tentativa de deixar para trás as atrocidades de período tão violento. A mulher ansiava pela volta da feminilidade, do luxo e da sofisticação.

2.2 Escolaridade e Mercado de Trabalho

Na década de 1920, os lugares sociais femininos estavam se ampliando e já não eram os mesmos lugares. Eram novos papéis na vida das mulheres que surgiam, mas que conviviam ambigualmente com os tradicionais. Algumas permaneceram no cenário tradicional, reclusas no lar, dedicadas ao esposo e aos filhos; outras abriram caminho para o reconhecimento da sua autonomia como ser humano e como mulher, saíam de casa para se divertir, para estudar e/ou para trabalhar.

Foi em um contexto, marcado por inúmeras mudanças sociais, em que se destacou a educação e a inserção feminina no mercado de trabalho. Práticas que não eram comuns às mulheres como valor de extrema importância para a sociedade, especialmente para a teresinense (CARDOSO, 2012).

Percebe-se, diante dos registros escritos, que naquele momento, as mulheres estavam ansiosas por conquistar novos papéis, ansiavam por liberdade, autonomia e independência (QUEIROZ apud CARDOSO, 2012), almejavam sair da reclusão do lar e profissionalizarem-se. Ambicionavam por papéis que não se restringissem apenas ao casamento e aos cuidados com a casa, com o marido e com os filhos. Queriam independência financeira e reconhecimento social.

Começaram então a deixar o espaço do lar e frequentar espaços na cidade, antes destinados apenas aos homens, criando novas sociabilidades, novas formas de vestir-se, de ver a cidade, a vida e o próprio corpo. Tornara-se fundamental a sua escolarização, principalmente para que pudessem contribuir para uma educação melhor dos filhos. Mas isso, dentro daquela sociedade, não poderia comprometer de forma alguma suas funções dentro do lar. Aquela nova condição deveria servir como complemento das funções que desempenhava dentro do lar e não para igualarem-se aos homens.

Ao mesmo tempo em que nascia esse desejo nas mulheres, os governantes em Teresina passaram a investir na educação geral e mais especificamente na feminina, pois nesse período as escolas tinham carência de professores no ensino primário (SOARES, 2004). Assim, aproveitando o momento que prenunciava novas perspectivas na vida das mulheres, o governo investiu na educação da mulher, no sentido de elevar-lhe o nível cultural. Para Cardoso (2012), a partir de então, as mulheres conquistaram maiores espaços na vida da cidade, na educação, na sociedade e no mundo do trabalho.

Essa investidura política direcionou-se especialmente para a educação das mulheres da elite, por considerarem que estas apresentavam o perfil adequado para o trato com as crianças já que supostamente eram detentoras de “bons costumes” e de formação moral e religiosa, aspectos que atenderiam aos requisitos ao labor de ensinar (SOARES, 2004).

Por outro lado, empenhara-se também na educação feminina a Igreja Católica porque no período passava por um reordenamento institucional, tendo a intensão de reforçar a sua presença no seio da sociedade civil, tornando suas ideias mais acessíveis ao mesmo tempo em que preservava seus espaços político-religiosos. Enfim, educando as mulheres, conforme os preceitos do catolicismo, poderiam construir cidadãs defensoras da sociedade tradicional e difusoras dos preceitos e comportamentos difundidos pela igreja.

A preocupação da sociedade com a instrução e o disciplinamento formal das mulheres possibilitou a criação das instituições educacionais que serviram como espaços para a expansão dos níveis de escolarização feminina na cidade. Em 1906, instala-se o primeiro colégio em Teresina destinado exclusivamente para mulheres. Era o Colégio Sagrado Coração de Jesus, conhecido até os dias de hoje como o Colégio das Irmãs. O objetivo era oferecer as jovens um ensino de qualidade dentro dos princípios do catolicismo, como também almejava dotá-las de potencialidades para que fossem boas filhas, mães, esposas e donas de casa (CARDOSO, 2012).

Outras escolas também surgiram na capital, mas com atividades direcionadas para moças e rapazes. Esses estabelecimentos não direcionavam as meninas para a profissionalização, mas dava-lhes tão somente as noções de leitura e escrita. Dentre estes, podemos citar o Colégio Nossa senhora das Dores, o Instituto 21 de abril, o Ginásio Leão XXII e o Colégio Benjamin Constant, este último além do curso primário ministrava aulas também do nível secundário não profissionalizante (CARDOSO, 2012).

Em 30 de dezembro de 1908, ampliaram-se as possibilidades de escolarização feminina: nascia a Escola Normal Livre, destinada à formação de professoras primárias. Esta escola contribuiu para o surgimento de novas posições para as mulheres na sociedade

piauense, tendo em vista a atuação no magistério, pois preparava de forma contínua, professoras para assumir cargos no ensino primário.

Em 1910, foi oficializado o Ensino Normal, transformando a Escola Normal Livre em Escola Normal Oficial. Através da Lei nº 548 de 30 de março de 1910, foi implantado a escola sob o regime de externato, destinada inicialmente ao sexo feminino, mas que habilitava também homens que pretendessem ingressar no magistério, através de exames de todas as matérias que constituíam o Curso Normal.

O ensino ministrado pelo estado será livre, leigo e gratuito, e dividir-se-á em primário, normal e profissional, enquanto não existirem no estado estabelecimentos particulares equipados ao Ginásio Nacional, dispondo de pessoal docente de reconhecida competência e aparelhado com os modernos recursos para o ensino, o estado do Piau manterá cursos de instrução secundária, destinados a desenvolver o ensino primário e a preparar candidatos para os cursos superiores da República⁶⁵.

A educação desses jovens servia para a formação do magistério primário, como também preparava as jovens para o casamento e para a maternidade, pois possuíam disciplinas de corte e costura, tricô, crochê, etc.

Na *Figura 36*, observamos uma fotografia de alunos da Escola Normal com alguns de seus professores em que podemos observar também a presença de alunos do sexo masculino.

Figura 36: Professoras e alunos no pátio da Escola Normal no ano de 1935.



Fonte: <http://www.cidadeverde.com>⁶⁷.

⁶⁵PIAUI, Lei n. 548 de 30 de março de 1910, p. 03- Diário Oficial.

⁶⁶Cf. <http://www.cidadeverde.com/teresina160>. Acesso em janeiro de 2016.

⁶⁷Cf. <http://www.cidadeverde.com/teresina160>. Acesso em janeiro de 2016.

De acordo com o modo de pensar vigente, essas habilidades eram necessárias especialmente depois do casamento para que a mulher, como dona de casa, realizasse atividades básicas como fazer enxovais de bebês e consertos nas roupas do marido e dos filhos. Elas também deveriam produzir objetos de uso doméstico, como colchas, lençóis, fronhas de travesseiros, guardanapos, toalhas de mesa, panos de prato e toalhas de banho. Essas práticas eram importantes porque, ao pensamento da época, essas habilidades e atitudes revelavam a dedicação e o carinho que as mulheres deveriam ter para o cumprimento responsável das tarefas domésticas cotidianas, sendo um indicativo do zelo feminino para com o lar e com a família (MARINHO 2008).

Em 1911, o Curso Normal passou a ter duração de quatro anos e foram inseridas novas disciplinas como Arboricultura, Meteorologia, Horticultura e Economia Rural, de forma a contemplar estudantes oriundas do interior. Além dessas disciplinas, também foi acrescentada logo depois a disciplina Economia Doméstica que consagrou a Escola Normal como uma instituição destinada às mulheres, embora continuassem aceitando alunos do sexo masculino em seu quadro. E assim, a estrutura da grade foi se modificando ao longo dos anos, voltando-se, cada vez mais para a promoção da elitização cultural das mulheres. Além do magistério, elas buscavam saberes que as permitissem participar da vida social da mesma forma que os homens (SOARES, 2004).

Nos anos de 1920, o Colégio Liceu Piauiense e o Colégio São Francisco de Sales eram os principais estabelecimentos a oferecer um curso ginásial de qualidade. Eram também outras possibilidades para as moças que não desejavam seguir o Curso Normal. Além desses, havia ainda o Ginásio Leão XIII (1937), o Colégio Demóstenes Avelino (1942) e o Ginásio Desembargador Antônio Costa (1945). O Colégio Sagrado Coração de Jesus (1906) e o Diocesano (1906) pertenciam à rede particular. Em 1944, foi criado o Instituto Dom Barreto, uma escola religiosa voltada para a educação doméstica. Ali, as moças diplomavam-se em costura, confecção de flores e culinária. Também foi, no início do século, que, observou-se, no Piauí, o acesso das mulheres ao ensino técnico e de terceiro grau, embora de forma bastante incipiente (CARDOSO, 2012).

Nos anos da década de 1920, as mulheres da elite em Teresina também já se dividiam entre o trabalho doméstico e o trabalho fora do ambiente do lar. Ainda continuavam com a responsabilidade das tarefas domésticas, fazendo de tudo, cuidando da limpeza da casa, do marido, dos filhos, lavando, passando, cozinhando, tecendo, fiando, costurando, fazendo vela, sabão, etc., embora muitas delas possuíssem já eletrodomésticos que lhes facilitavam os serviços. Elas ainda podiam contar com uma ajudante (uma mulher de classe social baixa)

tanto para os serviços da casa quanto para a produção dos bens de consumo (CARDOSO, 2010).

De uma forma geral, as mulheres de todas as classes, em torno do mundo, começaram a ter renda própria e, com o fim do conflito (Primeira Guerra Mundial – 1914-1918), perceberam sua capacidade de auto provedora, e, a partir de então, não deixaram mais o mercado de trabalho. A mulher se emancipava.

Nas décadas de 1930 e 1940, observou-se o acesso das primeiras mulheres teresinenses ao ensino superior, consolidando-se nas décadas seguintes. As mães começavam a se preocupar com o sustento das filhas em caso de viuvez ou solteirice, embora ainda acreditassem que o casamento era o melhor caminho para elas.

Em 1931, instalou-se em Teresina a primeira instituição de ensino superior do Estado, a Faculdade de Direito. Por mais de 20 anos foi a única instituição a oferecer esse nível de ensino, tendo sua primeira formanda concluído o curso de Direito apenas em 1939, na quinta turma, Júlia Gomes Viegas, abrindo caminho para outras mulheres.

As primeiras mulheres formadas em cursos como Odontologia, Medicina, Direito e Farmácia realizavam seus estudos em outros estados brasileiros retornando para Teresina após o término. Em 1950, havia 24 mulheres formadas em todo o Piauí (CARDOSO, 2012). Deve-se dizer que, a grande maioria delas se dedicava a carreira de professora, lecionando para crianças.

No decorrer da década de 1940, o ingresso feminino ao ensino do terceiro grau continuava ainda muito incipiente em Teresina e a Escola Normal continuava sendo o caminho percorrido pela maioria das mulheres teresinenses. Entretanto, as jovens nascidas na década de 1930 trilhavam caminhos diferentes daqueles ditados para elas à época, e o índice de mulheres no ensino superior e no mercado de trabalho vai se consolidando.

É nesse momento, então, que as mulheres começam a entrar efetivamente no mercado, em ocupações consideradas compatíveis com o seu perfil feminino, como professora (profissão exercida por mulheres da elite e da classe média), enfermeira, datilógrafa, taquígrafa, secretária, telefonista, funcionária pública e operária têxtil. Surge a perspectiva de novas possibilidades de atuação social e realização feminina na sociedade, além das já oferecidas pelo casamento e pelo espaço doméstico.

Na *Figura 37*, logo abaixo, destacamos Zoraide Batista Mendonça, funcionária do Tribunal Regional Eleitoral, em 1947, como exemplo de mulher moderna que conquistou seu espaço no mercado de trabalho.

Figura 37: Zoraide Batista Mendonça em 1947.



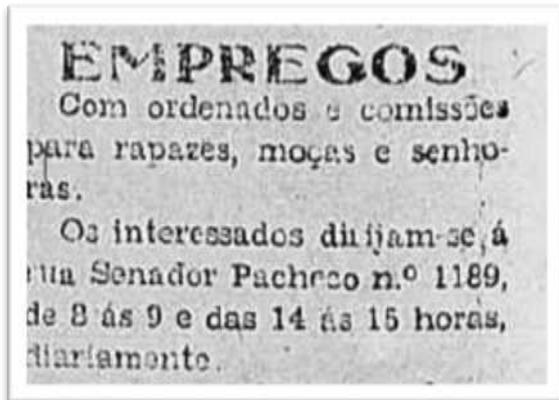
Fonte: www.cidadeverde.com

O comércio local também absorvia o trabalho feminino. As mulheres ajudavam os pais, os irmãos e até mesmo os maridos nas casas de comércio ocupando funções de balconistas e/ou vendedoras. Podiam ser também elas mesmas, as proprietárias das casas comerciais. Há relatos de que elas também exerciam a prestação de serviços.

Uma parcela da população, aquela mais tradicionalista, era contra a saída da mulher de casa para o mercado de trabalho, pois acreditavam que as mulheres eram as responsáveis pela decadência da família. Outros, porém, não eram contra, mas, para eles, deveria haver a conciliação nas funções de mães, esposas, donas de casa e profissionais, esta última deveria ser uma atividade acessória. As mulheres deveriam ainda estar sempre atualizadas com a moda.

Observamos que em Teresina, diversos jornais locais, a exemplo da *Gazeta*, exibiam anúncios que ofertavam oportunidades de emprego inclusive para mulheres como podemos observar nas imagens das *Figuras 38 e 39*, demonstrando a aceitação e a oferta de empregos para as mulheres na capital.

Figura 38: Anúncios com ofertas de trabalho



Fonte: *Jornal Gazeta*⁶⁸

Figura 39: Anúncios com oferta de trabalho



Fonte: *Jornal Gazeta*⁶⁹

Em suma, as escolhas profissionais das jovens que investiam no ensino superior limitavam-se ao magistério e ao serviço público nas esferas estadual, federal e municipal, constituindo-se nas principais formas de acesso ao mercado de trabalho.

E assim, seguem as feminilidades propostas pela moda e pelos novos comportamentos, modificando-se e sendo observadas e avaliadas nos periódicos da cidade, onde os intelectuais e os cronistas analisavam esse novo momento feminino: a inserção social da mulher na sociedade e seus novos papéis. Embora não de deixe também de observar as opiniões e discussões a respeito da posição da mulher como mãe, esposa e dona de casa. Percebe-se que existia uma preocupação com a nova cultura da feminilidade, que surgia e que provocava uma transformação das relações sociais.

2.3 Cidade, Moda, Sociabilidade e Civilidade

Os conceitos de civilização, modernidade e progresso definiram Teresina desde a sua fundação. A escolha da sua localização, um ponto geográfico estratégico, pois, além de se situar nos limites da estrada que ligava Oeiras (primeira capital) às cidades litorâneas, a região encontrava-se nas proximidades de Caxias (cidade maranhense mais próspera da vizinhança) e ainda possuía a navegabilidade de dois rios, por onde se realizava grande parte das transações comerciais do estado. As formas como foram planejadas suas ruas, em forma de

⁶⁸*Jornal Gazeta*, Teresina, 1942, n.1309.

⁶⁹*Jornal Gazeta*, Teresina, 1943, n.1364.

tabuleiro de xadrez, e as construções que ali se instalaram, foram planejadas e executadas para representar os tempos modernos.

Menos de 50 (cinquenta) anos após sua fundação, a modernidade e o progresso trouxeram espaços de lazer e sociabilidade à Teresina. Os novos comportamentos e as novas relações sociais que se estabeleciam exigiam mudanças na estrutura física da cidade que foram progressivamente se modificando e possibilitando a instalação de outras formas de sociabilidades e novos modos de vestir. Enfim, novos padrões sociais, principalmente para as elites, que buscavam por prestígio e distinção.

Foi o momento em que a mulher deixou o espaço do lar para frequentar os espaços de sociabilidades. Elas começam a se escolarizar, a se inserir na sociedade e no mercado de trabalho, a sair para as compras, a ver um mundo de possibilidades, a se emancipar. Ao circular no espaço público, elas estavam expostas às tendências da moda e ao comportamento propagado pelo cinema, como também às ideias que lhes reivindicavam novos papéis sociais (MARINHO, 2008; SOARES, 2004).

Muitas mudanças foram executadas nos espaços da cidade destinados à sociabilidade da população teresinense. Destacamos as reformas de praças que aconteceram depois de muitas reclamações difundidas nos jornais locais representando a voz da população em geral. Com espaços mais adequados para a sociabilidade feminina, a mulher passou a inserir-se no espaço urbano de Teresina. Inicialmente circulando pela cidade para depois escolarizar-se e trabalhar, trazendo como consequência a necessidade de se fazer uso de um vestuário diferente, o que a conduziu ao comércio de moda para as compras, uma nova forma de sociabilidade, buscando as novas tendências, tecidos, aviamentos e acessórios. A moda interferiu sobremaneira na sociabilização das mulheres.

Inicialmente as missas na Igreja do Amparo eram uma oportunidade para que homens, mulheres e crianças se encontrassem, mostrassem a elegância, a boa aparência e a boa educação. Após a missa havia formação de pequenos grupos no entorno da igreja para as conversas entre amigos. Depois, com a construção de praças e jardins, os novos locais de sociabilidade da cidade, era comum, após a missa, se dirigirem a esses novos locais para encontros e conversas.

Com a construção do Jardim Público, em 1914, reivindicada ainda no começo do século XX, e relacionada diretamente com a necessidade de um lugar na cidade que possibilitasse um passeio para o encontro de famílias, rapazes e moças, a cidade passa a contar com um lugar de sociabilidade moderna, tornando-se de imediato o local apropriado

para a autoexibição e para exibir as vestimentas e adornos, como podemos observar no trecho abaixo retirado do Jornal *O Nordeste*⁷⁰:

Nele, as melindrosas e as vaporosas exibem as ‘*toilettes*’ antes do baile do cinema; os ‘amarradinhos’ e os ‘almofadinhas’ em companhia da mamãe e das manas vão languidamente gozar as delícias da temperatura, que nele é mais saudável; os ‘piratas’ instruem os ‘lambarys’ ensinando-lhes os processos mais simples e mais simpáticos da conquista e de ‘dá o fora’; nele, os ‘doutores’, tipo genuinamente nosso, de que te falarei mais tarde com as roupas exóticas, feitas especialmente para chamar a atenção, talhadas entre risos, pelos alfaiates de Pernambuco e Bahia, se reúnem para discutir os novos passos do tango e os novos modelos de roupas; estes são os ‘diseurs’ do chiquismo, enfim, é no jardim que tudo se junta, formando com a desarmonia das pessoas, belezas e cores, a simetria harmônica que dá como resultado, na opinião de Gustavo Le Bom, a alegria das multidões. Aqui, isto nós chamamos animação.

Como se observa, as praças eram mais do que uma melhoria no aspecto urbanístico da cidade, elas também funcionavam como ponto de encontro para as famílias e para a juventude. Eram locais de flertes e de namoros, locais próprios para exibirem-se os novos modelos de roupa e para conversas entre rapazes e moças, uma prática moderna naqueles tempos. As praças eram frequentadas por todas as classes sociais, embora ocupassem diferentes espaços.

A partir de 1915, a Praça Rio Branco também sofreu interferências na sua estrutura física. Ganhou uma nova feição estética, muitas árvores, nova pavimentação, um coreto e alguns bancos. Um ano após essa urbanização, foi iluminada, tornando-se um local convidativo para passeios noturnos. Tornara-se um espaço propício para conversas, namoros e para o desfile das moças (LIMA, 2007). A sequência de imagens das *Figuras 40 e 41* mostram mudanças na estrutura física da Praça Rio Branco em diferentes momentos. Podemos observar também o movimento das pessoas que frequentavam a praça como forma de lazer e sociabilidade.

⁷⁰Jornal *O nordeste*, Teresina, 1920, n. 12, p. 5.

Figura 40: Jardins da Praça Rio Branco em 1918.



Fonte: <http://www.cidadeverde.com>⁷¹

Figura 41: Praça Rio Branco nos anos de 1950.



Fonte: Arquivo Público do Piauí Casa Anísio Brito

A Praça Pedro II era formada por duas partes: a parte de baixo e a parte de cima, continuando com essa estrutura mesmo após sua reforma em 1936. A praça de baixo possuía dois canteiros gramados e um círculo com um globo em seu centro, que se tornava luminoso à noite. Ela era utilizada também para o *footing*⁷² das jovens da elite teresinense que exibiam os últimos modelos. Espaço que também se constituía em uma grande oportunidade para arranjar um namorado, um candidato ao casamento, posto que era também frequentada pela elite intelectual masculina (LIMA, 2007).

⁷¹Cf. <http://www.cidadeverde.com/teresina161anos>, acesso em outubro de 2014.

⁷²Eram os passeios que se realizavam nas praças e nos passeios públicos.

Já a parte de cima era frequentada pelas empregadas domésticas e pessoas consideradas de nível social baixo. As moças que frequentavam essa parte da praça eram conhecidas coletivamente como curical. Era um local mais desprovido de iluminação e por isso escolhido como local para os “namoros avançados” (LIMA, 2007).

Nesta mesma praça, no final da década de 1930, funcionou uma amplificadora que até às 22 horas tocava as músicas de sucesso na Rádio Nacional e oferecia por meio de seu locutor mensagens românticas e músicas a pedidos dos frequentadores (SOLON, 2006). Genu Morais se reporta a esses momentos em entrevista a Kenard Krueel (2015). Segundo ela, “eram milhões de mensagens oferecidas às moças por seus admiradores”, inclusive ela mesma relatou que recebera muitas mensagens e declarações de amor, pois era muito solicitada, tinha muitos fãs.

As retretas da banda da Polícia Militar também animavam as noites na praça. Embalavam ao som de sua música os encontros e namoros entre os jovens. A Polícia Militar tinha também um papel muito importante na vigilância das moças que frequentavam o local. Quando a corneta soava, em torno de vinte e uma horas, era hora das senhoritas que queriam zelar por sua reputação e moral, se dirigirem às suas casas. Afirma-se que nas praças, permaneciam apenas as mulheres mais ousadas que, além de afrontar os pais, eram expostas ao falatório da sociedade (SÁ FILHO, 2006).

Existiam ainda os largos, espaços destinados à recreação e às manifestações cívicas. Entretanto, em Teresina, estes ainda não eram urbanizados nem arborizados como em outras cidades, por isso, a população exigia a edificação de um local público mais agradável para os passeios. Emerge então o Jardim Público, por volta de 1914, criado na Praça Rio Branco (antiga Uruguaiana). Foi o primeiro jardim público de Teresina e logo a população criou o hábito de passear aos domingos, tornando-se um espaço agradável para as famílias. Constituíam-se em um local de encontro e passatempo para se sair da rotina, sobretudo pela observação da beleza e da arte da vegetação ali existentes (COSTA, 2009). Foi durante muito tempo um dos principais espaços de sociabilidades da cidade.

O passeio público era a área de lazer da família, espaço que permitiu as mulheres o acesso à vida pública. Esses representaram um importante marco na valorização dos espaços urbanos, uma vez que, se a presença de pessoas era exigida nos espaços públicos, esses deveriam possuir atrativos a fim de seduzir a troca do espaço privado pelo público, sobretudo o público feminino (NUNES, 2013, p. 50).

Além dos espaços públicos disponíveis, destacavam-se também os clubes, os cafés, os restaurantes, o teatro, a exibição de fitas no cinema. Outras formas de sociabilidade se davam nos bailes tradicionais, no carnaval, nos saraus, nas festas nas residências, nas conversas no entorno das escolas, nos concertos musicais, nos recitais, nas conferências, nos jogos de futebol, nos concursos de *miss* e até nos bate-papos nas calçadas em frente às residências e em frente às escolas. Tudo isso estimulava o convívio entre as pessoas e também evidenciavam hábitos e modos de comportamento e conduta na cidade. Eles revelavam uma Teresina em transformação, todavia, exigia um alto preço, bem como um vestuário mais refinado que afastavam os segmentos menos favorecidos desses acontecimentos.

Instauravam-se, então, os novos comportamentos a partir da moda, do lazer, da elegância e do consumo, trazendo novas etiquetas, disciplinas, linguagens, apresentação pessoal e de vestuário, além das novas formas de lidar com o próprio corpo.

Essas inovações modernas criavam novas formas de sociabilidade e davam novos ritmos à capital. Dessa forma, Teresina, aos poucos, foi assumindo uma imagem associada a um lugar civilizado e urbano. As transformações urbanas e de hábitos são símbolos do avanço da modernidade, onde o mundo do lazer constituía-se relativamente em um dos grandes meios de civilizar a sua população.

À medida que iam surgindo, esses espaços de encontro e entretenimento eram logo ocupados. Introduziam-se novas formas de civilidade e de modernidade, as pessoas precisavam aprender a manter as distâncias sociais, a frequentar de modo adequado os ambientes e os eventos, a receber, a se comportar à mesa, etc., como acontecia já nos séculos XVII e XVIII na sociedade de corte onde já se preconizava os modelos de conduta (ELIAS, 2011). Entretanto, uma grande parte da população de elite, os mais velhos, não aprovava esse novo comportamento e defendiam o tradicionalismo.

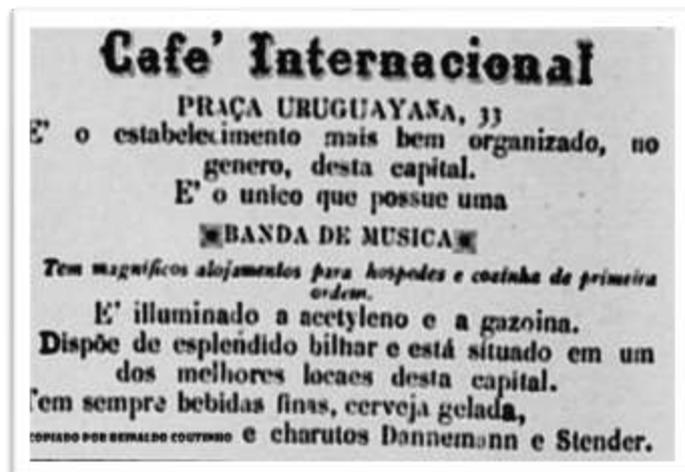
Segundo o jornal *O Correio*, editado nos anos de 1910, Teresina ainda tinha uma vida noturna precária para uma capital que ansiava pelo progresso. Isso supostamente acontecia devido à deficiência na iluminação pública. Ainda predominavam os lampiões que acendiam tarde e eram desligados cedo, fazendo com que, aqueles que frequentavam a rua à noite com o objetivo de diversão, voltassem para casa antes do escurecer, pois no escuro havia a possibilidade de se encontrar maus elementos nas ruas.

Com o advento da energia elétrica na capital, na década de 1910, a sociedade passou a contar então com o serviço de iluminação. Esse benefício estabeleceu novos hábitos de lazer, principalmente os passeios nos jardins públicos e nas reuniões com familiares. Segundo Queiroz (1998), o serviço de iluminação pública representou um dos maiores símbolos da

modernização e do progresso, que tirou o teresinense das noites monótonas permitindo o lazer até a madrugada.

Os cafés destacam-se como formas de lazer que iam ocupando os espaços urbanos, imitando os costumes de grandes metrópoles, como o Rio de Janeiro. Funcionavam como pontos de encontro entre as famílias, moças e rapazes, onde as conversas tratavam de tudo: política, negócios, fofocas, entre outros tantos assuntos. No período, muitos cafés foram construídos em Teresina: o Café Internacional e o Café Avenida, por exemplo, ambos situados na Praça Rio Branco. No início do século, merecem destaque, o Café *Chic*, em 1902, e o Café Familiar, em 1914. O Café Avenida, era uma mistura de bar, restaurante e lanchonete. Foi alugado da prefeitura pelos imigrantes, localizava-se num anexo da Praça Rio Branco (antes Praça do Comércio) que com a inauguração da energia elétrica passou a ser frequentado até mais tarde, por volta de vinte e duas horas, inclusive pelas mulheres (CASTELO BRANCO, 2013). Ali, as pessoas se reuniam diariamente após o fechamento das lojas do comércio para conversar, fumar e exibir suas roupas com os novos modelos. Deixavam o café quando o apito da usina de luz dava o primeiro toque de recolher, às vinte e uma horas. Na *Figura 42*, podemos observar um anúncio do Café Internacional que enfatiza a modernidade de suas instalações e a qualidade de seus produtos e serviços.

Figura 42: Anúncio do Café Internacional.



Fonte: Jornal *Gazeta*, Teresina, 02 de dezembro de 1908.

Havia ainda os clubes, onde ocorriam bailes, *shows* e as famosas tertúlias, reuniões dançantes onde os casais dançavam ao som de sambas, boleros, *fox-trot* e maxixe. Nesse

ambiente surgiam também as melindrosas⁷³ teresinenses dançando euforicamente e exibindo seus novos trajés. Devido às novas danças e aos novos modos e vestimentas das mulheres tinha-se agora uma visão um tanto conflituosa a respeito do baile, pois a sociedade passava por uma redefinição de valores e comportamentos advindos do contato com as grandes cidades brasileiras e europeias, que nem sempre eram bem vistos e aceitos pela sociedade de forma geral (CASTELO BRANCO, 2006).

Nos jornais encontramos relatos acerca dos “abusos” que ocorriam nos bailes. Muitos acreditavam que as novas formas de baile tinham banido determinados costumes sociais:

a diversão entre pais e filhos, as trocas de amabilidade, os recitais de piano – principal elemento de aproximação das famílias, o centro do prazer e dos sentimentos mais nobres dos salões, as palestras... agora só serviam para a dança dos novos ritmos – tinha virado uma mania e acabado com o bom gosto social⁷⁴.

O clube mais famoso de Teresina era o Clube dos Diários, Sociedade Recreativa Clube dos Diários, localizado no centro da cidade e fundado em 1922. Só em 1927 inauguraram a sede própria. Nos salões do antigo Clube dos Diários, a sociedade teresinense se divertia. O espaço tornou-se um local apropriado para a realização de bailes, porém, nem todos tinham acesso devido ao alto preço cobrado para frequentar esse espaço. Durante os bailes exigia-se bom comportamento, boas maneiras e o uso adequado de trajés. Lá se observava o vestuário, a maquiagem, os trejeitos, a forma de dançar e de portar-se. Tudo deveria estar dentro dos preceitos morais da época sendo frequentado por jovens e adultos das classes mais abastadas (PEREIRA, 2011). Na *Figura 43* podemos observar um grupo da elite teresinense no Clube dos Diários, por ocasião de um chá-dançante em 1924.

⁷³Termo típico dos anos de 1920, aplicado a uma geração de moças que viveram o período entre guerras. As moças vestiam saia curta, aboliram o espartilho, cortaram o cabelo à moda a *La Garçonne*, escutavam jazz, tango ou samba e descartavam a tradicional conduta feminina do período.

⁷⁴Jornal *Chapada do Corisco*, Teresina, 1918, n.1, p.3.

Figura 43: Chá dançante no Clube dos Diários em 1924.



Fonte: www.ibamende.com. Acesso em agosto de 2014⁷⁵

Havia vários motivos para a realização dos bailes: batizados, aniversários, casamentos, formaturas, datas religiosas, datas cívicas, visitas e até vitórias de políticos. Eram espaços de sociabilidade, destinados a conversas, mas também ao flerte, um local apropriado para se iniciar um namoro e arranjar um bom casamento. Tinha a função de aproximar os enamorados e as pessoas de uma forma geral (CASTELO BRANCO, 2006).

Figura 44: Anúncio da divulgação de Baile em Noite de Réveillon no Clube dos Diários.



Fonte: Jornal *Gazeta*⁷⁶

⁷⁵Cf. http://www.ibamendes.com/2015/10/fotos-antigas-de-cidades-e-pessoas-do_89.html

⁷⁶Jornal *Gazeta*, Teresina, 1942, n. 1320.

O Clube dos Diários funcionou também como elemento que difundia a música, associada a refinamento cultural e vista como elemento diferenciador de extratos cultos. Era considerada um fator de civilidade e diretamente relacionada às sociabilidades emergentes. Fazer e amar a música significava distinguir-se enquanto humano e civilizado. Passou a ser utilizada nas diversas formas de lazer que surgiam, como as tocatas familiares e nas retretas no jardim da Praça Rio Branco, além dos bailes, marcados por novos ritmos que foram severamente criticados pelos mais conservadores, mas, despertavam o interesse dos rapazes e moças teresinenses representando cultura, civilidade, refinamento e elitização.

Enquanto a música também se difundia, emergiam as propagandas sobre a comercialização de vitrolas nos jornais da cidade. Os anúncios destacavam os preços acessíveis, as facilidades para a aquisição dos aparelhos e a variedade de discos nacionais e estrangeiros. Em Teresina, a música começava a se popularizar. Os novos ritmos como o foxtrote, o *jazz*, o tango, o maxixe, que, presentes nas fitas cinematográficas, foram logo ofertados em forma de discos, que, aliados às vitrolas, possibilitaram dar novo formato aos bailes e às danças. Associada à delicadeza de sentimentos, a música foi relacionada à mulher, também vista como elemento civilizador e de atuação decisiva sobre os homens.

Outro espaço de lazer bastante frequentado em Teresina era o teatro, voltado basicamente para as elites devido aos altos custos dos bilhetes, além do que exigia rigor nos trajes para frequência no seu espaço. Funcionava como um delimitador de classes sociais. Segundo Castelo Branco (2006), muitas pessoas passeavam nas proximidades do teatro só para observar as roupas e a elegância dos frequentadores das apresentações artísticas que ali se realizavam. As representações teatrais e os espetáculos afins eram comuns e movimentavam a cidade.

Os jornais dão bastante destaque ao cinema como um local aprazível para a sociabilidade, talvez o lugar de divertimento predileto. Alcançou popularidade rapidamente, justificada por uns, por ser a menos dispendiosa, outros, porém, reclamavam do preço do ingresso em Teresina. “Em todo o Brasil o cinema é quase de graça, o mesmo não acontece em Teresina. Até em Parnayba é mais barato”⁷⁷.

Atraía mais a atenção dos jovens, principalmente, das moças. Ao mesmo tempo encantavam e provocavam polêmicas. Suas sessões estavam sempre com lotação máxima (PEREIRA, 2011). Como nos bailes, o cinema estimulava o flerte entre moças e rapazes. Era

⁷⁷Jornal *Chapada do Corisco*, Teresina, 1918, n. 2, p. 14.

ainda um ponto de encontro da elite da sociedade teresinense que oferecia conforto aos seus frequentadores e as mais renomadas produções americanas.

Dentre as diversões do início do século XX, foi o que teve enorme força na construção de uma civilização. No espaço local, o cinema afastava, cada vez mais, a população teresinense de uma tradição que relembrava um passado arcaico trazendo, inclusive, os novos modismos para a cidade.

No início, as projeções cinematográficas, além de terem sido consideradas como as primeiras diversões públicas de Teresina, foram também o meio mais eficaz para a difusão da moda na cidade. As primeiras projeções teriam ocorrido em Teresina por volta de 1901 ou 1902 (ainda há controvérsias nas referências), era o cinema mudo. Em 1908, a cidade recebeu a primeira empresa com cinematógrafo possuidor de uma exibição de imagens com fundo musical e de legenda - a Fontenele & Cia, vinda de Paris, que contava com estoque de 500 fitas. As projeções faladas só chegam à capital do Piauí na década de 1930 e foram exibidas no Teatro 4 de Setembro (FONTINELES FILHO, QUEIROZ, 1998,2008).

Nos anos de 1920, a cidade ganhava três cinemas diários: Cine América, Éden Cinema e Teatro-Cinema *Palace*. Os atores e atrizes em destaque nas películas serviam de referência para o público – principalmente o feminino. As novidades influenciavam as mulheres, ditavam modas de toaletes e introduziam hábitos civilizados de comportamentos e costumes, modos de sentar, de olhar, de fumar, de dançar, flertar e, principalmente de se vestir, que foram logo assimilados, como afirma Castelo Branco (2008, p. 65) “O cinema influenciava não só os padrões de beleza e vestuário das mulheres, mas também o imaginário feminino ligado às relações amorosas”. Eram os modismos que chegavam em Teresina. Todos esses fatos foram registrados pelos periódicos da época, que, muitas vezes, exibiam críticas à maneira como as mulheres se vestiam e se comportavam. A moda, de um modo geral, contribuiu para a ruptura com o mundo tradicional, pois funcionava como um modelo para o presente (FONTINELES FILHO, 2008).

Essa nova forma de entretenimento se sobressaiu como uma das diversões mais procuradas em Teresina. Dessa forma, o cinematógrafo também conquistou rapidamente o gosto popular e tornou-se um dos veículos divulgadores do progresso, da mudança de costumes e da elegância. A divulgação da moda tornou-se mais acessível e com isso as roupas em voga eram substituídas cada vez mais rapidamente. Os filmes estimulavam o consumo das novidades ali disseminadas, ditando o que deveria ser usado para se manter elegante, constituindo-se como o grande referencial da propagação dos novos costumes. O público se

julgava obrigado a seguir aqueles estilos, influenciando diretamente os costumes da cidade, as mulheres podiam agora desfilarem sua elegância nos cinemas, nos salões e nas praças.

Os modelos de roupa, chapéus, sapatos e acessórios que eram exibidos pelas atrizes nos filmes eram desejados e logo copiados pelas teresinenses. Eram modelos americanos e europeus, principalmente, franceses, que passaram a determinar o que se considerava como de bom gosto, chique e elegante no vestir. Mudou também a fantasia feminina de então. As mulheres passaram a sonhar com os famosos atores dos filmes, homens românticos, bem vestidos, elegantes e diferentes dos homens com os quais elas conviviam, estando estas também em busca de novas formas de se vestir: ternos, fraques, camisas, chapéus e sapatos como aqueles ditados pela moda masculina em voga.

O cinema ligou Teresina aos modelos de vida europeu e americano, como também intensificou a integração da cidade ao capitalismo mundial, difundindo os novos produtos e as novas modas que exigiam a presença desses produtos no comércio local. “O cinema influenciava não só os padrões de beleza e vestuário das mulheres, mas também o imaginário feminino ligado às relações amorosas” (CASTELO BRANCO, 2013, p. 65). Foi por muitos considerado uma ferramenta bastante eficaz na formação da cidade moderna. Um importante meio de comunicação para constituir uma sociedade de bons hábitos e costumes. Outros, porém, consideravam que ele tinha efeitos maléficos na sociedade, pois deteriorava os padrões morais, manipulavam as massas e ditavam regras e posturas que não eram condizentes com a pobreza da população.

Havia ainda os restaurantes para onde os jovens se dirigiam após a exibição das fitas. Dois deles tiveram grande destaque: o Restaurante Carvalho e o Bar e Restaurante Ideal, que ficavam localizados na Rua Areolino de Abreu, no centro da cidade.

Destacavam-se, ainda, entre as áreas para a sociabilidade da população, as calçadas dos colégios, um ponto de encontro de jovens, que mesmo sob a vigilância dos professores, conseguiam se comunicar. Utilizavam como recursos para essa comunicação a troca de olhares e mímicas que desencadeavam flertes e também namoros (CARDOSO, 2012).

A vida urbana com todos os seus atrativos ficou mais cara e as divisões sociais mais significativas. Os espaços cresceram, as fantasias modificaram-se e novos sonhos surgiram. Em suma, os novos modismos eram exibidos nos bailes, nos passeios públicos, nas solenidades públicas, nas idas ao teatro e ao cinema ou na frequência aos cafés. Nesses locais, as pessoas se encontravam para conversar, mas, principalmente, para dar visibilidade a seus novos figurinos e exibir a elegância desses figurinos.

3 VESTUÁRIO DA MULHER DA ELITE EM TERESINA

3.1 Transformações e permanências no vestuário: o consumo dos novos padrões

Percebe-se nas obras consultadas que, dentre as muitas características da moda feminina no século XIX, há destaque para o uso de espartilhos, caracterizando uma silhueta em ampulheta, com uma cintura muito fina, busto com formato de peito de pombo, para frente e para cima, quadris empinados para trás. Saias com várias camadas de tecido, que iam até o chão e exibiam forma de sino.

Na *Figura 45*, temos a Senhora Alípia Alves de Paiva e o Sr. Francisco Alves de Paiva, moradores de Teresina. Alípia veste uma típica indumentária do século XIX, vestido longo com mais de uma saia, cobrindo pernas e pés, composto por duas partes: o corpete e a saia; silhueta de ampulheta caracterizada por curvatura em “S”, conquistada pelo uso de corpetes e espartilhos apertados que acentuavam os seios e quadris e afinavam a cintura, que é bem definida; cores escuras; decote bem fechado, quase ausente, que não deixa à mostra nada do colo e mangas compridas.

Figura 45: Francisco Alves de Paiva e Alípia Alves de Paiva - século XIX.



Fonte: <http://www.cidadeverde.com>⁷⁸

⁷⁸Cf. <http://www.cidadeverde.com/teresina160anos>. Acesso em outubro de 2014.

Na *Figura 46*, temos um grupo de mulheres da elite teresinense em um piquenique. Pode-se observar que até para uma atividade ao ar livre, as roupas eram sóbrias, saias volumosas, chapéus e coques nos cabelos, mangas longas, a sobrinha como acessório sempre presente e o evidente uso do espartilho. Enfim, a figura mostra uma vestimenta bastante normatizada, que limitava a movimentação feminina até mesmo em uma simples atividade de lazer. Vale atentar para o afunilamento das cinturas femininas.

Figura 46: Grupo de mulheres em Teresina no século XIX.



Fonte: <http://www.cidadeverde.com>⁷⁹

O século XX desponta em sua primeira década com uma moda semelhante àquela do século anterior, ou seja, com muita sofisticação, luxo e limitação para a mulher. Esse padrão perduraria até o ano de 1914, quando emergiu a Primeira Grande Guerra (1914-1918), trazendo diversas mudanças na vida das pessoas, principalmente, na vida das mulheres (BRAGA, 2009). As roupas compridas, apertadas e sufocantes que tiravam a agilidade do corpo e os penteados, foram sendo substituídos por outros modelos que se adequavam mais às novas perspectivas sociais. O mundo moderno exigia da mulher outras atividades e novos comportamentos.

Na *Figura 47*, observa-se uma fotografia tomada na década de 1910, onde podemos observar a vestimenta do casal Tajra. Ele um imigrante libanês que viera ao Brasil em busca de melhores condições de vida e ela uma cearense que residia com a família em Teresina. Percebe-se uma roupa feminina sóbria, pesada e volumosa, mas já não há mais o destaque para o busto com formato de peito de pombo e nem para os quadris empinados para trás, como consequência do uso dos espartilhos. Pode-se observar também que o comprimento das

⁷⁹Cf. <http://www.cidadeverde.com/teresina160>. Acesso em outubro de 2014.

mangas foi diminuído, mostrando parcialmente o braço. Mas o uso do chapéu com adornos diversos de onde saem plumas e variadas decorações e o cabelo preso em coque, permanecem como aqueles típicos do século XIX.

Figura 47: Casal Tajra em 1910 em Teresina.



Fonte: acervo particular da família Tajra

Uma série de fatores contribuíra para essa mudança na moda feminina. Havia a necessidade de se deixar o corpo mais livre possibilitando a movimentação: a inserção da mulher no mercado de trabalho, os esportes, a popularização do ciclismo, as danças de salão, os novos preceitos da medicina e dos higienistas, os movimentos feministas, os progressos nas técnicas de confecção, etc. Deve-se dizer que, durante a Primeira Guerra Mundial, as mulheres de todas as classes sociais tiveram que ajudar nas despesas da casa. Deixaram o espaço do lar para trabalhar fora de casa. Portanto, uma adequação no padrão das vestes foi realmente necessária (LAVÉ, 1989).

Na década de 1910, um grande criador de moda, o francês Paul Poiret, já vinha vislumbrando as mudanças que os novos tempos exigiam. Ele lançou, mesmo antes da Primeira Guerra Mundial, uma moda em que não se utilizava os espartilhos, deixando o corpo feminino livre dos incômodos e dos apertos. Essa moda só foi assimilada, de fato, durante a Primeira Guerra Mundial, período em que a mulher efetivamente teve a necessidade de trabalhar, precisando libertar-se dos espartilhos para que pudessem se movimentar

adequadamente para o desempenho das atividades que lhes eram atribuídas naquele momento, dentro de fábricas ou nos campos.

Outra grande mudança nas vestes femininas se deu por volta de 1915. Novamente para que as mulheres pudessem adaptar-se às novas funções. Os vestidos e as saias encurtaram, ficando em uma altura próxima das panturrilhas. Os sapatos e parte das pernas ficaram então à mostra, muito embora elas usassem uma meia para cobrir a parte da perna que estava exposta (BRAGA, 2009).

De um modo geral, os sapatos tornaram-se mais rasos, eram baixos ou com saltos grossos, tinham presilhas laterais e alcinhas que passavam por cima do peito do pé. Nos sapatos de verão era comum que as presilhas fossem bordadas ou então que possuíssem pedrarias nas alcinhas que passavam também sobre o peito do pé, ou ainda traziam tornozeleiras. Os de inverno eram abotinados (LAVÉ, 1989; BRAGA, 2011). Muitos cronistas teresinenses condenavam o uso dos saltos, diziam ser coisa de mulheres frequentadoras de bataclãs⁸⁰.

Os novos comportamentos, as novas sociabilidades e as novas condições de trabalho femininos se estabeleciam em diversas partes do mundo, inclusive, em Teresina, e iam determinando mudanças nas roupas que não passavam de adaptações para a nova realidade. Havia um tipo de roupa para cada ocasião: para o trabalho, para os passeios aos parques, para as idas às praias, para as visitas aos clubes, para as idas aos cafés e restaurantes, para as saídas às compras, para as idas ao teatro e ao cinema e, até mesmo, para as viagens de bonde. Tudo exigia uma veste normatizada, o que demonstra que a mulher da elite, mas não só ela, passou a ocupar espaços que antes lhes eram proibidos. Culminou então com a ostentação de um estilo de vida chique baseado naquele ditado pelas elites europeias, principalmente, a francesa, que influenciou os hábitos, os costumes e as ações das sociedades urbanas, difundidas por todo o ocidente (LAVÉ, 1989; BOUCHER, 2010).

Como o século XX foi também o século da era da comunicação em massa, a moda foi bastante divulgada em jornais e revistas. Inúmeras foram as publicações nacionais e estrangeiras que propagavam a nova moda no país. A fotografia substituiu as ilustrações, as tendências da alta costura foram divulgadas pela mídia para o mercado de massa. Do mesmo modo, o cinema influenciou sobremaneira na elaboração das roupas, nos penteados, nas maquiagens e no próprio estilo de vida das pessoas (LAVÉ, 1989).

⁸⁰Jornal *O Arrebol*, Teresina, 1925, n.70.

Muitas mudanças sociais, econômicas e, também, na moda, se efetivaram na década de 1910, mais precisamente a partir de 1915. As mudanças na área da moda tiveram inspiração nas artes plásticas. As cores adotadas eram fortes e a sociedade, inicialmente, a francesa, e aos poucos, toda a sociedade ocidental, começou a adotar diversas estampas.

Surgiam drapeados suaves que caíam de uma linha do busto e estreitavam-se muito entre os joelhos e os tornozelos, resultando em uma saia longa e afunilada (em forma de barril). Esse tipo de roupa impedia a mulher de dar passos maiores que cinco ou oito centímetros. Com a saia estreita usavam-se chapéus grandes, não tão amplos e adornados como aqueles usados no século anterior. Vale dizer ainda que o adorno preferido nos vestidos não era mais a renda e, sim, os botões, pregados por toda a roupa. Enfim, surgiu uma silhueta em total contraste com aquela da mulher do século anterior. Mas essa moda foi passageira e não foi aceita por grande parcela da população, e sim, por aquela mais dotada de recursos econômicos (LAVÉ, 1989; MENDES, 2009).

Na *Figura 48*, temos a fotografia de Urbana Pereira Leite, nascida em Teresina no século XIX e moradora desta cidade nas imediações da Avenida Frei Serafim, na década de 1910. Já podemos observar algumas mudanças fundamentais na forma de como esta senhora se vestia se compararmos ao modo de vestir do fim do século anterior. A teresinense já aparece nesta década livre dos espartilhos e das cabeleiras presas em penteados enormes e dos véus ou das cascatas de plumas que caíam dos chapéus. O que se via era um novo modo de se vestir: trajes confortáveis com itens característicos da moda/vestimenta que se disseminava no momento – drapeados na altura do busto, grande quantidade de botões na roupa e a ausência de grandes golas. Infelizmente, a imagem não nos permite observar se a saia que compunha este vestido apresentava o afunilamento característico deste período. A imagem da *Figura 59* mostra ainda que havia a presença também de um grande chapéu, como os do século anterior, porém, sem os adornos complementares e extravagantes de anteriormente.

Figura 48: Urbana Pereira Leite - década de 1910.



Fonte: acervo particular de Paulo Couto

O advento da Primeira Grande Guerra trouxe uma considerável estagnação na moda e foram poucas as variações e as informações com relação às vestimentas nesse período. A escassez de matérias-primas e de suprimentos provocados pelo conflito levou ao uso dos tons neutros e negros. As revistas de moda consagravam páginas inteiras às roupas que eram tidas como adequadas durante o luto (LAVÉ, 1989; BRAGA, 2009).

A Guerra finalmente chega ao fim, em 1918, e com a chegada da década de 1920, incorporaram-se sólidas diversificações da década que se findava: os eventos sociais na vida das pessoas (trabalho, esporte, dança) exigiam que as roupas se adaptassem, ajustassem-se aos novos tempos e as novas necessidades.

A década de 1920 ficou conhecida como “Anos Loucos”, por se tratar de uma década revolucionária, pois trouxe muitas mudanças. Foi marcada por um período de relativa liberdade situada entre duas guerras. Trouxe consigo novidades, como também a concretização daquelas mudanças nas roupas iniciadas ainda na década de 1910. As pessoas ansiavam por libertar-se dos dramas vivenciados nos anos de guerra, o que favorecia o surgimento de novas sociabilidades, de novos costumes e de uma nova moda. Enfim, todo esse quadro de mudanças no mundo influenciou diretamente a forma de se vestir, como também de se ver e de ver o corpo (LAVÉ, 1989; BOUCHER, 2010).

Foi um período de uma moda voltada para as roupas práticas, fluidas, com muitos bolsos e com cintos de amarrar. Houve o despojamento de volumes, os vestidos e as saias surgem com linhas retas, limpas, simples, com comprimento variando entre as panturrilhas e os joelhos, e confeccionadas geralmente em seda. Não possuíam mangas ou apresentavam manguinhas curtas, os braços estavam agora descobertos. A cintura ficou mais baixa e mais reta, os quadris e os seios não eram mais evidenciados, para isso utilizavam cintas de malha e achatadores nos seios que remodelavam a silhueta aproximando-a da forma H⁸¹, mais longilínea, típica dos trajes masculinos. Além disso, os sapatos altos e fechados ficaram descobertos e podiam-se ver as meias de algodão (BONADIO, 2007). Surge um estilo andrógino, de acordo com os novos tempos, tempos de emancipação feminina. As roupas que exigiam trato e lavagens difíceis foram suprimidas. A roupa feminina em voga era a mais simples possível (LAVER, 1989; POLLINI, 2007).

Entre os acessórios, destaca-se o colar de pérolas, comum nos anos de 1920, e o relógio de pulso. Os sapatos traziam alcinhas com presilhas. A mulher já estava adquirindo o hábito de fumar, de beber em público, e até, de dirigir automóveis. Tinha de ser ágil, jovem e magra. O corte dos cabelos tornou-se o símbolo da mulher moderna. Um cabelo curto aproximou a silhueta masculina e feminina.

Os demonstrativos da nova realidade, como as transformações das roupas, a nova configuração da cidade, o comércio de vestuário, a nova condição feminina, enfim, todo o contexto social do momento, impulsionaram as mulheres das camadas médias e das elites a ocupar o espaço público (BONADIO, 2007).

Em diversos jornais teresinenses na década de 1920, podemos observar também alguns comentários a respeito das mudanças ocorridas no comportamento social e nas roupas das mulheres na cidade:

Não faça questão da espessura do tecido das saias de baixo. Use-as quem tem, pois, hoje é moda. Quanto ao facto de, assim, deixar ver as pernas, não se impressione, que também é moda e quem tem pernas bonitas deve... mostrá-las⁸².

Foi naquele panorama que surgiram as melindrosas⁸³. As moças que se incluíam nessa moda vestiam saias curtas, aboliram o espartilho e cortavam o cabelo curto, estilo *a La*

⁸¹Silhueta H é uma silhueta reta, sem cintura definida.

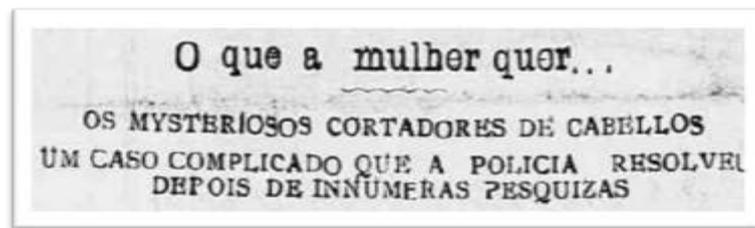
⁸²Jornal *O Arrebol*, Teresina, 1925, n.79, p. 2.

⁸³Termo típico dos anos 1920, aplicado a uma geração de moças em todo o mundo, que viveram o período entre guerras. As moças vestiam saias curtas, aboliram o espartilho, cortavam o cabelo a moda Chanel, escutavam jazz, tango ou samba e desacatavam a tradicional conduta feminina.

*Garçonne*⁸⁴. No panorama musical, escutavam jazz, tango ou samba e transgrediam a tradicional conduta feminina, divertindo-se ao embalo dos novos ritmos musicais como o *Charleston*, *Foxtrote* e *Jazz*, ritmos bastante agitados, que exigiam muito movimento do corpo e das pernas. Foi, em nome dessa prática, que os vestidos encurtaram, chegando em 1925, à altura dos joelhos. Pela primeira vez, a mulher mostrou a silhueta de suas pernas – mais ainda não as pernas propriamente dita, pois continuavam usando meias (LAVÉR,1989; BLACKMAN, 2013).

Em Teresina, o corte do cabelo feminino a *La Garçonne* não foi aceito de imediato pela sociedade. Muitas foram as críticas divulgadas nos jornais locais, pois, até então, os cabelos longos eram o símbolo da feminilidade e da beleza das mulheres. Desse modo, muitas mulheres teresinenses, com o desejo de aderir à nova moda dos cabelos curtos e, ao mesmo tempo receosas do julgamento da sociedade, criaram uma justificativa para aparecerem com os cabelos curtos. Inventaram um ataque de um homem que lhes cortava e roubava os cabelos. A notícia foi divulgada nos jornais e investigada pela polícia local como demonstra o anúncio da *Figura 49*. O caso foi desvendado no dia em que uma jovem foi pega com suas tranças dentro da bolsa.

Figura 49: manchete do Jornal O arrebol de 1925.



Fonte: Jornal *O Arrebol*⁸⁵.

Nas *Figuras 50* e *51*, podemos observar a imagem típica do que seria a moça melindrosa que esteve presente no dia a dia da sociedade teresinense dos anos de 1920. Cabelos à *La Garçonne*, ou seja, curtos, lisos e na altura do queixo.

Na *Figura 50*, temos um vestido de tecido fluido que aparentemente se trata de uma renda. Há presença de manguinhas, um decote em U discreto e relógio de pulso. Na *Figura 51*, o vestido já se apresenta um pouco mais ousado. Tem-se o decote em V, mostrando um pouco mais do colo, destacado pela presença do colar curto e acentuando-se pela presença de rendas, ausência de mangas e uma maquiagem mais acentuada.

⁸⁴Estilo de corte de cabelo feminino muito curto, na altura do queixo.

⁸⁵Jornal *O Arrebol*, Teresina, 1925, n. 75.

Figura 50: Senhorita Hortelina de Sousa Lira. **Figura 51:** Senhorita desconhecida, Teresina na década de 1920.



Fonte: Acervo Família Lira



Fonte: Acervo Família Estrela

Nas *Figuras 52 e 53*, temos vestidos com mangas, onde percebemos a presença de estampas e bolsas pequenas. Os cabelos tipicamente *a La Garçonne*, o relógio de pulso na *Figura 52* e o sapato com presilha sobre o peito do pé na *Figura 53*.

Figura 52: Sta Didizinha Castelo Branco



Figura 53: Sta Ruth Castelo Branco



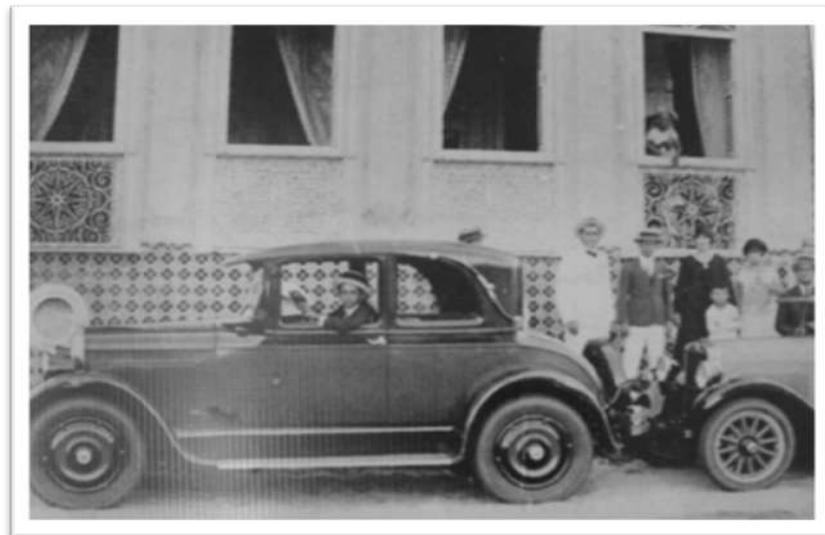
Fonte: Acervo de Pedro V. Castelo Branco

No que tange aos ritmos musicais em Teresina, o *jazz* e o *foxtrote* eram todos condenados nos jornais. Consideravam-nas danças de saltinhos esquisitos, típicas danças de bataclãs⁸⁶, de “mulheres de vida fácil”, mas, nem por isso, deixaram de ser incorporadas aos novos hábitos da elite local.

Analisando o contexto teresinense, Castelo Branco (2006) confirma a intensificação da presença destas propostas em Teresina na década de 1920, quando, segundo ele, os modelos de comportamento moderno chegaram às cidades menores. Comumente, eram os jovens que se mostravam mais receptivos àquelas mudanças. E é a eles que os cronistas de jornais locais se referem nas crônicas que problematizam os novos modelos de vestuário, os novos cortes de cabelo, as novas posturas em público. Isso não implica dizer que as senhoras também não aderiram às novas propostas. Nas imagens que se seguem, podemos observar que a elite teresinense aderira aos modismos característicos da década de 1920.

A *Figura 54* retrata uma cena do cotidiano nas ruas de Teresina. Observa-se que a elite teresinense, já na década de 1920, aderira aos modismos difundidos pelo cinema. Homens e mulheres seguiam a moda das melindrosas e dos “almofadinhas”⁸⁷ nas ruas da capital piauiense.

Figura 54: Almofadinhas e melindrosas nas ruas de Teresina nos anos de 1920.



Fonte: Arquivo público do Piauí

Na *Figura 55*, aparecem o poeta piauiense Da Costa e Silva, sua esposa e alguns amigos. Na fotografia, podemos observar algumas nuances de uma época: a vestimenta. A

⁸⁶Jornal *O Arrebol* n. 82 de 1925.

⁸⁷Termo usado para um tipo de homem que na década de 20 se vestia com muita elegância, com terno de corte tradicional, colete, chapéu, palheta, cabelo curto. <http://www.glossariofashion.com.br>, acesso em agosto de 2015.

esposa de Da Costa e Silva exibe-se como uma típica melindrosa vestida para o dia, cabelos curtos, com fios retos e na altura do queixo e ainda tem como complemento uma franja do tipo pega-rapaz, ao estilo *a La Garçonne*, chapéu feminino da década de 1920, o *clochê*. Vestido sem mangas, na altura dos joelhos, com estampa em xadrez, meias claras, provavelmente de algodão, colo parcialmente aparente e braços totalmente descobertos, cintura deslocada e uso de maquiagem. O homens também desfilam a moda masculina da década de 1920, o traje típico dos almofadinhas: feições faciais limpas, ausência de barba e de bigodes ou uso de pequenos bigodes. Trajes leves, de tons claros, ternos impecáveis. Cabelos na brilhantina, bem penteados e o uso de cosméticos para beleza. Como acessórios destacamos o chapéu panamá, a gravata borboleta e os óculos redondos.

Figura 55: Da Costa e Silva, esposa e amigos.



Fonte: <http://www.cidadeverde.com>⁸⁹.

Desafiando a opinião dos intelectuais que escreviam para os jornais da cidade, vê-se através da *Figura 56* que a elite da cidade estava “contaminada” pela moda, exibindo seus novos trajes nos eventos mais significativos. Cabelos *a La Garçonne*, chapéus *clochê* até a altura das sobrancelhas, deixando os cabelos quase imperceptíveis, vestidos com comprimento no meio da canela. Para completar, acessórios como meias em tons claros para cobrir a parte da perna deixada à mostra pelo comprimento dos vestidos e sapatos rasos, com saltos grossos, com presilhas laterais, cujas alcinhas passam por cima do peito do pé. Percebe-

⁸⁸Cf. <http://www.cidadeverde.com/teresina160>. Acesso em outubro de 2014.

⁸⁹Cf. <http://www.cidadeverde.com/teresina160>. Acesso em outubro de 2014.

se, ainda, a presença de estampas em alguns vestidos e o uso de pequenas bolsas. Vale salientar que cada sociedade criou sua melindrosa mediante suas singularidades culturais, contudo, observamos como traziam algumas características comuns entre elas, e que as diferenciavam das outras mulheres. Esta imagem representa bem o estilo melindrosa da elite teresinense.

Figura 56: Senhoras da sociedade Teresinense com o governador do Maranhão.



Fonte: <http://www.cidadeverde.com>⁹⁰

Os chapéus femininos ficaram menores e mais justos - *cloché* - tinham forma de sino, sem aba e borda rebaixada que apertavam a cabeça, deixando os cabelos quase que imperceptíveis e chegavam até as sobrancelhas para enfatizar os olhos. Isso dificultava a visão e levavam a mulher a manter a cabeça inclinada para cima, tornando-se parte da postura estilizada da década. Os chapéus podiam ser confeccionados em feltro, palha natural ou ainda em outros tecidos, sempre com apliques e enfeites de fitas, flores, etc. (LAVER, 1989; FIELL, 2014).

O uso da maquiagem⁹¹ acentuava a androginia e, ao mesmo tempo, também valorizava a feminilidade. As mulheres usavam pó de arroz no rosto, a boca era desenhada com batom vermelho, na maioria das vezes, na forma de um arco de cupido ou de um coração. Os olhos eram bem marcados e as sobrancelhas delineadas à lápis preto, pois eram afinadas ou

⁹⁰Cf. <http://www.cidadeverde.com/teresina160>. Acesso em outubro de 2014.

⁹¹Consiste na aplicação de produtos com efeito cosmético, de embelezamento, ou disfarce, seguindo-se os ditames da moda e com uso de substâncias especificamente destinadas a tal fim.

depiladas. Os cílios eram perolados com gotas de cera (LAVÉ, 1989; BOUCHER, 2010). Podemos observar as características dessa maquiagem nas *Figuras 57 e 58*.

As *Figuras 57 e 58* trazem a senhorita Antônia Area Leão, *Miss Piauí* em 1929. Ao visualizar as imagens, pode-se observar boca desenhada com batom na forma de um arco de cupido, os olhos, os cílios e as sobrancelhas bem marcados. Uma mulher que deseja mostrar-se, que não quer passar despercebida e, por isso, chama a atenção para si, por meio de destaque de seus atributos. Enfim, a maquiagem que observamos nestes exemplários teresinenses foi realizada conforme preconizava a moda francesa do período em questão.

Figura 57: Antônia Area Leão.



Fonte: <http://www.cidadeverde.com>⁹²

Figura 58: Antônia Area Leão.



Fonte: <http://www.cidadeverde.com>⁹³

Da moda difundida na Europa, na década de 1920, ainda fazia parte outros acessórios, como brincos longos, unhas polidas com óleo e lustradas com pele de camurça. Também compunha braceletes, que eram usados na parte superior do antebraço, e longos fios de contas, colares compridos quase até o abdômen exibindo algumas vezes nós na altura dos seios. Outro

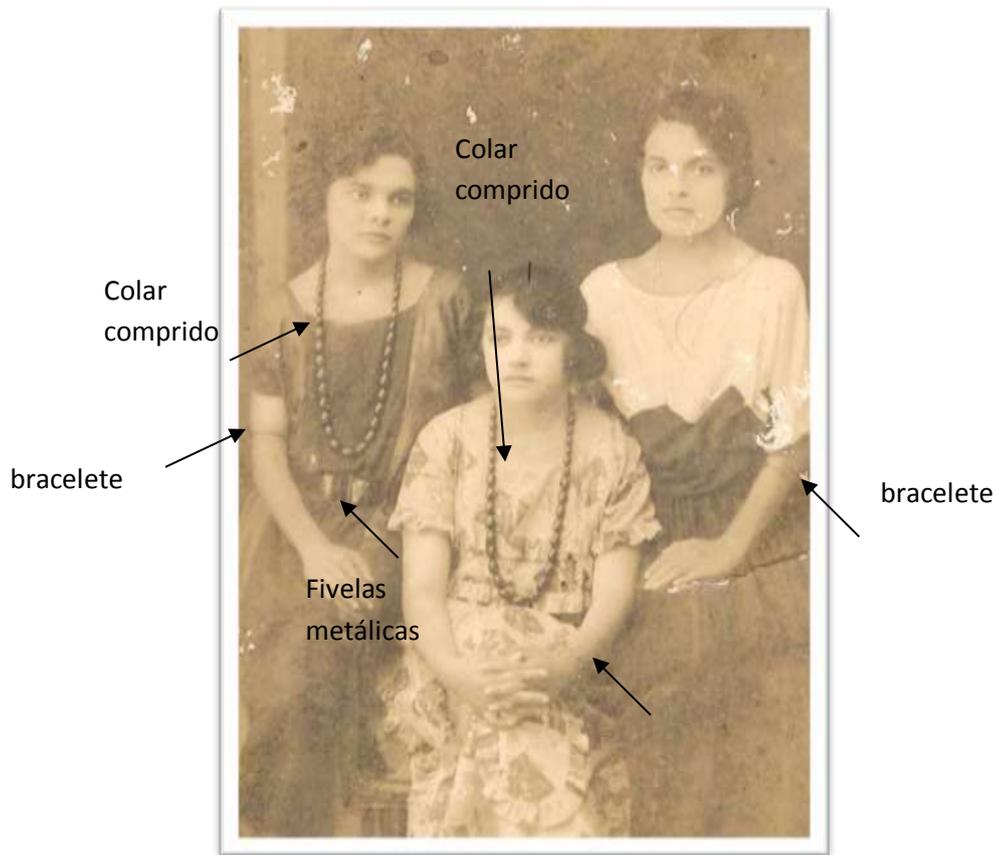
⁹²Cf. <http://www.cidadeverde.com/teresina160>. Acesso em outubro de 2014 e *facebook* de Paulo Gutemberg, acesso em outubro de 2014.

⁹³Cf. <http://www.cidadeverde.com/teresina160>. Acesso em outubro de 2014 e *facebook* de Paulo Gutemberg, acesso em outubro de 2014.

acessório bastante utilizado eram as bolsas que, de forma geral, eram pequenas (LAVÉ, 1989; NERY, 2009).

A imagem da *Figura 59* é de mulheres teresinenses da família Couto. Elas exibem acessórios de acordo com o que ditava a moda francesa: braceletes na parte superior do antebraço, colares compridos, quase até o abdômen, e cabelos a *La garçonne*.

Figura 59: Senhoritas da família Couto na década de 1920.



Fonte: acervo de Paulo Couto

O clima de deslumbramento experimentado nos anos da década de 1920 sucumbiu em 1929 com a crise financeira mundial. A queda da bolsa de valores de Nova York, neste mesmo ano, desencadeou uma série de problemas na economia dos países ocidentais, sendo seguida por um longo período de depressão, cujos efeitos perdurariam até 1937. É claro, isso trouxe como consequência reflexos econômicos significativos, tendo o desemprego como um dos mais graves. (LAVÉ, 1989; BLACKMAN, 2013). Nesse período, a parcela da população mais afortunada - como alguns dos cafeicultores brasileiros - ficaram pobres, bancos e empresas faliram e milhões de pessoas perderam seus empregos (POLLINI, 2007).

O setor do vestuário de moda e, conseqüentemente, a maneira de se vestir de grande parcela das mulheres que vinha de um consumismo exagerado nos anos de 1920, ficou mais

discreto. Houve um incremento na confecção doméstica de roupas, de concertos e de reformas. Para tanto, elas utilizavam alguns artifícios como descer a bainha ou aumentar o comprimento com a aplicação de faixas de outros tecidos e de peles. A maior parte da população ainda confeccionava suas roupas de forma artesanal ou semiartesanal, em casa ou através de encomendas a alfaiates, modistas e costureiras (BRAGA, 2011). A vestimenta da década de 1930 caracterizou-se, então, também por mudanças nos tipos e na quantidade de tecidos utilizados.

Desse modo, a década de 1930 negou toda a androginia e praticidade da década anterior para focar em outros padrões de feminilidade. Manteve-se a liberdade do corpo e a elegância, mas trouxe de volta o espírito de sedução, redefiniu o corpo feminino, abandonando a forma reta e andrógena dos anos de 1920. Os anos de 1930 implantaram roupas mais suaves que valorizavam a cintura, o busto e o quadril, adotando novamente a silhueta de ampulheta, dando um ar de elegância refinada ao corpo. O foco da atenção foram as costas femininas, valorizadas pelo corte enviesado e pelos decotes profundos dos vestidos de noite, que foi a grande característica da moda dos anos de 1930 (LAVER, 1989; NERY, 2009).

Os novos hábitos e modelos de roupa continuavam chegando em Teresina, disseminados principalmente pelo cinema. Eram modelos europeus, especialmente franceses, que passaram a determinar o que era de bom gosto, chique e elegante no vestir. O cinema ligou Teresina aos modelos de vida americano e europeu, como também intensificou a integração da cidade ao capitalismo mundial, pois, passou a exigir do comércio local os novos produtos e as novas modas que chegavam por meio das fitas exibidas na tela do cinema.

Os vestidos para uso diurno iam até o meio da perna, os de uso noturno eram longos. Ambos eram confeccionados em tecidos mais econômicos como algodão, musselina, organdi e cambraia, inclusive para os vestidos de noite, embora para estes, se priorizassem os cetins de seda ou a própria seda em decorrência do brilho e toque sedoso que apresentavam (LAVER, 1989; POLLINI, 2007).

Segundo o padrão da moda de então, os vestidos de noite eram justos de forma a valorizar as curvas e alongar os corpos, com decotes sensuais nas costas que não tinham qualquer limite, muito embora a grande sensação tenham sido os vestidos *godê* e *evasê* cortados, utilizando o fio enviesado dos tecidos, dando a roupa um tom romântico que havia se perdido na década anterior.

Naquele momento, os decotes inexistiam na frente uma vez que não era permitido sequer mostrar o início do colo. No fim da década de 1930, grandes laços e até drapeados

davam acabamento aos decotes. Acompanhando esses vestidos as mulheres usavam sempre peças complementares, uma capa ou um bolero. A capa podia ser confeccionada com veludo, *chiffon* ou ainda com pele de animais, como a raposa (LAVÉ, 1989; BOUCHER, 2010). Em Teresina, nas fontes pesquisadas não se encontrou referências aos vestidos longos e aos decotes nas costas. Também não foi possível encontrar imagens de boleros nem capas. A seguir, ilustramos a imagem do típico vestido de festa da década de 1930 por uma ilustração do *Jornal das Moças* de 1934.

Figura 60: Capa do *Jornal das Moças* edição 1018 de 1934.



Fonte: Biblioteca Nacional⁹⁴.

Segundo a tendência da moda feminina, as saias também ficaram mais longas, abaixo dos joelhos, deixando discretamente as pernas à mostra e que, por vezes, tinham *godets*⁹⁵, a partir dos quadris para que se obtivesse a largura necessária. As mangas alargavam os ombros e apresentavam punhos de folhos⁹⁶. As cavas das roupas aumentaram, o corte enviesado foi valorizado, voltou a cauda nos vestidos de baile. E no final da década de 1930, renasceu o estilo romântico de saia ampla e cintura fina (LAVÉ, 1989; FIELL, 2014).

⁹⁴Cf. http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=111031_03&pasta=ano%20193&pesq=

⁹⁵Godets – refere-se ao tecido cortado de forma enviesada com corte circular, apresentando círculos menores na parte superior e maiores na parte inferior, sem precisar recorrer a pregas ou franzidos. Fonte: glossário de moda usefashion - <http://glossario.usefashion.com/>.

⁹⁶Folhos - adorno pregueado com que se guarnecem vestidos, toalhas, colchas etc. Fonte: wikipedia.

De acordo com a literatura especializada, como o corpo feminino voltou a ser valorizado, os seios também voltaram a ter forma. Surgiram os espartilhos confeccionados com materiais mais leves como o *lastex*, mas só por debaixo do seio, a fim de levantá-lo. Também foram introduzidos os primeiros *soutiens* e um tipo de cinta flexível, a cinta modeladora. As formas eram marcadas, porém, naturais e tinham uma elegância refinada (LAVER, 1989; BLACKMAN, 2013).

A mulher dos anos de 1930 continuou em busca da sua independência econômica e pessoal e em questões estéticas e de bem-estar. Começou a surgir a preocupação com a saúde, inclusive a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública no Brasil data desta época. Concomitantemente aumentou a prática de esportes e o padrão de beleza vigente que exigia mulheres magras e com pele bronzeada. Dessa forma, os anos de 1930, foram protagonistas da descoberta dos esportes, da vida ao ar livre e dos banhos de sol. Em toda a Europa, as pessoas entregavam-se à prática do desporto. Andar de bicicleta, nadar, praticar golfe e tênis, fazer ginástica, praticar esqui e alpinismo no inverno e fazer caminhadas no verão tornaram-se práticas comuns em vários países, principalmente na Europa (LAVER, 1989; POLLINI, 2007).

Teresina, de alguma forma acompanhava a modernização urbana e dos costumes. Na esfera da educação, os exercícios físicos tornaram-se obrigatórios até nas escolas. Na esteira desses processos, surgiram novas roupas para a prática esportiva, os shorts, como se pode observar por meio da imagem da *Figura 61*. A população de elite paulatinamente aderiu à prática de esportes na capital. Podemos observar algumas alunas na prática da ginástica, esporte corrente à época. Propagava-se que a prática de esportes era essencial para manter a saúde e a boa aparência do corpo.

Figura 61: Alunas com uniforme de Educação Física.



Fonte: Álbum da Família Couto

Na *Figura 62*, tem-se a imagem de mulheres teresinenses em excursão à cidade de Parnaíba. Podem-se observar alguns dos aspectos da moda difundida no período: a silhueta sinuosa com busto em evidencia, cintura e quadril já bem definidos revalorizando as formas femininas; saias godês um pouco abaixo dos joelhos. Cintos com fivelas grandes e possivelmente laqueadas. Pequenos detalhes como o uso de botões, laços e até mesmo lenços que lembram uma gravata fazendo alusão à roupa masculina no decote. Cabelos ainda curtos, mas não lembram mais o estilo a *La Garçonne*. Algumas características das roupas que também ficam evidentes na imagem é a presença de estampas, geralmente pequenas e florais, que eram as mais populares. Há ainda a presença de um pequeno chapéu.

Figura 62: Excursão teresinense à Parnaíba.



Fonte: <http://www.cidadeverde.com>⁹⁷

Os sapatos tinham o bico arredondado, muitos eram de duas cores e os saltos, em sua maioria, altos e finos com meias de náilon. Surgem as sandálias abertas nos dedos. Na *Figura 63*, pode-se observar o uso do sapato bicolor e as sandálias que deixam os dedos à mostra.

Figura 63: Família de imigrantes em Teresina na década de 1930.



Sandália com meia

Sapato bicolor

Fonte: <http://www.cidadeverde.com/teresina160>⁹⁸

⁹⁷Cf. <http://www.cidadeverde.com/teresina160>. Acesso em outubro de 2014.

⁹⁸Cf. <http://www.cidadeverde.com/teresina160>. Acesso em outubro de 2014.

Nas *Figuras 64 e 65* verifica-se também a presença de bolsas pequenas, sem muita ornamentação e sapatos bicolores. Trata-se de imagens de ex-alunas do Colégio Diocesano na década de 1930, informações fornecidas pela família das jovens.

Figura 64: Irmãs Aretuza e Olga Fortes.



Fonte: Acervo particular de Olga C. e Sousa

Figura 65: Elaine Fortes.



Fonte: Acervo particular de Olga C.e Sousa

Os cabelos da década de 1930 também eram curtos. O grande detalhe eram as ondulações. Os chapéus também foram bastante usados nessa década, voltam ao posto de acessório número um para o público feminino. Esses acessórios podiam ser grandes com abas longas ou pequenas, posicionados no alto da cabeça, ligeiramente caídos sobre a testa e muitos deles eram ornados com flores. Ou seja, ficaram mais extravagantes. Inicialmente eles eram pequenos e planos, presos ao penteado. Havia diversos estilos de chapéus, barretes, gorros, redondos, em forma de sino e de prato, dentre outros. Nesse contexto, as mulheres europeias descobriram e aderiram a química no cabelo e a permanente⁹⁹(LAVÉ, 1989; KOHLER,2001).

Na *Figura 66*, temos Elisa Silveira, *miss Piauí* na década de 1930. É possível visualizar os cabelos curtos, porém, ondulados, feito permanente ou penteados de forma a parecer com um permanente.

⁹⁹Trata-se de uma técnica na qual se utiliza de produtos químicos com o intuito redefinir mais os cachos em fios crespos e cacheados, e a criar ondas marcadas nas madeixas lisas. <http://www.belezaextraordinaria.com.br>. Acesso em junho de 2016.

Figura 66: Elisa Silveira, *miss* Piauí na década de 1930.



Fonte: <http://www.cidadeverde.com>¹⁰¹.

Na *Figura 67*, podemos perceber a variedade de modelos de roupas e acessórios das mulheres da elite teresinense. Há uma grande variedade nos modelos dos chapéus e na disposição dos mesmos na cabeça. Percebemos que há chapéus em forma de prato e de sino. Dispostos no alto ou na lateral da cabeça e ainda caídos sobre a testa, ornados com flores ou com laços de fitas. As roupas podem ser vestidos ou conjuntos compostos por saia e blusa. Estes por sua vez podem ser estampados ou lisos e as estampas ainda podem ser de florais ou listradas.

Figura 67: teresinenses no aeroporto de Teresina em 1939.



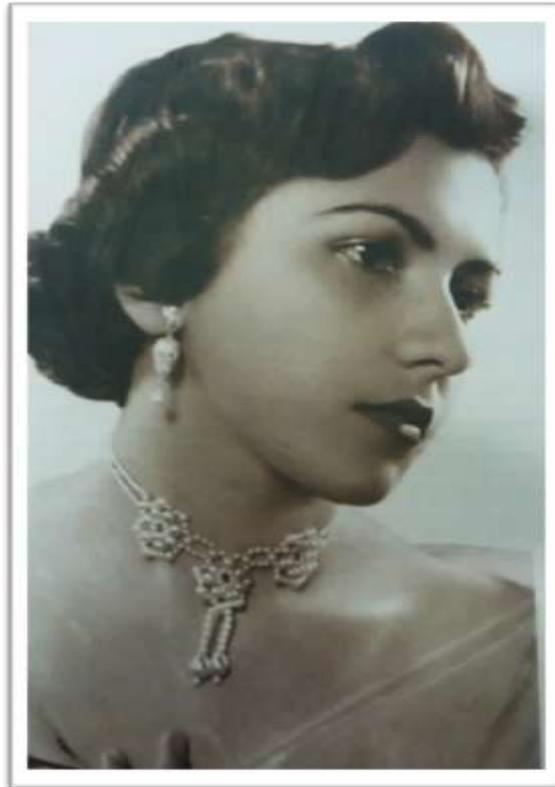
Fonte: <http://www.cidadeverde.com>¹⁰²

¹⁰⁰Cf. <http://www.cidadeverde.com/teresina160>. Acesso em outubro de 2014.

¹⁰¹Cf. <http://www.cidadeverde.com/teresina160>. Acesso em outubro de 2014.

Na *Figura 68*, temos a imagem de uma senhorita que foi *Miss Piauí* na década de 1930, onde podemos perceber o uso da maquiagem e dos acessórios. Para ressaltar a beleza e os traços femininos, era comum o uso da maquiagem. O batom vermelho era um recurso bastante utilizado para dar destaque à boca. As sobrancelhas eram delimitadas com lápis preto. Havia essa necessidade, pois eram muito finas ou irregulares, uma vez que era hábito a depilação desta região. Os acessórios eram itens imprescindíveis, joias confeccionadas com pedras preciosas podiam ser misturadas às imitações. Os colares de *strass* eram tão bem-vindos como os colares de diamantes (LAVÉ, 1989; FIELL, 2014).

Figura 68: *miss Piauí* na década de 1930.



Fonte: <http://www.cidadeverde.com>.¹⁰³

Por volta de 1935, já com prenúncio da Segunda Guerra Mundial, que aconteceria em 1939, surgiu uma nova alteração nas vestes femininas. Estas se tornaram mais masculinizadas, influenciadas pelos uniformes dos soldados e, assim, permanecem ao longo de toda a década de 1940 (LAVÉ, 1989; BLACKMAN, 2013). Dessa forma, conclui-se que a moda feminina da década de 1930 foi rápida e discreta.

¹⁰²Cf. <http://www.cidadeverde.com/teresina160>. Acesso em outubro de 2014.

¹⁰³Cf. <http://www.cidadeverde.com/teresina160>. Acesso em outubro de 2014.

Na *Figura 69*, senhoritas, moradoras de Teresina, em 1939, em um passeio pela Praça Pedro II, exibem uma vestimenta que nada lembra àquela da década de 1920. Percebe-se que as formas femininas voltam a aparecer: a cintura volta para o lugar de origem e os seios estão mais evidentes. Trajes bastante diferentes daqueles das melindrosas da década de 1920, tanto nas formas quanto nos tipos e fluidez dos tecidos. Percebem-se as saias em cortes *godês*. Pouco se exhibe do colo, há uma ausência quase total de decote.

Figura 69: Senhoritas Teresinenses em 1939.



Fonte: <http://www.cidadeverde.com>.¹⁰⁴

O Brasil continuava se modernizando através da urbanização das cidades e da industrialização. Nesse contexto, surgiam muitos centros comerciais nas cidades brasileiras como Rio de Janeiro e São Paulo e, dentre eles, os que negociavam com artigos de moda, incluindo o setor de tecidos. Como a crise assolava a economia Europeia, as importações de roupa pelas lojas brasileiras ficaram praticamente estagnadas e para agravar mais a crise havia a cobrança de altos impostos para a importação de bens (LAVÉ, 1989; BRAGA, 2011).

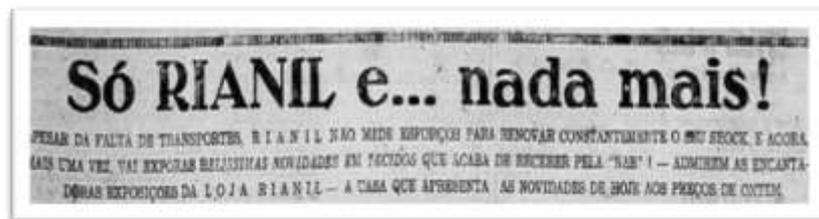
Mesmo assim a moda seguiu. O incremento da industrialização deu origem a uma nova classe social composta por empregados assalariados, funcionários públicos e cafeicultores em decadência, que consumiam os produtos de moda existentes nos grandes magazines que produziam artigos em série, embora ainda em pequena escala, e nas casas de

¹⁰⁴ Cf. <http://www.cidadeverde.com/teresina160>. Acesso em outubro de 2014.

modas que possuíam oficinas para a reprodução de roupas que tinham como referência aquelas produzidas em Paris (BRAGA, 2011).

Em Teresina, percebe-se que aconteceu o mesmo fenômeno. Houve uma estagnação na moda. Os jornais das décadas de 1930 e 1940 não exibiam mais os numerosos anúncios dos comércios de moda, dos produtos por ela comercializados e nem de costureiras nem alfaiates como se observava na década de 1920. Também são escassas as crônicas e as notícias sobre a moda local e nacional. As Lojas Rianil oferecem uma justificativa para essa ausência de mercadorias e novidades.

Figura 70: Anúncio indicando uma das justificativas da estagnação da moda na década de 1940 em Teresina.



Fonte: *Jornal Gazeta*¹⁰⁵

Na década de 1940, os jornais em Teresina deram grande destaque aos eventos da Guerra. Mantêm-se inúmeros anúncios de bancos, médicos, dentistas, advogados, remédios, farmácias, seguradoras, escolas, fitas em exibição nos cinemas, aluguel, venda de móveis, empregos... Uma das poucas lojas que ainda anunciava artigos de moda nesse período eram as Lojas Pernambucanas e as Lojas Rianil que informava aos leitores e clientes o motivo pelo qual tais artigos estavam escassos: “a falta de transporte”. No período da guerra suas mercadorias escassearam e só voltaram a chegar à capital por meio da “Navegação Aérea Brasileira”, o que onerava muito seus preços.

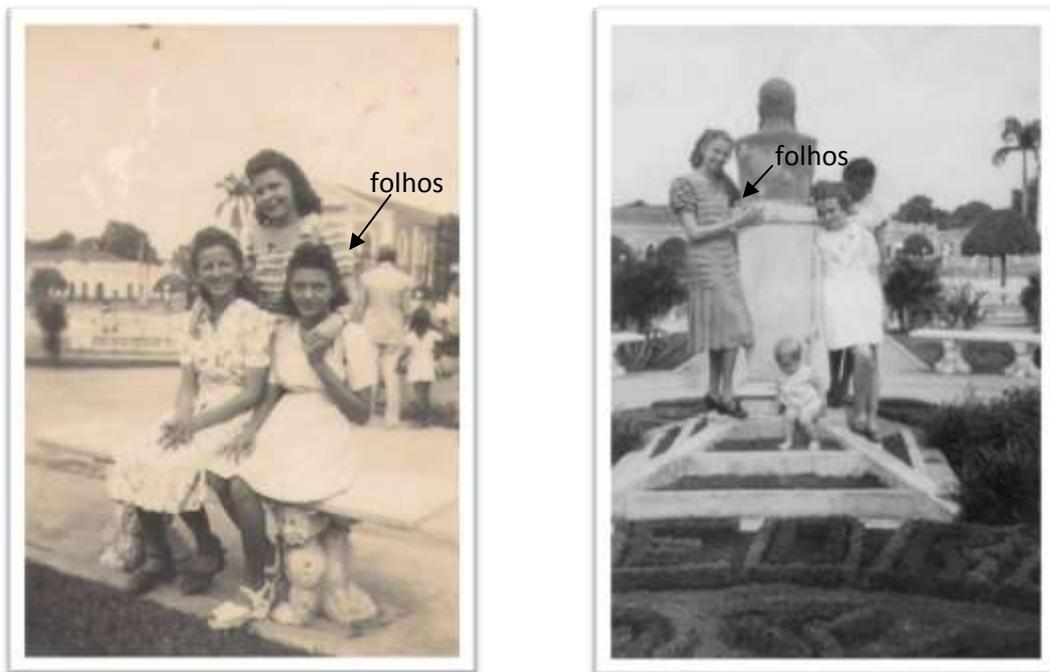
Apesar da interferência alemã, a referência de moda ainda era ditada, principalmente, por Paris, mas, naquele momento, também por Londres e Hollywood, que continuava se propagando através do cinema e das revistas. Os figurinos dos filmes eram essenciais para a difusão da moda, vastas quantias eram dispensadas no visual das grandes estrelas, pois não só as mulheres como também os homens iam ao cinema, principalmente, para conferir as novidades da moda. A maioria das pessoas por mais pobre que fosse, queria conservar a elegância (POLLINI, 2007). O cinema estava cada vez mais bem posicionado e frequentado.

¹⁰⁵ *Jornal Gazeta*, Teresina, 1942, n.1299.

Os estilistas continuaram fazendo seu trabalho, agora adaptado a um custo de produção mais baixo e vendendo por um preço mais em conta e, nos acessórios, a opção foi o cânhamo, a palha. Os primeiros materiais sintéticos começaram a ser utilizados na produção de calçados. O surgimento do sintético tornou o uso das meias-calças acessível a todos. Mesmo diante desse quadro de crise, acreditava-se que as moças ansiavam por luxo, sofisticação e glamour. (LAVÉR, 1989; NERY, 2009).

Nas *Figuras 71 e 72*, a seguir, podemos observar que as moças teresinenses de elite, frequentavam os novos espaços de sociabilidade que a cidade oferecia, pois tinham roupas apropriadas para esses locais. Podemos observar a presença dos folhos que eram um adorno que fazia parte das roupas da época.

Figura 71 e 72: moças teresinenses frequentando as praças na década de 1930.



Fonte: <http://www.cidadeverde.com/teresina160>¹⁰⁶.

No final dos anos de 1930, com a aproximação da Segunda Guerra Mundial, que estourou na Europa em 1939, e se estendeu até 1945, as roupas femininas já apresentavam uma linha militar, quase o caráter de uniforme. Essas roupas traziam ombros angulares, fechos e passamarias¹⁰⁷, saias estreitas com uma abertura lateral que, posteriormente, evoluiu

¹⁰⁶Cf. <http://www.cidadeverde.com/teresina160>. Acesso em outubro de 2014. A mesma referência vale para a Figura 72.

¹⁰⁷Apliques, fitas ou cordões aplicados em roupas. www.dicionarioinformal.com.br. Acesso em maio de 2016.

para um *evasê* que permitia uma movimentação melhor. Havia ainda o uso do cinturão que servia para reforçar essa premissa. Estas peças poderiam ter a mesma padronagem ou não, ou seja, era permitido misturar as peças e criar novas combinações (LAVÉ, 1989).

Como complementos, usavam-se chapéus de plumas, luvas, bolsas de usar ao ombro e sapatos que ofereciam conforto para caminhar. Pode-se mesmo afirmar que, de certa forma, o guarda-roupa feminino aproximou-se do masculino, pois o momento belicoso requeria uma mulher prática.

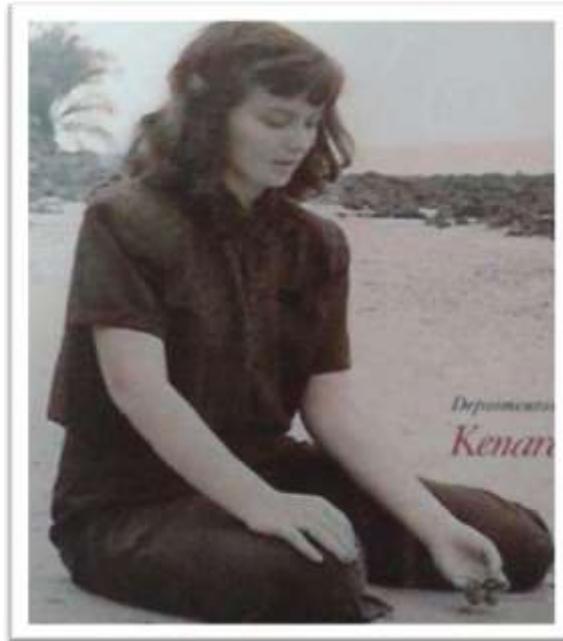
De início, a mulher saiu de casa para o trabalho nas fábricas, produzindo materiais para a guerra: bombas, canhões, carros, etc. Mais adiante, a moda adequou-se às mulheres que trabalhavam fora de casa ocupando outros postos: secretária, professora, enfermeira, balconista, datilógrafa, entre outras diversas profissões (LAVÉ, 1989; BRAGA, 2009).

Esse foi um dos legados da Segunda Guerra Mundial para o mundo da moda. As mulheres passaram a usar um *tailleur*¹⁰⁸ com ombreiras, elemento que trazia influência militar. As cores e os cortes eram sóbrios, com preferência pelo preto e azul-marinho, com saias ou calça comprida, todos do mesmo tecido, o que gerou diversos protestos. As calças compridas nos anos de 1930 eram trajes informais ou funcionais, aos poucos migraram da funcionalidade para as roupas de esporte e lazer. Entretanto, só se tornaram aceitáveis como traje informal para o dia a dia no final dos anos de 1930. As atrizes de Hollywood tiveram papel importante nessa divulgação, nos filmes elas mostravam as diversas possibilidades de uso das calças incentivadas por diversos estilistas americanos, além de defenderem os benefícios emancipatórios da peça para as mulheres (LAVÉ, 1989; BOUCHER, 2010).

Na *Figura 73*, temos uma imagem de uma senhorita da sociedade teresinense, Genu Morais, onde ela aparece trajando calça comprida, uma peça já disseminada entre as mulheres na década de 1930. Salienta-se que, dentre o material pesquisado no período em questão, a única mulher encontrada fazendo uso de calça comprida em Teresina foi Genu Morais, uma jovem da elite local que procurava sempre acompanhar os rigores da moda.

¹⁰⁸Roupa do guarda roupa feminino composto por casaco e saia, ou casaco e calça. Acesso em junho de 2016.

Figura 73: Genu Moraes, na década de 1930.



Fonte: <http://www.cidadeverde.com>¹⁰⁹

A França possuía uma indústria de moda reconhecida mundialmente nos anos anteriores à guerra. As produções dos estilistas franceses, a partir de então, passam a sofrer influência dos nazistas que consideravam a silhueta esbelta uma característica do modelo francês, considerado por eles, decadente.

Os nazistas valorizavam a silhueta robusta e atlética como o ideal feminino, adaptada ao trabalho rural e à concepção de filhos (MENDES, 2009). Então exerceram forte influência sobre a moda, pois, se em períodos anteriores à guerra o que vigorava era o excesso e o consumo ostensivo, durante os conflitos a ordem era a contenção, conseqüentemente, o guarda-roupa feminino sofreu influência direta e tornou-se discreto, mínimo e versátil (POLLINI, 2007).

A mulher passou a ser recrutada como força de trabalho fabril, principalmente na indústria têxtil. Como consequência, seu vestuário sofreu modificações para se adaptar as novas funções. Entretanto, exigia-se que as trabalhadoras estivessem elegantes em todas as ocasiões.

Com o clima de guerra, a produção têxtil ficou novamente voltada para a confecção de itens destinados aos suprimentos da guerra. O vestuário civil era produzido usando tecidos que tinham como matéria-prima fibras de origem sintética. Da mesma forma, em decorrência

¹⁰⁹Cf. <http://www.cidadeverde.com/teresina160>. Acesso em outubro de 2014.

das dificuldades de abastecimento de tecidos, preconizava-se o racionamento de roupas. Como alternativa à escassez de matérias-primas e produtos no mercado, popularizou-se a comercialização de roupas usadas, a costura doméstica e as técnicas de reaproveitamento de peças do vestuário (MENDES, 2009).

No decorrer da Grande Guerra, experimentou-se, na Europa, uma moda marcada pelo uso de duas peças, conjuntos compostos por saia e casaco, era a marca da década. As saias eram confeccionadas fazendo uso de pregas, mais comumente a saia *evasê* com prega macho, que, na maioria das vezes, apresentavam um bolso falso para economizar tecido e lhes conferir maior volume. As calças compridas femininas se tornaram práticas e por questões de conforto, o hábito de vesti-las se generalizou. Já a saia-calça era muito usada pelas ciclistas (LAVER, 1989; FIELL, 2014).

Os vestidos, quando utilizados, tornaram-se bem mais justos e exibiam um comprimento até a altura um pouco abaixo do joelho, procurando imitar os conjuntos de saia e casaquinho. Destaca-se ainda o uso de blusas justas, chapéus (por vezes substituídos por turbantes) e luvas (LAVER, 1989; POLLINI, 2007).

O *nylon* e a seda estavam em falta na Europa, fazendo com que as meias finas desaparecessem momentaneamente do mercado. Elas foram trocadas pelas meias soquetes ou pelas pernas nuas, e muitas vezes, as mulheres faziam uma pintura falsa na parte de trás das pernas, imitando as costuras das meias, dando a falsa aparência de que estavam usando meias.

Na *Figura 74*, podemos observar que as teresinenses também aderiram ao “estilo militar” com o uso de roupas de corte sóbrio, com ombreiras que dão a impressão de porte atlético e, ainda, saia e blusa de mesmo tecido. Essa moda era inspirada nos uniformes militares, com algumas funcionalidades adaptadas para o dia a dia da capital. Aqui as saias desceram para abaixo do joelho deixando as pernas discretamente à mostra. Percebemos a presença de bolsos tanto na blusa como na saia e neste há a presença de abas e de detalhes em tecidos de outra cor. Além da presença do cinto no mesmo tecido da roupa e em tecido diferente, fazendo lembrar o uniforme militar. Observa-se também que o modelo dos bolsos lembra os bolsos do fardamento militar inclusive o detalhe acima dele, em tecido diferente fazendo alusão à sutache¹¹⁰, presente nas fardas de militares.

¹¹⁰Faixa presente na lapela do bolso de uniformes militares, onde se encontra o nome e a patente militar.

Figura 74: Lísia e Lhis Cruz com seu cachorro Tupi exibindo roupas com estilo militar.



Fonte: acervo de Juliana Castelo Branco de Noronha Campos

Nas *Figuras 75 e 76*, observamos que o comprimento das saias está localizado um pouco abaixo dos joelhos. Observa-se ainda a presença de vestido ou dos conjuntos compostos por saia e blusa no mesmo tecido com a presença dos debruns¹¹¹ em destaque. A cintura volta a estar marcada e mais acentuada ainda pela presença dos cintos. Há a presença de detalhes em tecidos diferentes nos bolsos, nos punhos das mangas e no cinto que pode ser em decorrência da escassez de tecidos.

Figura 75: Lhis Cruz e familiares e **Figura 76:** Lísia Cruz .



Fonte: Acervo particular de Juliana Castelo Branco de Noronha Campos

¹¹¹Tira que se cose dobrada sobre a orla de um tecido. Aurélio, Dicionário da Língua Portuguesa. Ed. Positivo, 2010.

Ainda na *Figura 77* continuamos a observar o típico estilo militar presente nas roupas femininas da elite na cidade de Teresina. A presença de conjuntos formados por blasers e saias *evasê*, no mesmo tecido e em tecidos diferentes. Blasers e blusas com ombreiras davam a impressão de corpo atlético e ombros largos, corpos trabalhados pelos exercícios físicos.

Figura 77: Anfrísio Lobão, Alzira, Amalita e uma amiga, em 1944.



Fonte: acervo Juliana Castelo Branco de Noronha Campos

Na *Figura 78*, encontram-se Genu Moraes, ilustre figura da sociedade teresinense e algumas amigas em um encontro na Praça Pedro II em 1946. Genu procurava sempre andar na moda, para tanto, ela trazia as novidades das viagens que fazia com frequência. Observamos por meio da imagem que as moças exibem uma roupa que contempla as características da década de 1940: conjunto formado por saia e casaco no estilo militar, cinto no mesmo tecido da roupa, bolsos com lapelas, saias com comprimento abaixo do joelho. De acessórios, observamos a presença dos óculos escuros, um símbolo da jovem moderna, brincos, relógios e bolsas. Além disso, todas fizeram uso de maquiagem.

Figura 78: Genu Morais e amigas na Praça Pedro II em 1946.



Fonte: <http://www.cidadeverde.com>¹¹²

Os tecidos usados eram resistentes e havia a preferência pelo xadrez. Alternativa encontrada como forma de enaltecer e alcançar a beleza desejada foi o uso o uso de debruns¹¹³ em cores diferenciadas, o bolso falso e a maquiagem, muito embora esta também estivesse escassa, mas que era improvisada usando elementos caseiros (LAYER, 1989; BOUCHER, 2010).

Para amenizar esse caráter de sobriedade, as mulheres acrescentavam toques alegres como turbantes, lenços na cabeça, no pescoço e joias simples. Tais acessórios na cabeça foram mais um legado da Segunda Guerra. Enfim, foi uma forma que as mulheres encontraram para prender os cabelos para que não enroscassem nas máquinas enquanto trabalhavam. Advoga-se, também, que foi uma alternativa criativa devido às dificuldades de encontrar profissionais especializados em cabelos, produtos e chapéus. Uma alternativa para a escassez dos chapéus foi a confecção dos mesmos, a partir de lascas de madeira ou de jornal. Surgiram muitos modelos e adornos nos chapéus. Alguns eram grandes, com flores e véus; e outros, menores, de feltro, em estilo militar, tudo confeccionado com material que já possuíam em casa, fortalecendo o artesanato doméstico (LAYER, 1989; POLLINI, 2007). Em Teresina, nas fontes pesquisadas, não foi possível encontrar referência a estes acessórios de cabelo.

¹¹²Cf. <http://www.cidadeverde.com/teresina160>. Acesso em outubro de 2014

¹¹³Bainha ou borda de uma roupa.

Na *Figura 79*, temos Maria Heloísa Lobão, ilustre senhorita da família Lobão, primeira mulher a ocupar o cargo de gerente do Banco do Nordeste em Teresina, posando para foto em elegantes trajes da década de 1940. Vestido com casaco, chapéu e uma pequena bolsa com alça. Faz uso de acessórios como relógio, anéis e brincos, além da maquiagem. Percebe-se que nesta foto há elegância e sofisticação.

Figura 79: Maria Heloísa Lobão em 1941.



Fonte: acervo particular de Juliana Castelo Branco de Noronha Campos

Os sapatos também se modificaram bastante, muitos materiais sumiram do mercado e, com isso, surgiram saltos e sapatos de madeira, de cortiça, de feltro e, outros tecidos, e sandálias com tiras de pano ou até crochê de ráfia¹¹⁴ (LAVÉ, 1989; BRAGA, 2009, 2011).

As bolsas de couro eram raras e passou-se a fabricá-las de tecido ou tapeçaria. Usavam-se ainda bolsas de mão, surgindo as bolsas a tiracolo, mais práticas para quem usava a bicicleta como meio de transporte. Houve uma restrição também com relação ao uso do zíper nas bolsas e também com o fecho de metal, surgindo, assim, outros materiais como a madeira (LAVÉ, 1989; FIELL, 2014).

¹¹⁴Nome dado à fibra proveniente do caule da palmeira do tipo “raphia”, originária da África e América do Sul. Trançados de ráfia são amplamente utilizados na fabricação de calçados, bolsas e acessórios, além de itens de decoração em geral. Possui também a versão sintética, geralmente com tiras mais finas e leves. <http://glossario.usefashion.com/>. Acesso em junho de 2016.

Na *Figura 80*, encontramos novamente a jovem Genu Morais na década de 1940. Filha da elite política, econômica e cultural piauiense, procurava sempre estar antenada com o que era lançado no mundo da moda. Aqui observamos que ela usava uma bolsa pequena de mão. Pela aparência, sugere-se que seja de tapeçaria trabalhada com palha. Ao pousar para a fotografia, vemos que ela trazia óculos e luvas.

Figura 80: Genu Morais.



Fonte: <http://www.cidadeverde.com>¹¹⁵

Em 1945, chega então o fim da Segunda Guerra Mundial e das políticas de racionamento. Aos poucos a mulher voltava a ser feminina e glamourosa. De um estilo de moda militar, tem-se uma transição para uma moda sofisticada e elegante, que ressalta as curvas do corpo, deixando a mulher mais feminina. Trata-se de um novo estilo, o estilo *New Look*, criado por Christian Dior. A partir de então, metros e metros de tecidos eram gastos para confeccionar um vestido, bem amplo na altura dos tornozelos e com a cintura marcada. A elegância e feminilidade do vestido eram complementadas com o uso de sapatos de saltos altos, luvas e acessórios luxuosos, como peles e joias. Um prenúncio do que seria os anos de 1950, conhecidos como “Anos Dourados”, uma época de transição entre as guerras das décadas anteriores e as revoluções comportamentais e tecnológicas que iriam se desenvolver na segunda metade do século (POLLINI, 2007).

¹¹⁵Cf. <http://www.cidadeverde.com/teresina160>. Acesso em outubro de 2014.

Foi nessa década que surgiu o *ready-to-wear* (pronto para usar) nos EUA. Era uma forma de o mercado de moda produzir roupas de qualidade em grande escala. As lojas passaram a vender roupas por catálogos de venda por correspondência com os últimos modelos e eram entregues em até 24 horas. Logo em seguida, esse mesmo padrão de produção e venda de roupa foi lançado na França com o termo *prêt-à-porter*, que deu origem a produção de roupas em série. Isso foi responsável pela maior parcela de vendas no mercado de moda mundial naquele momento. Surge, então, um novo estilo e uma nova forma de se fazer e de se propagar moda que não será abordado neste trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho analisou como a moda, disseminada pelos grandes centros mundiais, chegava em Teresina na primeira metade do século XX, bem como a produção, o consumo e a difusão desta moda na cidade e sua aceitação pela elite feminina. Permite compreender como se deu o processo de modernização, civilidade e sociabilidade que aconteceu na primeira metade do século XX, nessa capital. Além do estudo da moda, destacamos ainda, outras vivências e práticas femininas existentes como a escolarização, a feminilidade e a inserção da mulher no mercado de trabalho, elementos que estão em sintonia com o consumo e a difusão da moda na capital.

De acordo com o referencial teórico adotado e com os resultados obtidos, a partir da análise das fontes, constatamos que Teresina, na primeira década do século XX, era uma cidade cuja população ansiava por urbanizar-se e modernizar-se. A população, embora ainda estivesse atrelada aos hábitos e costumes provincianos, ansiava por algumas mudanças e lutava para que as mesmas fossem implantadas. Constatou-se que, ao final da primeira década do século, a população teresinense começou a usufruir dos preceitos ditados pela sociabilidade e civilidade de uma estrutura local em processo de urbanização: água encanada, energia elétrica, linha telefônica, serviço de saúde e educação, calçamento de ruas, além de outras benfeitorias. O surgimento de novos locais de sociabilidade em Teresina levou a população, principalmente, a feminina, a deixar o espaço do lar, em busca de novas atividades. Esses espaços exigiam um determinado tipo de vestimenta para essas novas ocasiões que surgiam, criando possibilidades para que as mulheres fossem vistas, reinventando-se, desenvolvendo novas formas de relação com seu corpo, entre outras coisas.

Desse modo, o cenário social favorável que surgiu permitiu a implantação de um comércio de artigos de moda, principalmente feminina na cidade. Identificou-se ainda a importância dos imigrantes que vieram para o Piauí na ampliação desse setor, visto que, por um longo tempo, ele foi dominado por imigrantes árabes que já trabalhavam com esses artigos em outras localidades ou que tinham algum parente no ramo. Assim, surgiram em Teresina várias lojas que negociavam esses artigos.

Observamos que a moda em Teresina, a exemplo de outras cidades do país, foi muito difundida através do cinema, que era um espaço bastante frequentado pela população teresinense, o que nos permitiu reforçar a compreensão sobre a relação entre moda, modernidade e urbanização. Ademais, a moda também chegava à capital por meio de revistas e jornais locais que teciam comentários sobre tudo o que acontecia no mundo da moda nas

grandes capitais brasileiras. Esses periódicos exibiam também anúncios das lojas na cidade que trabalhavam com esse tipo de mercadoria e que aproximavam as pessoas do consumo através das informações fornecidas. Tais aspectos, além de servirem aos objetivos principais dessa pesquisa, mostram, ainda, que o Piauí no início do século XX não se encontrava isolado do restante do país. Pelo menos uma parcela de sua população era integrada aos acontecimentos dos grandes centros e, nessa condição, atuava como elo entre essas áreas e aquelas que permaneciam mais afastadas.

Os dados revelaram que mudanças significativas no modo feminino de se vestir nesta capital podem ser percebidas a partir de 1915, quando a mulher começou a se libertar dos incômodos espartilhos, que lhes limitava os movimentos por muito tempo, momento que coincide com a expansão da cultura da maniçoba e de outros produtos da economia local. Isso foi o prenúncio de uma época de liberdade feminina que veio a se intensificar na década de 1920.

Dessa forma, na década de 1920, difundiu-se por todo o mundo, o estilo melindrosa para as mulheres. As moças passaram a cortar os cabelos curtos, usar faixas em torno dos seios como uma forma de escondê-los, encurtaram o comprimento dos vestidos, deslocaram a cintura. Passaram a fumar, escutar jazz, tango ou samba. Elas também usavam maquiagem forte, de maneira efetivamente contrária à da tradicional conduta feminina. Essa moda foi aceita, mas com algumas restrições pela elite feminina em Teresina, conforme se constata pelos jornais analisados. Como em todo momento de mudanças, o processo não deixou de encontrar resistências. Havia aqueles que apoiavam, mas também havia aqueles que se colocavam totalmente avessos às novas modas. Porém, apesar de algumas oposições, as fotografias da época comprovam que, efetivamente, a moda ia se difundindo entre as mulheres da elite feminina de todas as idades.

Os acontecimentos mundiais das décadas de 1930 e 1940 trouxeram mudanças nas formas de se vestir das pessoas em vários países. Essas mudanças também aconteceram no Brasil. A década de 1930, devido à crise econômica mundial, levou a uma moda mais simples, com menos tecido, menos *glamour* e menos sofisticação. Houve uma grande quantidade de reformas e de reaproveitamento de roupas. Esse fato em Teresina foi notório, inclusive na elite. Percebeu-se o uso das roupas com características mais para o dia.

Na década de 1940, percebeu-se que as notícias em destaque nos jornais eram aquelas referentes à Guerra e pouco ou nada se encontrava sobre moda, inclusive os anúncios de lojas do ramo, tão comuns na década de 1920, desaparecem, quase que totalmente, o que pode ser justificado pela real ausência de mercadoria desse gênero, uma vez que havia a dificuldade de

transporte devido à Guerra. No entanto, a moda propagada na década de 1940, ficou bem evidente em Teresina: a moda do estilo militar, observada nas fotografias das mulheres da época.

As pesquisas realizadas na construção deste trabalho nos faz concluir que, a moda difundida nos grandes centros produtores internacionais, chegavam em Teresina por meio do cinema, de jornais e de revistas e que era aceita pela elite feminina que exigia do comércio artigos do gênero, sendo mais evidenciada em todos os seus aspectos nas décadas de 1920 e 1940.

REFERÊNCIAS

BAECHLER, Jean. Grupos e sociabilidades. In: BOUDON, Raymond. *Tratado de sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

BARDIN, Lawrence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa. Edições 70, 1977.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo. Companhia das Letras, 1996.

BONADIO, Maria Cláudia. *Moda e Sociabilidade: Mulheres e consumo na São Paulo dos anos de 1920*. São Paulo. Editora SENAC São Paulo, 2007.

BOUCHER, François. *História do Vestuário no Ocidente*. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2010.

BRAGA, João. *História da Moda, uma Narrativa*. São Paulo. Editora Anhembi Morumbi, 2009.

BRAGA, João; PRADO, Luís André do. *História da Moda no Brasil*. São Paulo: Pyxis Editorial, 2011.

BRITTO, Bugyja. *Narrativas autobiográficas*. Rio de Janeiro: Folha Carioca, 1977.

BURKE, Peter. *Testemunha Ocular: História e Imagem*. 2. ed. São Paulo: EDUSC, 2004.

CARDOSO, Elisângela Barbosa. *Identidades de gênero: amor e casamento em Teresina (1920-1960)*. 2010. Tese (Programa de Pós-Graduação em História), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

_____. *Múltiplas e Singulares: história e memória de estudantes universitárias em Teresina 1930-1970*. 2. ed. Teresina: EDUFPI, 2012.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Teresina no tempo dos lampiões de querosene*. Cadernos de Teresina, n.18,1994.

_____. Desejos, tramas e impasses da modernização (Teresina 1900/1930). *Scientia et spes*, Teresina, Instituto Camilo Filho, v. 1, n. 2, 2002.

_____. As Transformações nas Sociabilidades dos Jovens em Teresina na Primeira metade do século XX. *Revista do INESC*, Vol. 6, 2006.

_____. *Mulheres Plurais*. 3. ed., v. 01. Teresina: Editora da Universidade Federal do Piauí, 2013.

COSTA, Francisco Humberto Vaz da. *De relance: a construção da civilidade em Teresina (1900-1930)*. Francisco Humberto Vaz da Costa. Teresina, 2009.

ELIAS, Norbert. *A Sociedade de Corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

FEIJÃO, Rosane. *Moda e Modernidade na belle époque carioca*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011.

FIELD, Charlotte; DIETRIX, Emmanuelle. *A Moda da Década de 1920: um panorama completo e ilustrado da indumentária e da beleza nos anos loucos da era do jazz*. [tradução Laura Schichvarger]. São Paulo: Publifolha, 2014.

FONTINELES FILHO, Pedro Pio. *Desafiando o Olhar de Medusa: A Modernização e os discursos modernizadores em Teresina nas duas Primeiras Décadas do Século XX*. 2008.

JONES, SueJenkyn. *Fashion Design - Manual do Estilista*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

KÖHLER, Carl. *História do vestuário*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

KRUEL, Kenard. *Genu Moraes – a Mulher e o Tempo*. Teresina: Zodíaco, 2015.

LAVIER, James. *A Roupas e a Moda: uma história concisa*. São Paulo. Companhia das Letras, 1989.

LIMA, Nilsangela Cardoso. *Invisíveis Asas Das Ondas ZYQ-3: Sociabilidade, Cultura e Cotidiano em Teresina (1948 – 1962)*. Teresina, 2007.

LIMA, Iracilde Maria de Moura Fé. Teresina: urbanização e meio ambiente. *Scientia et Spes*. Revista do Instituto Camillo Filho. v. 1, nº 2, Teresina: ICF, p. 181-206, 2002.

LIPOVETSKY. *O Império do Efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MARINHO, Joseanne Zingleara Soares. *Entre Letras e Bordados: o tecer das tramas na história das normalistas em Teresina (1930-1949)*, 2008.

MENDES, Valerie D; HAYE, Amy de la. *A moda do século XX*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. *Rua da Glória 2: as armas e as máquinas (1896-1921)*. Teresina: EDUFPI, 2015.

MONTEIRO, Ogmar. *Teresina Descalça: memória desta cidade para deleite dos velhos habitantes e conhecimento dos novos*. Fortaleza, 1987.

MORAES, Roque. *Análise de conteúdo*. Revista Educação, Porto Alegre, v.22, n. 37, p.7-32, 1999.

NASCIMENTO, Francisco Alcides. *A cidade sob o fogo: modernização e violência policial em Teresina (1937-1945)*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2002.

NERY, Marie Louise. *A Evolução da Indumentária: subsídios para a criação de figurinos*. Rio de Janeiro. Editora Senac, 2009.

NUNES, Lizianny Leal. *Sistema de Moda e Papéis Femininos na Primeira Metade do Século XX*. Monografia (Graduação em História) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, Piauí, 2013.

NUNES, Bárbara. *Em Busca do Corpo Masculino Ideal: higiene, atividade física e moda masculina em Teresina (1900 – 1930)*, Teresina, 2014.

PEREIRA, LUCIANA DE LIMA. Espaço urbano teresinense entre a salvação e a perdição da década de 1950. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo, 2011.

PIMENTEL, Valderez Cavalcante. *A aculturação do imigrante sírio no Piauí: estudo de caso*. Teresina, Projeto Petrônio Portela, 1986.

POLLINI, Denise. *Breve História da Moda*. São Paulo: Claridade, 2007.

QUEIROZ, Teresinha. *História, Literatura, Sociabilidades*. 1. ed. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998. 234p.

QUEIROZ, Teresinha. *Economia Piauiense: da pecuária ao extrativismo*. 3. ed. rev. Teresina: EDUFPI, 2006.

QUEIROZ, Teresinha. *As diversões civilizadas em Teresina: 1880-1930*. Teresina: FUNDAPI, 2008.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *Os Literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo*. Teresina: EDUFPI, 2011.

REGO, Júnia Mota A. Napoleão do. *Dos sertões aos mares: a história do comércio e dos comerciantes de Parnaíba (1700 – 1950)*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

ROCHA, Olívia Candeia Lima. Discursos e Imagens sobre as mulheres nas primeiras décadas do século XX na cidade de Teresina. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo, julho 2011.

SÁ FILHO, Bernardo Pereira de. *Cartografias do prazer: boemia e prostituição (1930-1970)* 161f. Dissertação (Mestrado e, História) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí. 2006.

SOARES, Norma Patrycia Lopes. *Escola Normal em Teresina (1864-2003): Reconstruindo uma memória da formação de professores*. Teresina, 2004

SOLON, Daniel Vasconcelos. *O Eco dos alto-falantes: memórias das amplificadoras e sociabilidades na Teresina de meados do século XX*. Teresina, 2006.

STREY, Marlene Neves. Mulheres e moda: a feminilidade comunicada através das roupas. *Revista FAMECOS*. Porto Alegre, n. 13, dezembro de 2000.

TAJRA, Marta Tera. *A História do Comércio de Teresina na História do Piauí*. Teresina: Zahle, 2014.

TITO FILHO, A. *Teresina: ruas, praças e avenidas*. Teresina: PRELO, 1986. p. 4.

VILHENA, Marcos. *Carcamano*. Universidade Federal do Piauí, 2001.

FONTES

Instituições de Pesquisa

Arquivo Público do Piauí – Teresina

Casa de Cultura Anísio Brito – Teresina

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

Jornais Consultados:

A Luz (1939)

A Palavra (1902)

A Pátria (1902 - 1903)

Gazeta (1909, 1911-1914, 1924, 1925, 1942-1944)

Chapada do Corisco (1918, 1919)

Cidade Verde (1912)

Correio de Teresina (1916)

Diário do Piauí (1914)

Diário Oficial (1910, 1943)

O Arrebol (1918-1919, 1921-1925)

O Artista (1918-1919)

O Comércio (1906-1907)

O Nordeste (1920)

Vida Social (1926)

SITES PESQUISADOS

<http://www.piracuruca.com/index.php/historia-iluminacao-eletrica-em-teresina-teresinameuamor>. Acesso em outubro de 2015.

<http://patrimoniograficoemrevista.blogspot.com.br/2010/07/jornal-das-mocas-1914-65.html>. Acesso em dezembro de 2015.

http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/fonfon/fonfon_anos.htm. Acesso em dezembro de 2015.

http://maisoumenosnostalgia.blogspot.com.br/2008_05_01_archive.html. Acesso em dezembro de 2014.

<http://www.cidadeverde.com/272388342841711/photos/a.362181773862367.86448.272388342841711/422786711135206/?type=1&theater>. Acesso em janeiro de 2015.

<https://www.cidadeverde.com/272388342841711/photos/pb.272388342841711.-2207520000.1456690633>. Acesso em outubro de 2014.

<http://www.ibamendes.com/2015/10/um-pouco-mais-da-historia-visual-de.html>. Acesso em outubro de 2014.

<https://www.cidadeverede.com/272388342841711/photos/a.1039351946145343.1073741876.272388342841711/1041245245956013/?type=3&theater> Acesso em outubro de 2014.

<http://www.cidadeverde.com/teresina160>. Acesso em janeiro de 2016.

<http://www.portaltudoaqui.com.br/magra-gordinha-cheinha-a-roupa-certa-para-cada-tipo-fisico>. Acesso outubro de 2014.

<http://clubedehistoriadatiao.blogspot.com.br/p/teresina-160-anos-fotos.html>. Acesso em 01 de maio de 2016.